



W. C. FREEMAN
ENCAJENADOR
LISBOA

L.

324 7



~~324~~

~~CA~~

324



OLYMA

L. no

D E

3247

DIOGO

BERNARDES.

DEDICADO

W. L.

AD ILLVS ^{Asiant} SSIMO,

& Reuerēdi ^{ecel.} Senhor

Dom Jo: ^{siem eu} lua Ca.

pellāy ^{de sua}

Asiant

ecel.

siem eu

de sua

de

Com as necessarias.

EM LISBOA.

Por Lourenço Craesbeck impressor

del Rey . Anno 1633.



Licenças.

Veste liuro do insigne Poeta Diogo Bernardes, chamado o Lyra. que continha as suas Eglogas, & diuersas Cartas, & por isso a har nellas cousas contra nossa Santa Fé, & bõs costumes, se pôde dar a licença que se pede. No Conuento da Esperança de Lisboa, em 30. de Outubro de 632.

Fr. Sebastião dos Santos.

Vestas Eglogas, & Cartas de Diogo Bernardes, tão celebradas por suas, como elle eterniza. Por ellas, & me pareceo que se de ta... ouuera que outra vez as estam... eria deixar hũ tal seruiço... & hũa ta... de .m. tão mal se... & assi par... se não diga que a... eue l... 46 a ausencia causa... f. 40 que se torne a... f. 52 inlingos de Lisboa, em... f. 53 pro de 632. dar l... b

Fr. Ay. l... m.

M. & imeto, de caa

Vestas as informas... me costumava... & depois de ir... & enrique... Com... Porq̃ além... animos Reays

não res; como acet

E M Ile 16 66

Por Lourenço Or... 68

de Key IX. Re

Licenças.

Dou licença para se poder imprimir este liuro, intitulado. O Lyma de Dio:
30 Bernardes, Lisboa 12 Nouebro 632
Ioão Bezerra Iacome
Chantre de Lisboa.

Que se possa imprimir este liuro, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará a esta mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 13. de Nouembro 632.

Cabral. Salazar. Barreto.

Vi este liuro, e concorda com o Original. Em S. Do os de Lisboa em 20
febreiro de .
yres Correa.

h pode correr este
luro 633

Barreto.
oc

O A D A.

loga primeira.	Fol. 1
Singa, Egloga II.	f. 5
Luanda, Egloga III.	f. 8
Filis, & Marilia, Egloga IIII.	f. 11
Marilia, Egloga V.	f. 13
Saa, Egloga VI.	f. 15
Nyse, Egloga VII.	f. 17
Ioanna, Egloga VIII.	f. 19.
Ines, Egloga IX.	f. 21
Perio, Egloga X.	f. 24
Galatea, Egloga XI.	f. 27
Deploratoria, Egloga XII.	f. 30
Lilia, Egloga XIII.	f. 32
Sylvia, Egloga XIIIII.	f. 35
Peregrino, Egloga XV.	f. 37
Diligencia, Egloga XVI.	f. 44
Antiphona, Egloga XVII.	f. 46
Lucia, Egloga XVIII.	f. 49
Antonio, Egloga XIX.	f. 52
Helio, Egloga XX.	f. 53

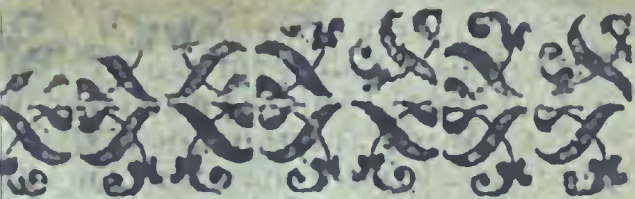
P A R T A S.

Carta I. Ao doctor Francisco de Saa	
Miranda.	Fol 55
Ao do mesmo.	f. 57
Carta II. Ao D. Antonio Ferreira. ibid.	
A Pero de Andrade Caminha.	f. 59
Jo de Castello branco.	f. 60
Alcaçova Carneiro.	f. 62
Francisco de Moura.	64
de Lemos.	66
Agostinho da Cruz.	68

T A B O

- IX. Reposta do P.F.
 X. Ao P.F. Thomas de Souza.
 XI. A Pero d'Andrade Caminha.
 XII. Ao doctór Antonio Ferreira.
 XIII. Reposta de Antonio Ferreira.
 XIII. Ao D. Antonio de Castilho.
 XV. A Christouão de Tauora.
 XVI. A Frâncisco de Sã de Meneses.
 XVII. De Iorge Bacarrao.
 XVIII. Reposta a Iorge Bacarrao.
 XIX. De Iorge Bacarrao.
 XX. Reposta do Autor.
 XXI. A Pero d'Andrade de Caminha.
 XXII. Reposta de Pero d'Andrade.
 XXIII. A Dom Fernando Aluar
 Castro.
 XXIII. A D. Manoel Coutinho
 XXV. A Ruy Gomez da Graã.
 XXVI. Ao mesmo Ruy Gomez
 XXVII. A dom Gonçalo Co
 XXVIII. Ao Conde de Mo
 XXIX. A D. Christouão de ceek
 XXX. A Gaspar de Sousa.
 XXXI. A Pedr'alurcz Pereira.
 XXXII. A Ioaõ Rodriguez de S.
 Ao Licenciado Ioaõ Pimenta.

F I M.



A D O N I S.

E G L O G A. I.

S Y L V I O, E S E R R A N O.



S suas vacas a beber le-
vando

Hũ dia ô Lima, Silvio
grão vaqueiro

Omorto Adonis entre
si chorando

Vio â sombra da rama

d'hũ vlmeiro

Or-nir Serrano, junto da ribeira,
Serrano seu amigo, & companheiro,
oltando do peito a voz. inteira

Cô triste rosto em lagrimas banhado
Começoulhe a dizer desta maneira.

mo dormes Serrano descansado

Ao som do claro rio, que consigo

Parece que te leua o mais cuidado.

rr. Antes de muy cãfado, Sylvio amã

Aqui d'hũ leue sono me vencẽ, (po,

Que de noite não pode êtrar comigo

antecorantes tu yês, tanto corri,

E G I O

De valle em valle
Em busca d'ũ hêze

E tenho para mim q̃
Pois hontẽ, sê ning

Da mãy sô s'apartou, não mais fato
Cuido qu'algũ ladraõ andou com elle,

Porque se foraõ lobos mal fazentes
Podêra o sãgue achar, ossos, ou pelle,

Mas a ti que te canfa, que mal sentes,
Que grande no teu rosto se figura,
E nessas tuas lagrimas correntes?

Sylu. Ah novas tristes, ah desauentura,
Ah fados no môr bẽ, møres tyrãnos

ô manhã cõuertida em noite escura

Secaiuos verdes campos Lusitanos,
Secai fôtes, & rios, secai flores, (nos

Mostrai neste graõ dãno grãdes dã-

Cobriuos verdes bosques doutras cores
Tam tristes como traz a dør cõligo

Sêti tamanha perda de pastores. (g)

Ser. Descubre esse mal ja ah Silu 10
Que pois he mal cõmũ segũdo 10

Tambem o chorarei aqui cont 0.10

Sylu. Leuou a cruel morte sem tã 10
Aquelle bello moço a quem tr 10

Esperauão pagar o Indo, & o T 1

Que bem na vida ja, que rosto ei 1
De Ninfa, ou de pastor se pode

Qual aue escusa dor, qual fero l

Morreo contigo, Adonis, o prazer
A brandura, o amor, o auiso raro,

De tudo se quiz o Ceo enriuecer.

Ser. ò Adonis pastor fermol
Contigo nos crecia heiu

E das fontes corria cryst

o trabalho daua a terra,
 o gado nas môtanhas
 Não lhe fez o lobo cruel guerra.

Sylu. Chorai tamanho mal, gêtes estra
 Nas frias, & nas quêtes regiões, (ñas
 Chorai perda q̃ fez perdas tamañas
 Ser. Dai lagrimas se fim, varias nações,
 A dor q̃ enche de dor, êche d'espáto,
 A dor de Tygres magoa, & de Leões.

Não negue cousa viua, viuo pranto
 De quantas o Ceo vê, a terra cria,
 As qu'o mar cobre fação outro tâto

Sylu. Escuro torne sempre aq̃lle dia,
 Em q̃ da bráca neue andou i eubãdo
 A morte, as frescas rosas cõ mão fria

Serr. Aisi se foi teu rosto descórando
 Como o lyrio no câpo, ou a benina,
 A quê o arado talha em trespassãdo

Sylu. Leuoute pera si, ò flor diuina,
 E se que girato sol, enfrea os vétos,
 A quê o Ceo, a terra, o mar s'inclina

Ser. Lá gozas immortais cõtentamêtos
 Nos sicamos sem ti nesta baixeza,
 Em magoas, e misérias, em tormêtos

De q̃ he chea esta nossa natureza,
 Syluio a mini me pesa d'acabar,
 Mas não tenho vagar, pera que nôs
 Choremos aqui soos, & se tiuera
 Bem sei q̃ fallecera, em tâta mingoa
 A triste voz à lingua, os oll os agua,
 Porq̃ hũa grande magoa ni ca deixa
 A quem della se queixa poder tal,

Quem como sente o mal, o manifesta:
 Mas tal is que ja neste caso triste
 Não consiste o sentimento

E G L O

Tenhamos sofrin
 Pois que tudo or
 Em fim elle nacee
 Quem poderá sab
 Partirte tal pastor
 Se despois em idade
 Tenhão peitos huma
 Diuina prouidencia
 Julguemos o da terra, não julguemos
 Coufas que não podemos alcançar.
 Syllu. Terà quem tal negar juizo cego,
 Por tanto não te nego isso q' dizes,
 Que seremos juizes do diuino,
 Parece de latino, ou peor erro. (ma
 Ser. Emfim o meu bezerro por m' cha-
 E sua mãy que brama, ainda m' obriga
 A que de trouo siga em sua busca
 Antes q' a noite fusca à vista estreite,
 Pôde ser qu' aproucite algũa coufa.
 Syllu. Inda o gado repoufa, não t' apref
 Se por caso conheces quẽ lá vẽ
 Pola banda d'alem, olha primeiro
 Que pastor estrangeiro me parece.
 Ser. Ah quãto m' è tristece, a vista delle,
 E do que vem com elle, se bem vejo,
 Pastores saõ do Tejo, antes do Lima
 E a dôr que os lastima he de maneira
 Que na sua ribeira os desconhecem
 Inda que te parecem, doutras terras
 Ia tu por estas serras os verias
 Em mais alegres dias, cõ mais gosto.
 Mudãças faz no rosto o sprito triste
 O que primeiro viste, aquelle digo
 He Franco, & traz consigo Limiano,
 Ambos no cõmuni d'ão receberão

... que se verá por melhor,
 ... se pode ser,
 ... a tr'estes mōtes.
 S, ... Abalta, não me cōtes delles mais,
 Que bẽ mostrão sinais de seu pezar.
 Serr. Ao menos em buscar lugar escuso
 Fôra do cōmum vfo, solitario,
 Cōforme, & necessario aquẽ d'ôr sete,
 O Lyra brandamente vay correndo
 O vento està mouendo a folha leue,
 A hora, qual ser deue, abrãda o Sol,
 Lã cãta hũ ruy sinol, mas não sei onde
 Hũ Melro lhe responde desta banda;
 Vay dãdo n'agua brãda a truyta sal-
 Daq'lles mōtes altos sōbras caẽ; (tos
 Olha que torres facin là do mar,
 Onde se vay banhar ja Febo louro,
 Hũas parecẽ d'ouro, outras de prata.
 Mas como as desbarata o sol fugido
 Como se vão cobrido doutras cores
 ja. Os doustristes pastores solpirando
 A lingua ao prãto dãdo, olhos ao cho
 Quere pagar o foro ã magoa, é dor (ro
 A vida que na flor vlrãõ cortada,
 A triste & magoada voz leuantãõ,
 Iã que chorando cantãõ, escutemos
 Que daqui ouviremos queixas tristes
 Franc. Cãfados olhos, se desq partistes
 Donde tal perda vistes
 Nunca fizestes al senãõ chorar,
 Que razãõ me dareis de não cegar,
 Pois pera descansar
 Vendo, não podeis ver contẽtamẽto?
 Limi. Vẽdo, não podeis ver cõtẽtamẽto

E G L

Que vos não dê

Olhos que morre

Ah dura estrella,

Ah surdo, & cego

Surdo, & cego

Frãc. Surdo, & cego

Qu'os olhos cobre d'agua, (magoa

O peito sospirando enche de fogo,

Ditolo o que faz da vida jogo,

Triste quem perde o rogo

Contigo, contra nôs morte tyrãna.

Lim. Côtigo, côtra nôs morte tyrãna

Desta miseria humana

Me não queres levar, tanto t'algaRe

Quando o fermoso Adonis nos leua-

Que logo desprezaste,

Em desprezada vida vsar crueza.

Franc. Em desprezada vida vsar crueza

Se julgas ser baixeza

Matandome vsaràs de piedade.

Deixaresme viuer he crueldade,

Pois nesta laudade;

Nunca verei prazer, nem vida vejo.

Lim. Nunca verei prazer, nê vida vejo

Que lã junto do Tejo

Tu morte me roubaste a melhor vida

Ah fera, sem razão endurecida,

Inda não era vrãida

Tam rica tãa, quando a tu cortaste.

Franc. Tam rica tãa, quando a tu cor-

Cruel que não olhaste

Quãtas cõ teu mortal golpe cortaua

Ou acabãras ja, pois

Porque não acabauas,

Que nos deixaste cã em

te cá em choro, &

santo (práto

Sem gosto, sem conselho, sê abrigo?

Ou não foras, ou foramos contigo,

Ah que não sei que digo

Quem merecia subir a tanto bem?

Fran. Quê merecia sobir a tanto bem?

Tú bello moço, a quem,

Não merecia ter o mundo triste,

Eras digno do Ceo, ao Ceo sobiste.

Mas ah, cedo partiste

Isto choramos nós, isto sentimos.

Limi. Isto choramos nós, isto sentimos

Lembrarnos que te vimos

Quando menos havia que temer,

Num volver d'olhos delaparecer

Pera te nunca ver

Pera nunca ver mais hũ dia claro.

Fran. Pera nunca ver mais hũ dia claro,

Quem vio tal desemparo,

Nem vontade, nê olhos nunca tenha.

Este sol q se vay nunca mais venha.

Là o dia nos detenha,

Nós tenhamos cá sêpre noite escura

Limi. Nós tenhamos cá sêpre noite es-

cura

Tornê o verde Abril, & o lindo Mayo

Passou o nosso gosto como rayo,

Em tam geral desinayo (tes?

Como não chorais vòs, valles, & mō

Fran. Como não chorais vòs, valles, &

E vòs Ninfas das fontes, (môtes?

Delissimas Napéas, & Driadas

Dezadas fermosas, & Nayadas,

Com vozes magoadas

Ajudai a chorar

Limi. Ajudai a cho

Satyros, & Sylva

Có tais accētos,

Deixai de cātar,

A vossa antiga pen

Pera chorar cō

Frã. Pera chorar cō. oíco a nossa noua

Toda a gente se moua; (nha

Não haja hauer no mūdo parte stra-

De quātas o sol rodea, & o mar ba-

porque perda tamanha (nha,

Fique com seu deuido sentimento.

Limi. Fique-cō seu deuido sentimento

Escrito este tormento

Nas duras plātas, nos penedos duros

Deſtes valles, q̄ ſebo deixa escuros,

A fim que nos futuros

Tepos, do noſſo tēpo haja memoria.

Fran. Tēpos do noſſo tēpo haja meino

vença tam triste historia (ria

A força dos annos, ſeja immortal.

Neſta ribeira (ſe ella tanto val)

Tal perda, magoa tal.

Tal idade, tal vida, à morte dada.

Limi. Tal idade, tal vida, à morte dada

Sem fim ſeja chorada;

Aguas do brando Lyra deleitofas

Tornemſe voffas ondas vagarofas

Lagrimas ſaudofas, (to.

Pois não podē meus olhos chorar tē

Fran. Pois não podē meus olhos chorar

Quanto a dor pede, & quāto

Deſeja eſta alma triste de chorar,

Lagrimas que por ti cà de

Sprezar

o choro s'estima.

Se la fobem acima

Se la fobem acima

Sospiros messageiros da vontade,

Recebeos que te manda a saudade,

De quem tam de verdade

Da tua vida chora o roto fio.

Aqui porque ja tudo era sombrio, (res.)

Deraõ fim a leu pranto os dous pastores

E forão suspirando ao som do rio

Os outros dous q' ouvirão suas dores

Tambem aleus currais se forão logo.

Onde lhe tinhão ja os seruidores

O gado recolhido, e feito o fogo.

F L O R A,

E G L O G A II.

Limiano.

N Vm solitario valle, fresco, & verde,

Onde cõ vea doce, & vagarosa

O vèz, no Lyra entrãdo, o nome per

Nãa tarde rosada, graciola, (de.

Quãdo no mar seus rayos resfriava

O sol deixando a terra saudosa.

Ouni hãa voz tri ste que soava

Tam brandamente alli, que parecia

Hũ rio que com outro murmurava

Que do campo recolhia

Deixando nelle, por ãtre a espessura

Meu prozando á trille voz q' ouuia

Vi Tirse, & Melibeu, que
 Antre bastos salgueir
 Chorauão duras ma
 Nesta nossa ribeira am
 Mas como pouco ne
 Erão mais na do Te
 Em moços foraõ là, là se criaraõ
 Cõ outros de mór nome, mór estima
 De tanger, de cãtar fama cobrarão.
 Não das nossas cantigas cã de cima,
 Doutras de tam bõ sã, q'inda pastor
 Tẽgora as não cantou jũto do Lyma
 Ditofos foraõ elles, se na flor
 De sua mocidade, os tenros peitos
 Podẽraõ defender do cego amor.
 Vieraõ de tal modo a ser sũgeitos
 Do brando parecer de duas bellas
 Ninfas, q'sem olhar outros respeitos
 Determinado tĩnhão ja naquellas (do
 Partes, q' o Tejo banha guardar ga-
 Negando a sua patria pola dellas.
 Mas este fundamento derrubado
 Viraõ no triste dia, quando viraõ
 Da vida o bello Adonis ser roubado
 Logo contra seu gosto se partiraõ
 Da terra, onde tal bẽtãtos perderaõ
 O q' pera mais mal tambẽ sentiraõ.
 A tristeza continua, a que se deraõ
 Com tamanha largueza se lhes deu,
 Que me fez duuidar se aq'lles eraõ.
 Continuaua Tirse o pranto seu
 Queixandose do caso duro, & fero,
 Fez o mesmo apos elle Melibeu.
 O que disieraõ ambos dizer quero
 A vós fermosa Ninfa desta fonte,

magoa ouuido ser espero
 Inda q' vós não veja a bella fronte (res-
 Erguei, & a linda mão deixe os lauo-
 Em quãto Amor me mãda q'vos cõte
 Os versos destes dons tristes pastores

T I R S E .

Q'Ve farei triste, nestas sóbras frias |
 Ao som destas ribeiras que farei,
 Que posso fazer ja senão chorar?
 Ia tempo foi que por aqui cantei,
 ò quanto se mudou em poucos dias,
 Triste de quẽ não pode alma mudar.
 Rios que sem canlar
 Sempre vejo correr,
 Montes que estais num ser,
 S'algũ ora d'amor força sentistes,
 Ouvi d'ũ pastor triste magoas tristes
 Qu'inda q' não saõ estas as primeiras
 Que vós cantar me ouuistes,
 Já pode ser que seião derradeiras.
 Nam liure de cuidados, quam cõtente
 Me lembra q' pisaua esta verdura
 Cantando neste valle, onde me vejo
 Triste, posto è prisão pesada, & scura
 Ond'alma chora em vão. o mal q' se te
 Chea de saudade, & de desejo.
 Famoso, & rico Tejo,
 Que banhas os ditosos
 Campos, onde os fermosos
 Olhos de Flora ao sol fazê enueja,
 Quando serà que tam lédo te veja
 Quam triste m'està vèdo, & ouuindo
 O Lyra que deseja (aqui

E C L O G A

Aguas que leua ao mar, tuas
 Formosa Flora, pois est' alma tua
 Vontade ter pera de ti partirme?
 Triste vontade não, causa fictioe,
 Leuou a morte Adonis, destrulme
 De tal maneira quis; ah morte crua
 Crua a quẽ morreo, crua a quẽ viue.
 Antes que descatiue
 Meu doce amor o seu,
 Doce amor do meu
 O fio corta desta fraca tea,
 Chea de dores, de miserias chea,
 Não vejaõ os meus olhos, q'ja d'agua
 Saõ feitos viua vea, (magoz.
 Sobre magoas tamanhas, tam grãõ
 Quem podia cuidar que tam afinha?
 Me derribasse o fado, ah fado duro,
 Daquelle alegre estado em q' me via
 Vendo, formosa Flora, o rayo puro
 Da tua doce vista, por quem minha
 Alma, suauemente em fogo ardia.
 A noite louua o dia,
 Soube este defengano,
 Agora com tal d'ãno
 Que me fora melhor inda enganado
 Viuer, pois que viuia descansado,
 Mas quem serà q' fuja ao qu'o ceo tẽ
 Em si determinado,
 Quer seja pera mal, quer pera bem?
 Triste, que nesta ausencia vo
 Em lagrimas a vida, que j
 De todo consumida, se cu
 Que tanto s'alongasse, d'hora
 Este cruel desterro, no qu
 Tã tal, que se me vir nest'

Não me conhecerei,
 Porque quando deixei (re
 De ver, os verdes olhos porquẽ mou
 Rosas em viua neve, tranças d'ouro,
 Logo me trãformou amor esquiuo
 Em pedra não, nem louro,
 Em fonte d'agua para, e fogo viuo:
 dias vagarosos, dias tristes,
 Se vòs do vosso curso acostumado
 Pera me cansar mais vos descuidais,
 Este contino meu triste cuidado
 Esta vida que ja com vida vistes
 Vos faça despregar as azas mais.
 Ah não vos detenhais
 Em tanto mal tam quedos
 Pois quando fostes lèdos
 Voastes sem parar, voai agora,
 Ou morte me trazei, ou trazei hora
 Na qual estes meus olhos descótetes
 Contentes de ver Flora
 Chorem lagrimas destas diferentes.

M E L I B E V.

Neultes montes, altos, cauernosos
 Alegres valles, verdes, & floridos,
 Rios que brancas Ninfas encobris,
 E vòs Satyros, Faunos, qu'escòdidos
 De mortais olhos, nestes faudosos
 Bosques, lèdos morais, dõde m'ouuis
 se alheo mal sentis,
 Semo o manho mal,
 Que nunca nenhum tal
 Foi aqui, onde meu fado

Ordeno

Ordenou qu'este meu fe
 Porque se vós aqui entristeçeis
 Qualquer lèdo cuidado,
 Em cuidado tam triste que fareis?
 Ô Dellia de meus olhos claro lume
 Ô vida da minh' alma, ô alma minha
 Alma não tendo cà, tu lã contigo
 A tês, là te delxei hũa que tinha,
 A vida não te vendo se confume,
 Crê tu ò branda Dellia isto q' digo:
 E vós chorai comigo
 De piedade pura,
 Aguas que de mistura
 Conuoisco minhas lagrimas leuais,
 Se vós aguas do Lyra não chorais
 Vendo que vos mereço sentimento
 Dizeime quem cuidais (to
 Que tenha d'ôr da d'ôr de meu tormen
 Que força tam cruel atado a males
 Me tem cõ cẽ mil n'ôs de chorar cege
 Quê minha paz mudou ã tãta guerra
 Como pude passar Douro, & Môdego?
 Tantos môtes taõ altos, tãtos valles
 Se pera mim se faz hũa graõ serra
 Qualquer Palmo de terra,
 Qu'em meio ficar vejo
 De mim, & meu desejo?
 E Amor sabendo isto não me dà
 As suas leues azas, com que vã
 Voando, onde converte descansaua;
 Antes me quebrou là
 Outras (quando parti) com q' voaua.
 Triste que por diuerfos tristes modos
 Ando cuidãdo em ti sê perder pôto
 O que podés cuidar çuido tambem,

Os dias l: & hū chorando conto,
 Hū l: e mil, & tristes todos,
 Coitado de quem tães cuidados tē;
 Pastores que me vem
 Andar tam pensatiuo
 S'espantaō como viuo,
 Eu de não morrer ja tãbē m'espanto
 Se meus cuidados, Dellia, podē tãto,
 Que ja não sei que faço, nem q' cuido
 Cuida contigo quanto
 Poder, em mī terà hū teu descuido.
 Teus olhos onde sēpre ardendo estaō
 As chamas, de q' Venus s'enriquece
 Que neue podem ver, q' nã se accēda;
 Aquelles ricos laços q' amor tece
 Dos teus rayos de sol, cabellos não,
 A quem podē prender q' se desprēda?
 Quem ha que se não renda
 Ao riso doce, & graue?
 Ao brando som, suauē
 Da tua doce falla, que dureza
 Senão abrandarà? o que despreza
 O mando de Cupido, o seu poder,
 Branduras, aspereza,
 Guardese de r'onuir, & de te ver.
 Ah pastores fugi da vista branda
 Mas aspera com tudo a quem deseja
 Mais bē q' poder ver cousa taō bella :
 Vejate bella Ninfa, & nunca veja
 Outro prazer quē tam sē prazer s' da
 Quē viue de tristeza, & morte della.
 Só nisto minha estrella
 Me seja piadosa,
 Mas não he tam ditosa
 Que pera tanto bem daqui me leue

Antes me vai galeando
 Sem me valerem lagrimas, nem fogo,
 Como se fosse neve
 Misturada cō agua, ou cera ao fogo:
 Dando assi Melibeu fim a seu prãto
 Deixou o verde assento, o triste T'risse
 Banhado cō mudo choro, entretanto
 O tempo lhes foi causa de partirse
 Era de todo o sol no mar cuberto
 A lúia começaua a descobri-se.
 Tiuhaõ suas choupanas dalli perto
 Foraõ se recolhendo inda chorando
 Hũ bẽ tam duuidoso, hũ mal tam ce
 Mais delles porentaõ naõ esperãdo (to
 Tambem me recolhi por hũ atalho
 Co gado mais depressa caminhando
 Por fugir do sereno humido orualho

L I A R D A:

E G L O G A III.

Dellio. Alcido. Galicio.

Del. (gado
A Gora Alcido ẽ quanto o nosso
 Pace diãte nõs, mãso, & seguro
 Sente monos aqui neste abrigado.
 Logremos este sol sereno, & puro
 Que liure se nos dá, antes q̃ venha
 A noite fria, com seu manto escuro.
 O rico com seu ouro là se auenha,
 Naõ se farta cobiga com r
 Mais arde o fogo quando
 De pouco se cõtenta a natur

Quem em olhaste, certifico.

Que fugisse tanto da pobreza.

O sol tambem me quenta como ó rico,
A fonte agua me dá, fruitos a terra,
Com pouco mantimento farto fico.

Ah, que mã vaidade nos faz guerra,
Pera q̄ gasto tēpo em mais palauras,
Os olhos da razãõ esta nos cerra.

Alcido tēs ouelhas, & tens cabras
De que tiras da laã, tiras do leite,
E não te faltaõ campos em q̄ lauras.

Inda tu queres mais! Amigo eu hey te
De fallar claro, as lisonjarias

Não hajas medo q̄ nunca as affeite,
Tu cantauas amor, amor tangias

Fallava a tua frauta, agora he muda,
q̄ mal te mudou tanto ē poucos dias?

Alc. Mudase a idade Dello, & se se muda
Co ella a condigaõ, nada m'espanto,
O gosto m'ajudou, ja não m'ajuda.

Se ja cantei amor, se ja não canto
Culpa do fado mao, q̄ foi mudando
O meu cantar alegre em triste prãto

O tempo que tam leue vai voando,
Dello não torna mais, & alsí fugido
Cãmanhos de enganõs nos vai dãdo?

Foyseme pouco a pouco descobrindo
O mal da esperanã, a falsa, incerta,
q̄ me deixou chorando, & foise rindo

Quem sem ventura uace, ou quē acerta
De fazer fundamēto em peito alheio
De mil contas q̄ faz, qual sae certa?

Se tu conheces isto, donde veio
Sempre eu de verdade sem razoēs,
Nã se de outra cousa o mudo cheo

Alc. Não quere tu que li
Obrigados com dor a sentimento

Vendo razaõ venciã d'affeiçoẽ

De l. Emfim todas as coisas quere

Encubre tua dor, guarde d'estremos

Que sempre trazem arrependimẽto

Ao nosso doce canto nos tornemos

Das nossas Ninfas, & d'amor inimigas

Cruenza, & fermosura celebremos.

Alc. Como cantarei eu nouas cantigas

Em terra mãyde cardos, & despinhas

E madrastra de vides, & d'espigas?

De memãdar chorar mais razaõ tinhas

Quando taõ sã sentido alguẽ me virz

Que não vira correr lagrimas minhas

Pendurei num salgueiro a minha lyra

Ouilla ao só do vëto he hũa magoa

Em lugar de tanger geme, & sospira

Marilia que pintada nũa taboa

Aqui no seyo trago, tambem chora

Seus olhos dãme fogo, os meus dão

lh'agua.

Mã cantará Galicio. Del. Muito è bora

Galicio queres tu cantar comigo?

Gal. Eu nunca me roguei, menos agora

Cantaremos Amor d'amor amigo

Firme, desenganado, em razaõ posto

Oudella, & de nõs mais, cõtino iniigo

Del. O nosso canto seja a nosso gosto

Ou seja d'a mor brãdo, oud'amor fero

Oud'olhos cõr do ceo, oud'aluõ rosso

Alc. Em quanto vds cãtais recolher qre

As cabras, q' saõ horas d'ordenhar

A noite na malhada vos espero.

Del. Primeiro que te vãs has de julgar

Quem de nós cãta, & melhor sã
 Gal. Sobr'isso auemos ãbos dapostar (re
 E ponho o meu rafeiro, que valent e
 Se chama, (cõ razãõ) q̃ o lobo afasta,
 Senãõ cãtar mais doce, & brãdamẽte
 Del. E eu hũ Corgo manso. Gal. Isso
 naõ basta:

Poẽ mais hũ par de cabras. Del. Deo^s
 me guarde,

Este gado Gallicio he de madrasta,
 Al. Fazeis-me vòs juiz, q̃rels q̃ aguar de
 Ora cantai sem prego, & se enueja
 logo, porque se vai fazendo tarde.
 Del. Liarda minha, mais alua q̃ a neve,
 Liarda mais corada q̃ gram fina,
 Se amor a vencerte naõ se atreue,
 Que farã quẽ d'amor por ti se fina?
 Eu mouro, tu meu maljulgas por leue
 Naõ vès, Liarda, que me desatua?
 Ah triste, que o vem valles, & montes
 Vêdo por ti meus oiños feitos fontes
 Gal. Marfida brãca mais q̃o brãco leite
 Mais vermelha q̃ rosa fresca, & pura
 Assim descuido em ti nunca sospeite,
 Assim me trates inda com brandura,
 Que fato, cabana, vida, & alma egeite
 Por ti, Marfida, mais q̃ pedra dura
 Doute por testemunhas mõtes, valles.
 Aquẽ dou larga cõta de meus males
 Del. Quando Liarda minha desconhece
 O seu longo cabelo louro, & ódado,
 O sol d'enueja para se recolhe
 Corrido de se ver menos dourado;
 Naõ ha pastor tam liure, q̃ tal olhe,
 Que nelle naõ fique preso, & ela çado

- Naõ soltes ora, Nila, ora
 Pois tãtos prẽde quantos bulas de
Gal. Os tristes corações se amãdo sedo
 Onuindo de Marfida o doce canto,
 Os ventos, & os rios estaõ quedos,
 Naõguia oclaro sol seu carro etante
 Conuertese a dureza dos penedos
 Em brando amor, amor desfazse em
 Vécido doteu doce sô, Marfida (prãto
 Mas tu nunca d'amor foste vencida
Del. A viua chama, aq̃lle intenso ardo
 Que brando sinto ja pelo costume,
 De noite de si dà tal resplendor
 Que mil pastoresvem a buscar lume
 Pasmados ficaõ vêdo em mĩ damor
 O fogo, q̃ por dentro me consuãte,
 E tu, por quem eu arço noite, & dia
 Quando tal ardor vês, ficas maisfria
Gal. Eu sêpre cho ro, & tanto ja chore
 Vencido da graõ dor q̃ nalma tinha
 Que nil vezes de lagrimas fartei
 Meu gado, quãdo cõ mais sede vin h
 Chorando duras pedras abrandei,
 A ti nunca, cruel i miga mi nha,
 Que vendo que por ti m'estilo eãgu
 Nenãua magoa tês da minlia magoa
Del. O campo de verdura vejo pobre
 O ceo chuuoso sempre, turuo o ric
 Da sua leue folha a terra cobre
 O bosque q̃ ja foi verde, & sombrio
 Mas se Liarda o seu rosto descobre
 Logo desaparece o tempo frio.
 Configo a Primavera
 Ah quẽ na viße ja, quãdo a terra
Gal. A doce Filjomella

A ce' frio foi inimigo,
 A tríte progne desapareceo
 Rouca de lamentar seu mal antigo;
 Mas vindo por aqui quem me vêceo
 Cõ sò hñ voluer d'olhos, eu m'obri-
 q logo as aues cantê seus amores (go
 A terra se matize de mil flores.

Del. Quando vires Liarda o nosso Lima
 Que lá vai de meu choro acõpañado
 Tornar com suas aguas pera cima
 Esquecido do curso acostumado;
 Entaõ julga tu, Ninfa, entaõ estima,
 Que tenho noutra partê o meu cuida
 Bem podê deixar rios de correr (do
 Mas en naõ deixarei de te querer.

al. Estas serras, Marfiada, por certeza
 Da minha fé inteira quero darte,
 Quando com desusada ligeireza
 Daqui passar as vires noutra parte;

Entaõ julga que falta em mĩ firmeza
 Entaõ deixarei eu meu bẽ d'amarte
 Bem podem as montanhas abalar-se,
 Mas naõ meu coração de ti mudar-se

lc. Se meu coração triste naõ deseja
 A vossos versos dar justos louvores,
 Já nunca nesta vida alegre seja,

Acertai meu desejo, meus pastores,
 Mais vos naõ podedar quẽ traz o spri
 Caido entre mil magoas, & mil dores (to
 Mas porque de de vós publico grito
 A leue fama, como vedes deixo

O vobis grito, & meu juizo escrito
 No pe de este tombario, & verd' freixo.
 al. Deillo, & Callicio, aqui cantou
 Mas quando o gado aqui pascia,
 Liarda

Liarda hũ, Mãe da d'...
 A qual delles melhor as meorias
 Alcido que seu canto bem notou
 Por ver qual a victoria leuria,
 Como juiz (q̃ soy) deu por sentença
 Que naõ auia antr'elles differença

FILIS, E MARILIA.

EGLOGA III.

Soneto dedicatorio.

A S lagrimas d'amor, os tristes ays,
 a sê quebrada em parte, onde se gura
 Deuera mais esiar, entre brandura
 Cruzas descobrir, tantas & tays:
 Aqui vereis sentor, s'ouuidos dais
 A duas tristes Ninfas sem ventura
 Conformes em auiso, & fermosura
 Nas magoas, & nas q̃ixas inda mai
 Do Lyma se vaõ ao Tejo agrauadas,
 A culpa quem a tem, & sempre teve
 Se naõ amor, ingrato a bõs amores
 FAVOR por estrangeiras se lle deue,
 Naõ se vejaõ tambẽ là desprezadas
 Como se viraõ cã de seus pastores.

F I L L I S.

P Acei minhas ouelhas, eu em quanto
 Aquelle passarinho canta, ou chor
 Chamarei Coridon cõ triste pranto
 Plantas s'em vòs d'amor li brãça môn
 Plantas ja vòs amastes, tã de magoa

De *Fillis* as d'amor padece agora
 Ah cruel *Coridon*, cruel à magoa
 Em q̄ viuo por ti, não has piedade
 De ver meu peito fogo, os olhos agua
Fillis não amas ja, ah crueldade,
 Ah triste que farei, em poucos dias
 Pode ste mudar, cruel, tua vontade.
 Não amas *Fillis* ja a quem trazias
 Na doce primavera, doces fruitas,
 Sinal do grande bem que me querias
 Sabes cruel pastor, que tenho muitas
 Causas, para de ti sempre queixarme
 Por isso de mĩ foges, não m'escuitas.
 Poderão os teus rogos abrandar me
 Os meus (triste demĩ) mais t'ẽ durecẽ
 Não sei em q̄ ja possa confiar me.
 Aquelles doces versos ja t'esquecem
 Que polos pès dos almos cortavas,
 Onde cõ teus enganos sempre crecẽ.
 Arder por meu amor nelle mostravas
 Eu cria qu'era assi, não entendia
 Que fingias amar, que não amavas.
 Tristes forão meus fados. triste o dia
 Em que naci, coitada de mĩ triste,
 Qu'ẽ magoa se tornou minh'alegria
 No mesmo dia que *Gallatèa* viste,
 Vi eu deste niu mal tristes agouros,
 E tu hũ coruo à parte esq̄rda ouviste
Gallatèa não tem mores tesouros
 Nem tem mdr fermosura, indaq̄ seja
 alua de rosto, de cabellos louros.
 Da pallida viola tem enueja
 O branco lyrio, porq̄ tal não tem
 O cheiro, que vencido não se veja.
 Titero arde por mĩ, Titero a quem

Mil Ninfas daõ capella,
 Mas elle a mĩ só chama, a mĩ qe bra
 Eu desprezo por ti mil mil pastores,
 E tu por Galla: ã me desprezas?
 Cruel, tal pago das a meus amores?
 Em que te mereci tantas cruezas
 Quantas vsas comigo? por ventura
 Vsei contigo d'ira, ou d'asperezas?
 Prouera a Deos q̃ tam izentas, & dura
 Me viras pera ti, que nunca viras
 Em mĩ final d'a mor, nẽ de brandur
 S'eu fugira de ti, tu me seguiras,
 Por mĩ arderas, naõ por hsta ingrata
 Por que choras em vaõ, em vaõ sosp
 Bẽ me vinga de ti, pois te maltrata(ras
 Mas eu querote tanto que desamo
 (Inda q̃ tu me matas) quem te mata
 Respõdem estes mõtes quando chama
 Por ti, & com voz triste ecco respõde
 Mouida de quãtas lagrimas derrame
 E tu naõ me respondes? naõ sei onde
 Te leua esse desejo, mas bem sei
 Qu' amor, & de amor de mĩ t'escõde,
 Ah triste Fillis, triste onde acharei
 Remedio a mal sem elle; o fogo puro
 Em q̃ me queimo, có q̃ o abrandarei
 Ia fugira daqui, inda que duro
 Me fora deisar terra onde nasci,
 Mas cõtra amor naõ ha lugar seguro
 A morte sò (mil vezes isto ouui
 a nossa Cellia) por remedio
 Que quer q̃ fez o amor
 Entaõ, porque de todo
 Este cego, a que nõs
 a mĩ por ti, a ti por

Morri q'phora em q' nos vimos,
 Não vira tanto mal, mas que da sua
 Ventura algũs fugisẽ poucos vimos.
 Tu queixome de ti, & tu da tua
 Gallatêa te queixas, & não vês
 Que he piadosa, em ser pera ti crua.
 Sendo tu tam cruel, quam cruel es,
 Cuidas a char piedade? como queres,
 q' te creaçõ teumal, se o meu não cres?
 Que viua em pezar eu, tu em prazeres
 Não quer o justo Ceo, ou ábos tristes
 Ou tãbẽ lèdos ambos, al não esperes.
 Plantas q' noutro tempo nos cobristes
 Cõ frescas sôbras do ardor de cima,
 Quãtas palauras vaãs aqui ouuistes.
 Primeiro faltará no rio Lyra,
 Dizia Coridon agua corrente, (ma-
 q' no meu peito outro amor s'impri-
 Primeiro será frio o fogo ardente,
 O dia escuro sempre, a noite clara,
 Que veja sem te ver, q' me contente.
 Primeiro que te deixe, Fillis cãra,
 Vida me deixará, Fillis a vida,
 A dor se tu não fôras ma roubãra.
 Pois tu, Fillis, ma dêste offerecida
 A tenho a teu querer. tu della ordena
 Como, doce amor meu fores seruida
 Por ti me será branda a dura pena,
 Por ti suaue a dor, leue o tormêto,
 A que me leua o fado, & me cõdena.
 Falso Coridon, teu fundamento
 Deu engrossar, a fê dada ma tinhas,
 Co' as palauras a leuou o vento.
 Não me deixes mim. tãbẽ as minhas,
 Que se vão leuãdo, & o sol he polt

E G L O G A V.
do sol fermoso, que se n. . . .
Em quanto nesto prado achava gozo

M A R T I L L A
E G L O G A V.

Quam docemente agora aqui cantas
Hũ Ruy sinol antr'estas auelleiras
Em quanto Fillis sua dôr choraua.
Tu vim a lansar fora estas cordeiras
Daquelle trigo, & não lh'ouui ja mais
Senão as diferenças derradeiras.
A sem ventura Fillis deu hũs ays,
Tam sentidos entam, que me cortou
O coração com dôr, de dores tays.
Em fim triste se foy. elle voou,
Não sei se voou triste, ou voou léde
Quamanha s'cidade me deixou.
Não sou eu tam ditosa que mais cedo
Viera a me lograr do seu bom cáto
S'eu não gritara elle estiuera queda
Inda que foy melhor assi, por quanto
A magoa fora mór que não o gozo
Daquelle triste, ouuindo o triste prado
Mal aja que dá causa, q' tal rosto (to
Em lagrimas se laue, desamado
Seja quem seu amor tẽ noutra posse
Quão mais firme, & mais deséganado
Foy o amor de Bellio com Liarda,
Inda que tambem della mal olhado
Cruei amor, que nunca razão guarda
A culpa tem de tantas semrazões,
Hũ bem me prometeo, quanto q' tarda
Assi nos vay roubando os corações

A tuas esperanças duvidosas
 Fundadas sempre em vãs opiniões.
 Ditosas são por certo, ah quam ditosas
 Que são aquellas Ninfas q̃ não amaõ,
 Tristes as q̃ d'amor viuem queixosas:
 Quãtas vezes em vão seu fado chamaõ
 Cruel, cruel amor, cruel ventura,
 Que sospiros, q̃ lagrimas derramaõ;
 Que val mostrar nos olhos a brandura
 Do coraçãõ vencido, que nos val
 As tristes digo, graça & fermosura?
 Se somos desprezadas, grande mal,
 Se mal tamanho não acaba a sinha;
 A sinha acabará quem sente tal.
 Tu coitada de mĩ ja triste vinha, (ste,
 Mas nã cuideĩ de me tornar mais tri-
 A dôr de Fillis me dobrou a minha.
 Ôãos ingrato amor, pois nos feriste,
 Algũ remedio ja, senão vingança
 De quem a nòs despreza, a ti resiste.
 Em promessas fuy pòr minha esperãça
 Sem ventura de mĩ, mas q̃ promessas
 Taõ doces, inda as tenho na lêbrãça
 Assim Marillia minha, não t'esqueças
 De Syluio, o mesmo Syluio me dizia,
 Que nunca negue cousa q̃ me pegas.
 Por ti entre serpentes andaria
 Seguro por ti lèdo, & sem temor
 Per antre fogo, & ferro passaria.
 Criou amor em mĩ hum nouo amor,
 Hum coraçãõ tam nouo que sem ti
 Sente no mór descanso mayor dôr.
 Naque le mesmo ponto em que te vi,
 Fosse força d'amor, fosse d'estrellas,
 O gosto de mais ver logo perdi.

E G L O G A V.

Muitas ouelhas tenho, & a cada uma
 Pãrem de cada parto deus cordeiros
 O leite tambem he dobrado nellas.
 Tenho cem cabras mais, q' dous asseiros
 Hũ malhado de negro, outro de brãco
 Nos valles guardã sēpre, & nos outei
 Pois tãger, & cãtar, poucos ã cãpo (ros.
 Ousãõ entrar comigo, porq' sabem
 q' tais dous mestres tiue Alcido, & Frã
 Inda q' de gabarme me desgabẽ, (co.
 Gabome, porque saibas q' nãõ erras
 Em querer q' meus males ja se acabẽ:
 Viueremos aqui antr' estas serras
 Contentes, quam cõtentes, sē enueja
 Dontros, q' tẽ mais gados noutras ter
 Que falta a quẽ alcança o q' de seja? (ras
 Que tem o q' nãõ tem gosto da vida,
 Inda que sò do mundo senhor seja?
 Ah pastor falso, desque de vencida
 Com teus doces enganos me leuaste
 Quam asinha de ti fuy esquecida.
 Mostrauas querer bem, & nũca amaste,
 E certo q' os amores que mostrauas
 Ou ouuiste doutro, ou os sonhaste.
 Amauaste saãmente, se cuidauas
 Outra cousa de mĩ, bem podes crer
 Que tambẽ a ti mesmo t'engauauas.
 Mas que me faz a dõr aqui dizer,
 Aqui onde sò eco a meus queixumes
 E Syluio nãõ, me pôde responder.
 Depois q' atraueffou os altos cumes
 Daquella serra, nãõ
 Negros fados os m
 Deixoume ja tam po
 Que bem seria que

Meu amor me não q̄r dar lugar.
 Emfim tornarme quero, s'encontrasse
 A caso este cruel, meu inimigo,
 Certo que verme triste o alegrasse.
 Andai minhas cordeiras, ay no trigo
 Entraraõ outra vez, outra vez fõra
 As deitarei, a dõr que vay comigo
 Coitada naõ, q̄ dentro na alma môra.

S A A.

E G L O G A VI.

Serrano, Alpino.

Ser. V Es aquell'agua saudosa, & brãda
 q̄ parece q̄ vay graõ dõr sctido

Aquella, Alpino, aqui chorar me mã-
 Aqui onde já lèdo estiuue ouuindo (da.

A sombra deste Freixo, o cãto brãllo
 De Sã, q̄ està no Ceo, da terra rindo.

Alp. Ah q̄ perda tamanãa, ah bó Sã, quã
 Cuido q̄ te perdemos esmoreço, (do

E pois o cuidosẽpre, emmĩ não ando
 Ser. Meu mestre, esta capella q̄ vrdo, &

teço (res

De verde murta, & de cheirofas flo-
 Aqui onde cantaste t'offereço .

Ornar de mil dões vejo a mil pastores
 O teu sepulchro, vejote cantando

D'Apolo, das irmãs, & dos amores.
 Alp. Não posso darte e tal estado

Estes sospiros, triste pranto,
 E o teu, afsi meu fado.

Ser. Serrano, aqui agora, e quanto
 Os detem à sombra fria,

A seus louvores de teu doce...
 A branda voz que nosso peito ouve
 Com tam alegre peito, liare voce
 Fazendo a meus olhos companhia
 Soe teu som no Ceo, & unte soe
 Por estes valles eã, por estes montes
 Assim Febo de louro te coroe. (tes
 Serr. Se tu vês os meus olhos feitos fõ-
 De lagrimas, q̃ de si em si deitaõ,
 Como queres q̃ cante? Ah não m'afro
 Ati conue cantar q̃ não t'êgeitaõ (tes.
 As brandas Musas, tu lhe câta Alpino
 Os teus versos a Febo mais deleitaõ
 Alp. E qual doce câtor, qual perêgrino
 Engenho, sentes tu que o verso ignale
 Aquelle alto louvor, de q̃ elle he digno?
 Ser. Obo q̃ chora, o rio, o môte, o valle
 Tod'aue, toda flor, tod'erua, & planta
 Quem pôde ser tam duro q̃ se calle?
 Toma pastora a lyra, ou tange, ou câta,
 Olha quam doce soa, eu a laurei
 Tal a fiz d'Éra, que a vê s'espanta.
 Alpi. Pois q̃ me fazes forçã, cantarei,
 E minha baixa voz Febo leuante,
 Com a de tanger, & seguir'ey:
 Ó Musas vós me dai versos q̃ cante.
 Importuna, cruel, & surda, & cega,
 Causa de tanta dor, tanto queixume
 Triste morte; tua fouce porq̃ cega
 As boas eruas? ah seu duro gume,
 Porq̃ razã às mãs se troce, & nega,
 Porq̃ nos deixa os mãos, os bõs côsu
 que disto medar a millhor certeza (me
 Quem não s'espantará de tal crueza?
 Hum tyrano cruel, hum auarenta.

Cuiue de força, sô d'ergano,
 Contando armentios cento a cento,
 Que de nouo òcurreal trazê cad'ano.
 Q' pastor pobre, por neue, chuua, e v'ê
 Cõ trabalho criou para seu d'ano (to,
 Estes vemos viuer, seu gado crece,
 Triste do virtuoso que padere.

O nosso Sã Miranda qu'entendeo:
 A sem razaó do mundo, a tyrania;
 Aqui antr'estes montes s'escondeo,
 Onde senhor de si liure viuia:
 Viuia esses bõs annos que viueo
 Pois que naõ esperaua, nem temia.
 Ah discreto pastor, quem te se viuise:
 Tuas pisadas cã! quem là te viuise!

O teu suave som, & graue, & brando,
 Q' ergano à morte faz da vida ò nome,
 Teu som q' vay do tempo triunfando
 Por mais q' tudo vença, tudo dome,
 O caminho do Ceo nos vai mostrádo
 Quê naõ quiser errar por guia otome
 A ti siga bom Sã, por ti se guie,
 Desconhe de si, em ti confie.

Os brauos touros tua doce lyra
 Trazia ao málo jugo, ao duro arado,
 Dõs lobos amansaua a' cruel ira:
 Detinha os rios, naõ negaua a' gado
 (Ao triste gado, que por ti sospira)
 Nê agua a fonte, nê verdura oprado.
 Naõ veje agora aqui (tudo se perde)
 Nem agua clara ja, nem erua verde.
 Tu nos bosques as plãtas, tu nas ferras
 As pedras abrandauas cõ teu canto,
 Trazido cã por ti d'estranhas terras
 Cõ grãde eueja d'us, d'outros espãto.

Agora em lôgo fôro os
 Agora estes meus abres ao pranto,
 Mas eu não choro, ò, ò choro ò nôtes
 Valles, bosques, & prados, rios, riuões

Por ti aues, & feras chorar vejo,
 Os Sátyros, os Faunos, os Pastores,
 Minho, Douro, Mòdego, Lima, e Tejo
 afolha o louro perde, ocápo as flores
 As louras Ninfas deixaó cõ desejo
 Saudoso de verte, seus lauores
 E pola triste praya, em grito solto
 Teu nome cõ sospiros vay enuolto
Da sua inulgosa fonte o Neina fora
 O doce Neiva teu, que docemente
 Tam lédo correo ja, que corre agora
 Tam turuo, & triste q̃ Neptuno o fê.
 A ti nõ Sã chorou, a ti Sã chora, (te
 A ti Cospira, & chama, mas vãmente,
 Ah vá meu bõ Sã, grita, quẽ t'escõde
 Ah, sem mais respõder, Eco respõde.
Aquelle humor contino que derrama
 Em lagrimas o muda a triste sorte,
 Irroso, & surdo ao Ceo, & cruel chama
 A dura Parca, o fado duro & torte.
Pois a meu nome d'este eterna fama
 Pranto eterno darei à tua morte:
 Nunca ò mar leuarei alegres agoas,
 Lagrimas tristes si, & tristes magoas.
E se por caso (diz) a voz chorosa
 Inda q̃ rouca, & triste tal qual for,
 Soar, là onde alegre, or
 A tua soa, no Ceo q̃ re
 Alma ditosa cá, là mais
 Não turue a teu repou
 Coza do bem eterno qui

E verdade chorar, pois me deixaste.
 Ah Ninfas da Castallia, que perdestes
 O graõ Poeta, que vos tanto honrou
 Como, fermosas Ninfas, não vècestes
 Cãtãdo morte cruel, quãdo o robou?
 Se mil frescas capellas lhe recestes
 De que Febo sua fronte rodeou,
 Mõr premio mereceraõ seus escritos
 Que d'Eras, q̃ de Louros, q̃ de Mirtos
 Quem subira conuolco ao vossõ monte
 (Vede se com razão me desconfolo:)
 Quem o doce liquor da vossã fonte
 Derramirá dũ Põlo a outro Põlo?
 Dos ceos, da terra quẽ q̃reis q̃ conte
 Mysterios altos? quebre a lyra Apõlo,
 A frauta quebre Paõ, Amor as setas,
 E vòs Musãs chorai, chorai Poetas,
 Não posso mais cantar, estou ja rouco,
 Quãto me q̃ixo mais adõr mais crece
 A voz foyme faltãdo pouco a pouco.
 Ser. A lyra, & maõ tãvẽ ja m'ẽ fraquece.
 Vaise escõdẽdo o sol, vẽ sõbra escure
 Vamos, emquãto mais naõ escurece,
 Cobrir de louro a sua sepultura.

N I S E.

E G L O G A VII.

Y Vnto do Lyra claro, & fresco rio,
 .ethies se chamou antigamente,
 Nam bosque d'altos aleiros sombrio.
 Cantava hũa Ninfa alegremente
 Com voz suave, branda, & desusada
 Neste canto, do nosso diferente.

Vindo ja a branca Aurora co,

De noua luz, vestida d'alegria,

De lyrios, & de rosas coroada.

O campo, o monte, o valle parecia

Que para festejar tam ledo canto

De mais alegres flores se cobria.

As cristalinas aguas entre tanto

Do seu natural curso descuidauaõ,

Tam cheas de prazer como d'espato

As aues pelos ramos se callauaõ,

Os ventos por ouir o som diuino

Elcassamente a folha meneauaõ.

Quil eu fiquei entaõ, não determino

Contallo agora aqui, & se quisesse

Não me lembra; tal foy o desatino:

Reccofo enifim que lhe não dêsse

Desgosto, com me ver, estiuue quedo:

õ quem oque cantou cantar podesse!

As patauras direi, não o segredo,

Que a branca Ninfa nellas encubria,

Mas o Ceo tudo comprirà muy cedo

Ouui senhor, em tanto o que dizia.

õ Ninfas destas aguas, que tégora

Viuetes com esperança d'alegria,

Pois veyo o desejado, alegre dia,

Pois ja, por nosso bem, veyo tal hora

Sahi, fermosas Ninfas, sahi fora

Das urnas de cristal em que morais,

Ah não vos detenhais,

Vinde, não aja là quẽ vos detenha

Primeiro que mais ledo Febo venha

Deixai fermosas Ninfas os lauores,

Por agora deixai todo exercicio

Onde vence à natureza o artificio

Enganaõ as fingidas viuas cores:

Capellas trazei de varias flores,
 De mil cheirosas eruas peregrinas,
 Violas, & boninas
 Esmaltê esses lagos d'ouro puro; (ro
 Dos quaes não anda amor, inda segu
 Vinde, ó bellas Ninfas, vinde a filha
 Celebrar com deuido acatamento
 Da vossa bella Nise o nascimento,
 q̄ de tam longe o ceo guardado tinha
 Vedes voando vem, vedes caminha
 Dirçitamente a vòs a leue fama,
 Vedes Lucina chama
 ò Nise, Nise, Lyra, Lyra, Lyra,
 A terra te festeja, o Ceo t'estima.
 Soberbo o Tejo vay, vay de corrida,
 O peito leua d'ouro, & prazer cheyo
 Porque na sua praya a nacer veyo
 Esta luz noua, est'alma bem nascida;
 Mas ella foy ao Lyra prometida,
 Do Lyra, a quẽ nasceo, ha de ser glo
 E honra, & noua historia, (ria,
 Que tece a Parca já com marauilha,
 Ditosa mãy de tam ditosa filha.
 ò ditosos auòs, ò pay ditoso
 Que de tal flor ornaste esta ribeira,
 Nascida flor daquella flor primeira,
 Cuyo nome serà sempre famoso,
 Arça em vossas aras o cheiroso
 Balsamo, Incenso, & Nardo largamẽte
 De que o Oriente
 Enuia de centino ao Tejo foro,
 O fumo vâ subindo ao alto chore.
 Não vedes como as graças do ceo decẽ
 A fazerlhe no berço companhia;
 Não vedes com o amor, com q̄ perha

As Musas a cantalia se offerece
 Já Nise por senhora obedecem
 Belleza, & castidade, dom perfeito,
 Já no teu tenro peito
 Viuem contentes, liures do temor
 Da guerra, que lhe faz o cego Amor.
 Crecelhes tu felice, & noua planta,
 Em auiso, em virtude, em fermosura,
 Cumprase o prometido da ventura;
 Que marauilhas de ti ao mûdo cãta:
 Igual aos altos troncos te leuanta
 Das illustres a vós, q̄ em todã aparte
 Que luz o sol reparte,
 São hõra, & gloria desta nossa idade
 Exẽplo de prudencia, & honestidade.
 Qual a fermosa Lúa entr'as Estrellas,
 Que vay a escura noite lumiano,
 Tal os fados te estaõ pronosticando;
 Tal seràs tu mais clara luz antr'ellas
 Eraõ dignas de ti, tu dignas dellas,
 Isto sò quero Ninfas que noteis
 Pera que festejeis
 Nesta vossa ribeira tanto bem
 Como agora de nouo ao mundo vẽ.
 Estando a bella Ninfa a ssi cantando
 O que o sagrado Apollo no seu peito
 Lh'estaua diuinamente inspirando.
 Transportada de todo no sogetto
 Digno de ser cantado alegremente
 Em estylo mais culto, & mais perfeito
 Aleou os olhos, & vendo em Oriente,
 Que ja douraua o sol o Orizonte.
 Por naõ se deixãr ver da morte
 Tornouse a recolher na sua fôrte

I O A N N A.

E G L O G A VIII.

Sileno. Mellibeu.

Sil. Viste quãdo abrio oje, ó Mellibeu
 As rosadas janellas d'Oriente
 A brãca aurora ao Louro amigo seu?
 Cõmo se nos mostrou resplandecente
 Quam cheyo d'alegria se mostrou,
 Destes dias atraz quam diferente?
 Por todos estes valles s'alegrou
 Tod'ane, toda fera, & toda flor,
 De si suauẽ cheiro derramou.

Mel. Que gozõ pòde ver, q̃ resplãdor,
 Amigo meu Sileno, hũ sem ventura,
 Aquem se paga amor com desamor?
 Nos campos pera mĩ não ha verdura,
 Nas fontes pera mĩ agua não vejo,
 De mĩ s'escõde o sol é neuoa escura.

Sile. Não sejas em teu dano tam sobejo
 Se lèdo queres ser, se viuer queres,
 Trabalha por vencer o teu desejo.

De mĩ palauras doces não esperes,
 Segues vaõs appetites da vontade,
 Ninguem te buscará se te perderes.

Mel. Deuera ter de mĩ mais piedade
 Aquella que da vida fiz senhora,
 Aquella que me tem a liberdade.

queixumes tristes por agora
 alegre dia, & tam sereno,
 triste peito as magoas fora.
 ora poderoso, meu Sileno;

Porém

Porem podes me crer que digo,
 Que de te ver semprez menos peno
Sil. Nisso aprouas tu bẽ hũ d'isto antigo
 Que diz do bẽ s'alegre, & chora o dia
 O amigo fiel, do leu amigo. (no
Mas querote contar de Limiano
 Solitario pastor, que nesta serto
 Passa s'ẽ gosto o dia, o mes, & o anno
Hũs dizem q̃ lhe fez a morte guerra,
 Outros que foy d'amor noua crueza,
 Elle o segredo d'isto em si o encerra,
 Sobre ser tam contino na tristeza,
 q̃ poucas vezes ri, muy poucas cãta,
 Não por falta de voz, arte & destreza
Que Febo inspirou nelle graça tanta,
 Que là no seu Parnaso o recebeo
 De que s'alegra o Tejo, antes s'espãta
Quando o fermoso sol appareceo
 Esta fresca manhaã fora do Gange
 (Que nunca mais sereno amanheceo.
 Tomando a lyra em que por festa tãge
 Começou brandamẽte a tocar nella,
 Eis soa o valle õde o sũ doce abrũge
 Estes versos cãtou logo ao som della.

SE vòs Musas suaves
 Nesta meu triste peito
 Algũas - lãdas rimas inspirastes,
 Se com doces, & graues
 Accentos, o conceito
 Que tinha dentro nelle declazastes;
 Se vos não desprerastes
 De leuantar meu canto,
 A parte onde não chega
 Aquelle, a que se nega

O fago que de vós desejo tanto;
 Agora brandas Musas me inspirai,
 Agora meu estylo leuantai.

E tu sacro Hymeneo

Sem esperar mais rogo
 Vem ja, voádo vem, não te detenhas,
 Vem d'alegria cheyo,
 Abranda o viuo fogo,
 De quem arderã sempre ate q̄venhas?
 Quer Iupiter que tenhas
 O talamo sagrado
 Composto da mão tua,
 Pois pera gloria sua
 Este tam santo nõ foy delle dado,
 Onde arder se veja brandamente
 O casto lume teu respandecente.

ò bemaumentados

Charissimos esposos,
 Que já daqui com outros olhos vejo
 Os tempos, & os fados
 A vós sempre ditosos,
 Conformes ao que for vosso desejo
 ò Zezere, que no Tejo
 S'elconde assi o diz
 Vaticinando ledo,
 Por entender que cedo
 Ha de pagar o foro a ti Luys,
 Porque t'espera ja de dia em dia
 Com tua chara esposa em cõpanhia.

Mil flores derramando

Com suas Ninfas todas
 Sahirà da sua fonte a receberuos
 O dia celebrando
 De tam alegres vodas,
 Se cantar delouuaruos, nõ de vernos
 Sofre

Sofre (que obedeceris)
 Ha tanto que descejas
 Vossa dilagaõ mal
 Disto dá bom final
 O que canta de vds sem ter enueja
 Do Douro, do Mõdego, & Guadiana,
 Luys ditoso viua com Ioanna.

Prometem as estrellas
 De vds cousas tam altas,
 Que naõ sobetam alto alta memoria:
 Abastame só crellas
 Sem ir com minhas faltas
 Escurecendo a luz de vossa gloria,
 Teçaõ tam noua historia
 As brandas irmãs noue
 Com sempre viuas cores
 Mostrem como de flores
 Hũa nuuê do Ceo sobr'ambos choue,
 Cantem cõ doce som: Iuno, & Diana,
 Luis ditoso viua com Ioanna.

Iã me parece muito
 O vosso apartamento,
 Não sofre grande amor, grãde tardã-
 Colhei o doce fruito (sa:
 Do santo ajuntamento,
 Não se dilate mais vossa esperanga,
 Segura confiança
 Tende, que por vds creça
 A geraçaõ illustre,
 E que tam claro lustre, (deça
 Que em quanto ouuer mundo resplã
 Apollo assi o diz que naõ s'engana
 Luys ditoso viua com Ioanna.

Nos rios, & nas fontes
 No mar, na terra seja

Este famoso dia celebrado,

Nos valles, & nos montes

O sol entam se veja (rado

Amanhecer mais claro, & mais dou-

Não negue entaõ o prado

Aos olhos lyrios, rosas,

Nem chore Filomena

A sua antiga pena,

Mas cante ao som das aguas saudosas

Desta minha corrente, cante v'fana

Luis ditoso viua com Ioanna.

Conformes nũ querer

Viuei, viuei mil annos

Attados juntamente com mil nũs

Em gostos, em prazer:

Tristezas, nojos, dannos

Sempre fugindo vaõ diante vòs,

Pays, cedo, cedo a vòs

Vos vejaõ vossos pays:

Alem disto mais vejaõ

De vòs o que desejaõ,

E de si o que vòs lhe desejaís;

Seguros sempre de quãto a vida dána

Luis ditoso viua com Ioanna?

Isto cantou, & mais cantar queria

Mostrando mais palauras, & no rosto

O prazer desusado que sentia.

Mas vendose antre mil pastores posto,

Que logo o doce som ali trouxera,

A seu canto deu fim, naõ a seu gosto.

De flores coroadõ Louro, & Era

Foyse pela ribeira sò tangendo

Tam lèdo como triste d'antes era.

Mel. Pois vamonos tãbẽ nos recolhẽdo

¶ por mais q̃ depressa o sol nos foga,

EGLOGA IX.
E a fôndra se vê tanto maldizêdo?
Inda quem me não vê, e de ruzoje?

A N Z S.

EGLOGA IX.

Fernando, Rodrigo.

(nho)

Fer. **D**ize Cabreiro nouo, esse reba-
Quê to deu aguardartaõ donda
q̃ logo se vê nelle ser stranho? (mête,
Rod. Dize vaqueiro antigo maldizête,
Porq̃ disseste a Iusta ontê na fonte,
Que na festa canton melhor Vicête?
Fer. Pergunta tu a Aldonça q̃ te conte
Isto como passou dessas cantigas,
Que tornaua co gado entaõ domôte.
Mas quero pois perguntas, q̃ me digas
Porque quebraсте a frauta de Gôçalo
Causâdo antre pastores tâtas brigas?
Rod. Se tal frauta q̃ brei (olha o q̃ fallo)
Nunca mais estas cabras medrar veja,
Mas bẽ mereço eu isso, pois me calo
Fer. Pois nunca dequẽ amo amado seja
Se me não disse hũa alma, hora qual
q̃ lha q̃braras tu depura çueja. (dia
Rod. Certo q̃ s'alguẽ foy, q̃ foy Maria,
Qu'anda de mĩ raiuosa, pola roca
Laurada que me vio dar a Luzia.
Toca de desenuolta, & sempre toca
Hũs pontos, q̃ lhe são bem escusados
Zomba, escarnece, ri, tudo remoca.
Cuida que com seus olhos requebrados
Todos leua aporri, todos namora,
E que

E que n'os faz andar como encãtados
 Pois crême (& mais não digo por agora)
 Q'inda q' ri daquelle, & ri daquella,
 Porquem se della ri mil vezes chora
 P'os logo olhos em mĩ, p'os olhos nella
 E disseme, despois, leuaua fiso?
 Leuaua, mas o meu perco por ella.
 A tal resposta deu hũ grande riso,
 E foy dizendo s'õ, roca sem fuso?
 Sem fuso roca, ah gentil auiso.
 Fiquei desta palaura tam confuso,
 Que podera fazer hum desatino
 A não ter ja sabido o seu mau uso.
 Fer. Por isso se pintou amor minino
 Em tudo sem razãõ; mas nos ciumes
 Sem juizo nenhũ, sem nenhũ tino.
 Rod. Emfim pôdo a de parte, os mais q'ĩ
 Vejamos, ou saras cãtar comigo (xumes
 Pois q' de hó cantor tanto presumes?
 Fer. Que veja s'oufarei cantar cõtigo?
 Vaife omũdo a perder; & eu não sabes
 q' sabẽ quẽ he Fernãdo, quẽ Rodrigo?
 Rod. Eu te conheço hẽ, não te megabes
 Nẽ cuides q' m'espanta o teu espãto,
 Que ja v'eci cantãdo outros mais gra
 Fer. Foy isso por v'etura hũ dia s'õto (ues
 Que cantaste comigo sobre teima,
 Que as moças todas riraõ do teu cãto?
 Rod. Dizẽ quem alhos come q' te queima
 Não disse entãõ. Meia estas palauras
 Ouuir cantar Fernãdo he hũã freima.
 Fer. Cõ tuas mesmas armas t'escalauras
 Mes foy a q' disse, õlhã a graça,
 Como q'ireis q'cãte hũguarda cabras
 Hora pois q' ja tudo vem à praça;

E G L O G A IX.

Mas eis cá vem Ines, & vem ja rinda
 Diga de qual de nós foi a fogaça. (go.
 Ines. D'atras estas murras os estive aqui
 Deixai por meu amor esta cozenha
 Não vades taprasyuas descobrindo
 Fer. Quem queres tu Ines q se defenda
 Desses tens olhos verdes vence dores
 Rod. Quê queres tu Ines q se não rēda
 Ines. Lisonjas, ah lisonja de pastores,
 Demandas começadas, ah demandas
 Morte me fostes vós q não amores.
 Fer. Quê se desuia Ines do q tu mãdas!
 Rod. Quê despreza Ines, o q tu prezas!
 In. Ia me não vēcerao palauras brãdas
 Fer. Vencem logo a mi tuas durezas,
 Rod. Vencēme logo a mi tuas brãduras
 In. Enfadao logo a mi vossas friezas.
 De que serue fazer tantas misturas
 D'enganos q nos dais por beberaje
 Mexidos, remexidos com doguras?
 Fer. Cruel que me rogaste na romaje,
 Rod. Cruel q te não lēbras do meu ro-
 In. Hora tomai vós la tal linguaie, (go.
 Queimados seiais ambos de maõ fogo,
 Eu vim a despartir vossas perfias
 E vós estais de mi fazendo jogo.
 Naõ se gaste mais tempo em zóbarias
 Por me fazer prazer cantai hūpouee
 Fer. Eu não cantei Ines ha muitos dias.
 Rod. E eu de catar muito ádo ja rouco
 Mas não m'eyde rogar, diz tu qual de
 In. Aqlla q começa em amor louco. (ga
 Fer. Antes de la dulce mi enemiga,
 In. Mas sola me deixaste, & naql ermo
 Rod. Guardem Deos de causa tã atige

er. As quatro joas nunca fazem termo,
 Dizia o mór cantor destas mótanhas
 Sendo bem velho ja, & bẽ enfermo.
 Rod. Pois esse m'ẽsinou mil das strañas
 Quẽ as naõ entẽder, q̃ as naõ cante.
 n. Mao es de cõtẽtar, logo t'assanhas?
 er. Tua palaura Ines vã por diante,
 Cante de quais quiser, q̃ lho nã tolho
 Eu lhe responderei ao consoante(
 Rod. Olhei Ginebra hũdia, & deume d'õ
 Com tal desenuoltura (lho
 Que naõ lhe pude ter rosto direito,
 Ginebra se te colho
 (Lhe disse) por ventura
 Me pagaras o mal que me tẽs feito
 Hum riso contrafeito,
 Hum desprezar meus d'annos
 Enuoltos num despejo,
 Na hora em que te vejo
 (A fim sã d'enganarme) mil enganos
 Cuidar nisto Ginebra,
 O coraçãõ me quebra.
 er. O coraçãõ me quebra, quãdo cuidõ
 O que de võs entendo,
 Olhos postos em mi furtadamente,
 Com que doce descuido
 Me vedes, em me vendo
 Por verme sã, sã dar q̃ ver à gente;
 Em võs muy claramente
 Naquelle ponto breue
 O puro dalma leo,
 E se duuido, ou creio,
 Amor logo nos meus vo lo escreue;
 Que saõ embalxadores
 De mil secretas dores

Se chorar, se inspira,
Se viue sempre em dór, sempre é triste;
Quem ama desamado
Amor tu exculpado.

Fer. Amor tu exculpado dos que não
Entendem quanto vales,
Nem sabê teu poder quanto s'effe de
E alsí contra razão
Se queixa de teus males (de.
Quê dos teus doces bês menos entê;
Em mi teu fogo accende,
Em mi prega teus tiros,
Que não os sinto graues,
Mas brandos, & suaves
Teu pranto doce, doces teus sospiros!
Por ser a causa tal,
Que em bem conuerte o mal.

Rod. Não quero mais câtar; agora Ines
Iulgue sem afeição, & sem detença;
Qual soy o q de nós melhor o fez.

In. Consentes tu Fernando na sentença?

Fer. Consinto; mas receo que Rodrigo
Se contra elle a dâs faya d'averça.

Rod. Não sayo eu Fernando do q digo,
Iulgue por tua parte, ou pola minha,
Acabe, acabarei oje contigo.

Ines. O q julgo de vòs he, que vos tinha
Antes de vos ouir por bós cãtores,
Agora sei quam enganada vinha.

Ambos cantastes mal o mal d'amores,
O bem não sei quam bẽ o cantareis,
Empresa he de mais a:kos pastores.

E porque mais de mi não espereis,
Vou colher certas ervas entretanto,
Que vòs o vossogado recolheis.

E G L O G A IX.

Rod. De mil secretas dores não faz cõ-
 Ginebra minha imiga, (ta
 De mil q̃ lhe descubro menos inda;
 Emfim que tanto monta
 Que calle, ou que lhe diga
 Do mal q̃ sim não tẽ a pena infida.
 Ah quanta ida, & vinda
 Por rios, montes, valles,
 Por ti perdi perdido,
 De mi tam esquecido, !
 Quão esquecida tu de tantos malees!
 Ah Ninfa descuidada
 Que te não lembra nada.

Fer. Que te não lēbra nada mais q̃ ver-
 Por mil razõs o creio, (me
 E sei q̃ tu de mi cres outro tanto:
 Mas tardas em valerme
 Tanto que ja receo
 q̃ se mude meu gossõ em triste prato
 Colhamos entretanto
 Fa Itaõ impedimentos
 (Que nunca tardaõ muito)
 De amor o doce fruito,
 Não seja causa d'arrependimento
 Guardar para mais tarde,
 Aguarda mal quem arde

Rod. Aguarda mal quẽ arde, mal quem
 Da vista sò da falla (treme
 De quẽ não tem deuer cõ sua magoa
 D'amor a rolla geme;
 D'amor a ouelha balla;
 Est'agua d'amor vay buscando outra
 Accende amor na fragua (agua
 Da mesma natureza
 As leitãs com que rira

E G L O G A IX.

Ter. Inda que desprezaste nosso canto
 Espera que contigo nos iremos. (to.
 in. Por quẽ canta tam mal, nã spero tã
 Rod. Pois q̃ se foy Ines, nõs q̃ faremos?
 Eu às vacas me vou, tu vay às cabras
 A noite na malhada nos juntemos
 Que não he tẽpo aqui de mais pala-
 (uras.

P E R I O.

E G L O G A X.

Syluio. Alcido.

Syl. A Qui Dello cãto, alli defronte
 Por mais o segurar me recolhi
 Corria entam mais agua desta fonte,
 Fazia fresca sombra hũ choupo aqui
 No llo pé do qual com ferro agudo
 Cortei o triste canto que ll'ouni.
 Deu hũ rayo por elle, abraçou tudo,
 Tudo com tal estrago se perdeo,
 Que quando niõo cuido fico mudo.
 Na planta, que não teme Ira do Ceo,
 Eu o cortei de nouo, em melhor ora,
 Que na minha lembrança nao ardeo
 O que disse depois de soltar fora
 Do triste peito seu sospiros tristes,
 Vos torno a referir montes agora.
 Se vós olhos crueis nos meus abristes
 Duas fontes, q̃ manaõ noyte, & dia,
 Pera menõover mais, porq̃ me viste
 Se ver tam alto bem não merecia,
 Menos vos merecia tanto mal,
 Bastava ser veia d'age & sotria.

Ousadia foy seruos, porem tal (me,
 Tormento, como foy não querer ver
 Parece, que de culpa he desigual.

Nã choro, olhos crueis, por vòs perder
 Choro perder o gosto de servisto (me
 E não poder em lagrimas valerme.

Enxugou as entan com dizer isto,
 Correi lagrimas tristes, não canseis,
 Que cõ vos enxugar, não vos resisto.

A causa deste mal já vòs sabeis (frio
 Ser força d'alto amor, qu'è fogo, &
 Consume o coração donde nasceis.

Deixo o q' mais cantou, pois do sóbrio
 Souto já o manso gado se derrama,
 He tempo d'ir co elle ao fresco rio.

Mas vejo hũ pastor là, q' por mĩ chama,
 Navoz parece Alcido, & mais nogeito
 Também em vão sospira, porque ama.

De Syluia bella. Ninfã, o fez sogeito
 Seu fado, ou seu desejo de maneira
 Que mil e stremos tem por ella feito.

Tam clara historia já, nesta ribeira,
 Que serue já d'auiso àntre pastores,
 Della a quebrada fé, delle a inteira.

Alc. Tu Syluio fallas sô' são isto amores?
 Amores deuem ser, q' seus cuidados
 Inda causão em nòs descuidos mòres

Enchi todo este valle de meus brados
 Sê tu m'ouires nũca, nã m'espãto,
 q'ninguê ouue os mal afortunados.

Syl. Estaua imaginando o triste canto
 De Delliõ, que tu já escrito viste
 Aqui onde danou o rayo tanto.

Alc. Quãta razão tẽ Delliõ de ser triste
 Os dias que viver, se forem muito

E G L O G A X.

Cōdor tos cōteijã, cō dor m'ouuiste.
 Amor negoulhe amor, a terra fruiços,
 As fontes pera Dello se secarão;
 Seus olhos não, jã mais lhos vi êxu-
Estas, & outras cousas o leuãrão (tos.
 Daqui pera tão longe, os fados là
 Os bês lhe mostrẽ, q̃lhe cà negarãõ.
Syl. Queira Deos qu'assi seja, e assi serã
 Que me dizem que Perio, alto pastor
 Debaixo o seu emparo o tomou jã.
Alc. Perio digno de fama, & de louuor
 Tam largamente o Ceo te fauoreça,
 q̃ em ti todo o alto ingenho ache fa
O dia pera ti aluo amanheça, (uor.
 A noite pera ti seja serena,
 Sêpre verde a teu gado a erua creça
Nem o faminto Lobo lhe dé pena,
 Nem seja d'olho mau nunca ferido,
 Nê sinta outra mór dor, nê mais piq̃
Perio, õs câpos do Tejo bẽ nacido (na.
 Se tu os não cultiuas, nem grangeas,
 Vejo o trigo em auea conuertido.
Tu sabes quando luras, tu semeas
 A tempo q̃ a semente a terra toma,
 Pera luras espigas nos dar cheas.
Quem as abelhas cria, os touros doma
 Senão tua prudencia? quem entende
 A tẽpestade, qu'inda bẽ não affoma?
Quem della as tẽras plãtas nos defẽde
 Quem o bẽ do pastor. quẽ o do gado
 Cõ mais vigia, & mais amor pretẽde?
Colhãote as Ninfas, Perio, pelo prado
 Mil nouas flores, toda voz te cante,
 Perio em toda a voz seja cantado.
Tanto teu doce nome se leuante

Nestes troncos escrito que se veja
 As nuvões penetrar, & mais auante.
 Sempre Perio, de ti a cega enleja
 Seu venenoso [peito esté roendo,
 Porque da sua culpa pena seja.
 De cá tão docemente estou já vendo,
 Dellio, à tua sombra estar cantando
 Qu'os vêtos polo ouuir's' estê detêdo
 Por onde os teus cordeiros for guiádo
 Vejo muito mais puro o fresco orua
 A rosada manhã ir derramãdo, (lho
 Por ti lhe serà, Perio, o mdr trabalho
 Mais doce, qna calma aquê caminha
 A fonte fria, & a sombra do orualho
 Syl. Porq̃ acabaste Alcido tam asinha?
 Não vias que detinhas o sol, em tão
 Seu curso cõ espanto, & puro amor
 De Perio bom pastor o nome ouuia
 Agora váy fugindo tam ligeiro, (do?
 Que temo q̃ primeiro lá nas endas
 Te bandes, & t'escondas, louro Febo,
 Que o gosto, q̃ concebo, dizer polla,
 Vendo que nesta nossa idade dura,
 Tem inda onde segura se recolha,
 Edignos premios colha a brãda Musa
 De Dellio, q̃ cõfusa ò valle, e ò mōre.
 Ò bosque, ò rio, & à fõte se queixava
 Da pena que passava, & sò sentio;
 Por ver, q̃ não podia ad som da lyra
 Vencer a cruel ira do seu fado.
 Ò bem affortunado Dellio agora,
 Pois já chegou tu'hora tam ditosa,
 Inda que vagarosamente veyo,
 Alegre, como creio, a Perio canta,
 Escrito em toda planta seja Perio,

E G L O G A X.

Nũ & noutro Emispherio sēpre soe,
 Tanto teu verso vœ doce, & puro,
 Que da morte seguro o nome claro,
 Do longo tempo auaro, mil enganos
 Sabendo ellè mil annos, & mil inda.

Alc. Syluio, a noite he vinda, ao gado
 Primeiro q̃no mar a noua lũa (torno
 Elconda expos dũ, o outro corno,

Syl. Assim te seja Syluia menos crua,
 Que logo outra vez nos ajuntemos,
 Quer na minha choupana, q̃r na tua.

As noites grandes saõ, lá fallaremos
 No remedio domal, que te desmaya,
 Se nelle algũ remedio dar podemos.

Alc. Cãta primeiro os versos q̃ na faya
 Escreueo Dello, quando se mudou
 Desta verde ribeira, & branca praya.

Donde logo hũa Ninfã os tressadou
 Nũa concha do mar alua, & rosada,
 Que no seu brando peito pendrou.

Syl. Si cãtarei, pois minha voz t'agrada
 Descubre, ò Lũa, os teus rayos fermo
 Pois jã dũ pastor foste namorada, (fos
 Escuta doutro os versos saudosos.

S Ombrio & verde valle, ondes'acolle
 Marilia, quando o sol mais se leuãta
 Onde doce suspira, & doce canta,
 E seus cabellos tolta, & os recolhe.

Praya, por onde as aluas flores colhe
 Com tanta graça, q̃ o amor s'espãta,
 Estes versos vos deixo nesta planta,

Darvos outro louvor meu fado to-
 A fresca, & namorada Primavera (the
 Nunca jã mais daqui se saparega,

Nunca vos mostre o Inuerno a'ira sua
 Seguia pelos olmos, trepe a era,
 Segura naça a flor, a erva creça,
 Favor tenhais do Sol, favor da Lúa.
 Alc. Não sei (tal fiquei Syluio) se te gaue
 Primeiro d'esses versos a brandura,
 Se tua voz pera m'í bráda, & suaue?
 A quem os deixou cá, nunca a ventura
 Se lhe mostre cruel, nem a ti Marfida
 Auara seja da sua fermosura.
 Sylu. Pera te contar desta endirecida,
 Vay ter oje comigo, em todo caso,
 Quebem sabes quem ama, q' duuida.
 Dart'ey de branca faya h'í nouo valo
 Onde verás de vulto as nove irmãs
 Cantar ò som das aguas de Pegaso.
 Bolletas te darei, & auellãs,
 E outras cousas mais que te não digo
 Gostosas ao sabor, à vida saãs.
 Alc. Embora vay, que là me tês cõtigo.

G A L A T E A.

E G L O G A XI.

I Lustre senhor meu, a quẽ me manda
 Minha fatal estrélla, que s'ò cante
 C'ò Musa natural tam doce, & bráda,
 Qu'a t'òda a estrágeiravêça, & espáte:
 Apesar da cruel, q' em m'í defanda
 A sua roda sempre, trei auante
 Seguindo pouco & pouco este desejo
 De q' s'ò digno v'os, outrem não vejo.
 Aquellas raras graças altas tanto,
 De q' a Fortuna, o Ceo, & a Natureza

Vos quizerão ornar, por hõra, & espã
 Do mûdo, q̃e vós só tẽ sua riquza, (to
 Pedindo estão de Esmirna o altocãto
 Ou o q̃ Mãtua ergueo a môr alteza,
 Não este baixo meu; mas q̃ tal seja,
 Quem tal sogeito tem, q̃ mais deseja?
Pera poder vrdir a nova historia

Onde espero tecer com novas cores
 Do vossio illustre sangue a illustre glo
 Aquẽ o mûdo deve mil louvores (ria
 Sinta o êgenho meu, sinta a memoria
 De vós, de Febo nã, novos fauores;
 Põde guardar os seus, os vossos q̃rõ,
 Muito me dèstes jã, mais inda spero
Ambrenos, senhor, quãto bem olhada
 Foy jã de vós a minha branda rima,
 Não seja agora menos estimada,
 Se quereis q̃ se tenha ã muita estima:
 Não he do alto a lemo engeitada
 A baixa era, q̃ ao seu trõco s'ãrrima;
 Elle a vay erguendo a môr altura,
 Ella lhe dà mais graça, & fermosura
Outras couzas co esta vos lembrara,
 Dignas, por serem vossas, de lêbrãça,
 Mas hũ esprito puro, hũa alma clara
 Não deve de mostrar desconfiança:
 E mais de quẽ recolhe, a minima, e epã
 Cõ obras, cõ fauor, cõ esperãça (ra
 As Musas, cujo pay jã fois por proua
 Hũ novo Augusto ã poesia noua.

Celebre o graõ Marão Heroes Latinos,
 D'Homeros Gregos seja õ celebrados
 Façaõ d'homẽs mortais homẽs diui-
 Cõnomes nestavida eternizados (nos
 q̃ se cõ igual canto, & versos dignos

De vós poderem ser de mĩ cantados
 Do vosso alto valor altos eĩtremos,
 Nem vós, nẽ eu, enueja lhe teremos.

Ac. itai entretanto por começo
 Do que pagar espero inteiramente,
 Esta piquena offerta que offereço
 A vós grande senhor deuotamente.

Se por tam pouco tanto bem mereço,
 Os olhos ponde nella alegremente,
 Ficarei satisfeito, & atreuido
 Pera poder comprir o prometido.

Despois q̃ o leue barco ao duro remo,
 Onde menos das ondas se temia,
 Atou o pescador pobre Pallemo.

Emquanto as negras redes estendia,
 Seu cõpanheiro Alcam, nabrãca area
 E Licio as longas cordas enuolua.

De cima d'ũa rocha, a qual rodea
 O mar, quebrando nella de continuo
 Começou de chamar por Gallatea.

Deixa o liquor molle, & cristalino,
 Dizia, ah Ninfa já, q̃ o sol deseja
 Enxugar teu cabelo d'ouro fino.

Inda que tẽ de ti muy grande inueja,
 Não temas q̃ te queime o caraõ brã
 Basta para abrãdarse, q̃ te veja. (do,

Não te detenhas mais, vẽ já cortando
 Co teu candido peito as mãas õdas
 Escuma menos alua leuando.

Dart'ey (cõ condiçãõ q̃ não t'escõdas
 De mĩ là nessas liquidas moradas,
 E qu'algũ dia branda me respõdas.)

Mil conchas nũ cordaõ verde enfiadas
 Todas d'hũa feyçãõ, não d'hũa cõr,
 Que dellas sãõ azuys, dellas rosadas.

Inda que seja pobre, & pescador; (tasi)
 Não sei em desprezarme quãto acer-
 Pois que rico d'amor me fez amor,
 Pera ti noutras prayas mais desertas
 Irei peiscar por átre as pedras duras
 q̃ sempre d'alga verde estã cubertas.
 As pardas ostras, onde as gottas puras
 Do fresco-ornalho detto & durecidas
 Não podem da cobiça estar seguras.
 Porque deixas de vir? de que duvidas?
 Por ventura d'algũ meu cõpanheiro?
 Inda as redes ao soltem estendidas.
 Toda a noite pescarão. & primeiro
 Querem dormir a sêsta nesta praya,
 Que o barco pelo mar, leuẽ ligeiro.
 Tu vigiando aqui como atallaya
 Sempre te chamarei, tẽ que cansado
 Hum dia desta rocha abaixo caya.
 Deixando este lugar tam infamado
 Cõ minha morte, q̃ dos marinheiros
 Co dedo do alto mar serà mostrado.
 Diraõ os naturais aos estrangeiros;
 Ali morreo Palemo, ah triste historia
 Guardai a nao dali ventos ligeiros.
 Antes que tal soceda, olha que gloria
 Alcanças, em deixar aos nauegantes
 Da tua ingratição esta memoria.
 Da nossa differença não t'espantes,
 Tu Ninfa eu pescador, Glauco, Deos
 Qual eu agora sou, talera dâtes (vosso)
 Ainda entr'estas eruas achar posso
 Aquella (se tem erua tal virtude).
 Que mude noutro ser, este ser nosso.
 Mas o amor que cã mudar não pude
 Depois de morador lá nessas aguas

Não podes reccar q̄ em mi se mude.
 Seraõ as frias ondas viuas fragoas
 De fogo, em q̄ arderei a noite, &odia
 Emquãto não lētires minhas magoas
 As horas naturais da pescaria (faz?
 Não ves q̄ vão passando, em q̄ as pas
 Quem de tal passatempo te desuia?
 Ah descuidada Ninfa, não me faças
 Dar mais gritos emvão, vê já, iremos
 Ambos aleuantar as verdes naças.
 E os curuos anzolos cubriremos
 Com mentirofas iscas, cõ q̄os peixes
 Cõ grande gosto no isõ prēderemos.
 Assim d'amor cruel nunca te queixes,
 E da tua fermosura as mais fermosas
 Ninfas do mar azul venidas deixes.
 Que vejas, que por ti em saudosas
 Lagrimas, vou gastando vida, &alma
 Tirame d'esperanças duuidosas.
 A praya esta callada, o mar encalma,
 Por cima desta rocha brandamente
 Sõ Zefiro aspirando desencalma.
 Aqui não vejo cousa finalmente,
 Porque deixes de vir como iohias,
 Senão não seres tu di sso contente.
 Se tu desgostas já das pescarias,
 Marisco apetitoso aqui não falta,
 Quer sejaõ Lũas cheas, quer vafias.
 Pelo pè desta rocha dura, & alta
 Hirei desapegando hũs como pès,
 Dum animal, que polas fragoas salta
 E viuos te darei (se delles es
 Amiga) os cranguejos vagarosos,
 Que vejas ir andando de traues.
 Não te darei curicos esmifhosos,

Sabes Ninfa porque? porque receo
 Que piquê chês teus dedos mimolos
 Faz daqui perto o mar hũ largo seyo,
 Onde d'ameijoas lisas sem trabalho
 Podemos apanhar hũ cesto cheyo.
 Alem de tudo isto, hum crespo galho
 De vermelho coral te darei logo,
 q̃pordita ēbarron nũ meu tresmalho
 Mas ah, q̃ ēvaõ te chamo, ē vãõ te rogo,
 Que nẽ tú a meus rogos tês respeito,
 Nem eu gritando tanto desafogo.
 Hum coração em lagrimas desfeito
 Como te não abrandas? quem encerra
 Cruenza tal em tam fermoso peito?
 Nã reyna amor nõmar, como na terra?
 Não sabes quantas vezes já venceo
 Neptuno vosso Rey em cruel guerra?
 Sua fermosa mãy onde nasceo,
 Senã no mesmo mar em q̃ te banhas?
 Onde Thetis por Pello ē fogo ardeo?
 Se naceras de pedras nas montanhas,
 Se com leite de feras te criaras.
 Que mais duras tiueras as ētranhas?
 Apareceras tu, entã: tornaras
 A esconderte logo, se quiseras.
 Nessas aguas pera mĩ de ti auaras.
 Com hũa mostra sũ, que de ti deras,
 A vida, que me fuge, não tẽ vendo,
 Nũ teus fermosos olhos detiueras,
 E viras estes meus, donde correndo
 De lagrimas estãõ dous novos rios,
 Qu'õ mar tãbẽ em si vaõ recolhẽdo.
 Ah doudo pescador, que desuarios
 Me deixo aqui dizer, & aquẽ os digo?
 A surdas ondas, & a ventos frios.

Creçeraõ ellas, corre o barco perigo,
 Eylo dũa,eylo doutra combatido,
 Eylo de todo leuãõ jã consigo.
 Olhes, que la me tinheis o sentido
 A culpa tendes vòs, q̃ me não vedes,
 Mas pois o pescador anda perdido,
 Percãose tambẽ o barco, & as redes.

E G L O G A XII.

DEPLORATORIA AO SE-
 nhor dom Duarte, no tempo
 do mal.

P Rincipe soberano, não vos seja
 Pesado o pouço meu merecimento
 Que se meu baixo verso se despeja,
 De vòs lhe nasce o seu atreimento,
 Pois não ha bo'juizo, que não veja,
 Que sepre dar sauer foy vosso Intêto
 Aquãtosvão seguinndo Apollo, e Marte
 Dos quais vos coube a vòs a melhor
 Não tocarei cõ tudo no vedado (parte.
 Inda qu'esta verdade me segura,
 Que pera vòs de mĩ serdes cantado,
 Bem sei q̃ me negou muito a v'etura:
 Alpino, & Mincio, èquãto o mãso ga
 Paícia a seu sabor pola verdura (do
 Na ribeira do Lyra isso cantaraõ,
 Despois que tambẽ isso praticarãõ.
 Correm os nossos tempos de maneira,
 Antes no mal parece q̃ estão quedos
 Por mais q̃ muda o sol sua carreira;
 Tãtos os males sao, tãtos os medos
 Que não ha valle eã, não ha ribeira

E G L O G A XII.

Por onde soem já cantares lèdos;
 Dos tristes ouvi esses, entretanto
 Dará o Ceo materia a melhor canto.

Alp. Ha tanto tẽpo já q̃ não cantamos,
 Não sei q̃ pera mĩ, ó Mincio teha
 Parece que grão mal a deuinhamos.
 Minc. Inda tu queres q̃ outro mór nos
 venha.

Merecemolo nòs, mas Deos hos guarde
 E sua ira por seu amor detenha.

Não vês tu q̃ tal fogo entre nòs arde,
 Qu'inda não pega bẽ na choça alhea
 Quando na sua fã ha quẽ mais aguarde?
 Despois que s'atitou na mór aldeia,
 Derramandose foy por cada malha,
 E hora aqui, hora acolà s'athea.

Se quem tudo gouerna não atalha
 A mal tã s'ẽ remedio, ali triste terra!
 Quẽ cuida q̃ te guarda, ẽ vã trabalha
 Os pastores mais ricos para a serra
 Com seu fato, & cabana vão fugindo
 No mais s'ẽguro cada qual s'encerra;
 Sem d'õ de quantos fica consumindo,
 Não digo esta peçonha, a fome digo,
 Que della muito mais estão caindo.

Quem isto vendo està, Alpino amigo,
 Como queres que cante, & v'ia lèdo?
 Não cõsente o temor prazer cõsigo.

Alpi. Tudo quãto me dizes te cõcedo,
 Porem andãdo triste qu'aproueitas?
 Nã auemos nòs d'ir ou tarde, ou cedo
 Cada hũ traga as suas contas feitas
 Configo, co vezinho, & co estranho,
 E falle o preto no brãco às direitas.

Aquelle, que ~~irto~~ ~~traga~~ rebanho

Muy largas terras, grandes colmeaes
 Com muito não s'ajunta cõ hó ganho.
 Torne a seu dono o seu, doalhe mais
 A perda da sua alma, que a fazenda,
 Que ca nos fica o gado, & os currais.
 De si só, não d'escarneo s'arrependa
 De todo o mal passado, & do presête
 E no por vir vigie, & ponha emêda.
 Satisfazendo em tudo inteiramente
 Tenha esperança e Deos, e baile, e cãte
 Que não dana a ninguê viuer cõrête.
 Antes segundo disse hũ viandante,
 Passando por aqui, hora qual dia,
 Foyl quando casou Gil cõ Violante.
 Este mal, que chamou Epidimia,
 Com nojos & tristezas s'acrecenta,
 E foge de prazer, & d'alegria.
 Mi. Tu queres q̃ cantemos na tormêta
 Como contãõ que fazem as Sereas
 Quãdo cõ mayor furia o mar rebêta?
 Os vîsos nos destruem as colmeas,
 Os raposos que â serra s'acolheraõ,
 Decem já sem temor polas aldeas.
 Se vêm famintos lobos, porqu'esperaõ
 q̃ venhão batalhar cos touros fortes
 Que sera quando sòs tal cometeraõ?
 Quanta perda de gado, quantas mortes
 De rafeiros fieis entam veremos,
 Milhore o Ceo êtudo as nossas sortes
 Porem saõ horas ja, q̃ nos mudemos
 Daqui, pera o abrigo, lá d'espago
 Nisto, & noutras cousas fallaremos,
 Alpi. Emquãto as vacas vão seu passo a
 Matar a sede no corrête rio (passo
 Perdoa se te nisto agraço faço.)

A tanger, & cantar te desafio,
 Não te pareça muito atreuimento,
 Que tambem eu de meu saber cõfio,
 Min. Antes q̃ tu me tenhas por isento,
 Ou inda o q̃ he pior, por tensoeiro.
 Satisfarei cantando a teu intento.

Porem auemos de deixar primeiro
 q̃ o Sol nos deixe a nós, o triste cãto
 q̃ bẽ triste ha de ser porderradeiro.

Alp. Nisso, e no mais te seguirei e quãto
 Tua vontade for; podes cantar
 Que de cãtares tristes não m'espãto
 Hora escuta, & supre aonde eu faltar.

SE chega, ó Rey do Ceo, humano rogo
 A teus ouvidos, ouue nossos brados,
 Apaga (por quem es) o viuo fogo,
 Qu'acendẽ entre nós nossos pecados.
 Faraõ os teus inimigos de nós jogo,
 Se nos virem de ti desemparados;
 Que somos peccadores conhecemos
 Mas inda q̃ taes somos, e ti cremos.

Min. Lẽbrete que de nada nos fizeste,
 E por teu proprio sangue nos remisse
 Quãdo à terra por nós do Ceo decessete
 Quãdo da terra à Cruz por nós subiste
 Destruie os ares maos desta mã peste
 Como com tua morte destruisse
 Os pecados do mudo, & o reino scuro
 Rõpendo com teu pé seu forte muro

Alp. ó Virgem, a quẽ tod'alma suspira,
 De quem pede fauor, & espera ajuda,
 Abrandai do vosso filho a justa ira,
 Volua aos infieis sua espada aguda:
 Pois nũca a vosso rogo o rosto vira,
 Pois nũca o vós chamais, quã acuda

Por isso Virgem, não vos descuideis,
Favoreceinos já, já que pôdeis,

Min. Virgem toda fermosa, toda pura,
Voluei a Lusitania olhos beninos,
Olhai nossa miseria dessa altura,
E logo fugirã m ares malinos:

Que s' esta corrupção maistêpo dura
Quê vos pôde câtar Psalmos? quê him

quê visitar os vossos tēplos sãtos (nos
Com novas flores, cõsagrados câtos?

Alp. o tu, q̃ por teu Deos foste afetado,
Martyr, & juntamente cavalleiro,

Que do final da santa Cruz armado
Sahiste contra o tyraño ao terreiro;

Se fores là no Ceo nosso auogad o,
Como na terra câ es padroeiro (res,

Erguendo cõ teu braço estes maos a-
De nous t'ergueremos mil altares.

Min. Onde tuas imagēs visitadas

De nòs sempre seraõ cõ mil offertas

De lyrios, & de rosas coroadas,

E d'ouro guarnecidas tuas settas,

Com mais quieto espirito veneradas

De gentes, q̃ hora ves tam inquietas;

Primeiro do graõ Rey; q̃ tẽ teu nome

Porque o pouo delle exēplo tome.

Alp. Pastores, q̃ morais no môte santo

Por graça do Pastor dos bõs pastores

Que neste baixo valle amasie tanto,

Que fostes de tal bem merecedores;

Alcance vosso rogo, & nosso pranto

+ Outros tēpos mais saõs, ares milho

Logo sereis de nòs mais visitados (res

Nos dias que vos fomos obrigados.

Min. Valeinos em tamanho delēparo

Como

EGLOGA XII.

Como cá entre nós vedes que vay
 Deixando a terra mãy o filho charo,
 Desemparando o filho o velho pay:
 Ó de crueza grande exemplo raro!
 Ó campos Lulitanos suspirai,
 Abriuos de piedade pedras duras,
 E dai a tãtos mortos sepultura. (raó
 Alp. Naõ posso mais cantar, q̄ me corta
 De modo essas palauras derradeiras,
 q̄ as minhas na garganta se pegaraõ.
 Mincio, a vitoria he tua; não a queiras
 Attribuir a quem já tem sabido,
 Que es mestre de cantigas strãgeiras
 E co isto por ora me despido,
 Qu'o gado naõ espera, & já m'espera
 ò pé daquelle outeiro onosso. Alcido
 Minc. Eu me fora contigo s'e stivera
 Algũ pastor aqui da minh'aldea,
 Qu'este gado co seu me recolhera.
 Mas porque a noite he grãde, a Lũa he
 Là metêdes cõuolco, appareihai (chea
 Entretanto bom fogo, & boa cea.
 Descansa & fica e bora. Al. Embora vay.

L I L I A.

EGLOGA XIII.

Piscatoria.

E Ncheo do mar azul a branca praya
 Melliso pescador, de mil querellas,
 Melliso, q̄ por Lilia arde, e desmaya
 Despois q̄ à luz da Lũa, & das estrellas
 Sobre dura fateixa o barco posto,
 As redes recolheo remoe, & vellas.

Que gosto, ò Lilia (disse) ou ã desgosto
 Te moue a me negar, vêdo qual ádo,
 Teus olhos cõr do Ceo, teu aluorosto?
 Se tu queres que pene desejando,
 Se queres que no mar em fogo viua,
 Ardendo sempre estè, sêpre penando
 Mas olha Lilia branda, antes esquiva,
 Que naõ merece ser taõ maltratada
 Hã'alma desses teus olhos cativa.
 Viues dos meus cuidados descuidada,
 Coitado de quem traz a duuidosa
 Vida em mar, & em terra auenturada
 Bem podes, com razãõ; ser piedosa
 De quẽ não quer mór bẽ, q̃ bẽ q̃rerte,
 Naõ sejas taõ cruel, como fermosa.
 Deixa hora, ingrata Lilia, deixa verte
 A meus cansados olhos, q̃ de tantas
 Lagrimas são mouidos, sã mouerte.
 Se tu Lilia me vences, se m'encantas
 Com tua doce falla, & doce riso,
 Porque foges de mĩ, de q̃ t'espantas?
 Lembrete a fermosura de Narciso,
 Que tal paga lhe deu seu desamor,
 Olha, que com Amor isto t'auiso.
 Mas quando tua crueza tanta for,
 Que mereça do Ceo nouo castigo,
 Qual erua serã digna de tal flor?
 Amor que me persegue, amor que figo
 Me faz dũ graue mal andar temendo.
 Dũ mal q̃ sinto na alma, & q̃ naõ digo.
 Quanto mais ledo já t'estiue vendo
 Aqui as mansas ondas esperando,
 Que por chegar ati, vinhaõ correndo.
 Eda molhada areia despegando
 Com delicada mãõ cõchas marinhas

E G L O G A XIII.

A forma do teu pé ali deixando:
 Daquellas, de que tu mór gosto tinhas,
 Muitas te trago aqui, inda q̄ temo,
 Que não otenhas já por serẽ minhas
 Chegame este temor a tal extremo,
 Que vencido dũ triste esquecimento,
 Da mão no mar me cae o duro remo
 E quando a branca vela solto ò vento,
 Tam descuidado vou do fiel leme,
 q̄ me leua a perder meu pouco tẽto,
 Mas quẽ arde por ti, quẽ por ti treme,
 Os seus proprios perigos não recea,
 Os teus q̄ sente mais, muito mais te-
 Depois q̄ te não vi (nã sei q̄ crea (me.
 Desta tardança tua, & morte minha)
 Sendo a Lilia vasia, he quasi chea.
 O tempo que nos gostos passa a linha,
 Detemse neste mal da laudade
 Por me dobrar a dõr q̄ dantes tinha
 Não desprezes, ò Lilia, hũa vontade,
 Que por te contentar tudo despreza
 Tudo julga sem ti por pouquidade.
 Se pretendes amor, já tens certeza,
 Que não podes ser nũca mais amada
 Dos que vencidos traz tua belleza.
 Se por ventura estãs afeiçoada
 A gentil parecer, a bom ingenho,
 A ninguem nesta parte deuo nada.
 Se fazes caso d'honra, olha que venho
 De geraçãõ d'honrados pescadores,
 Se de riqueza, barco, & redes tenho.
 Por erro julgarãs estes louvores,
 Oxalã não os julgues por doudice,
 Mas quẽ sifoquer ter não tenha amo
 E mais tudo foy pouco quanto disse (res
 Pondo

Pôdo os olhos no muito q' meu fado
 Nos teus, q' ver desejo, quis q' visse.
 Aconteceome hum caso desusado,
 Inda que d'ua cousa em outra salto,
 Digno, por ser d' amor, de ser cõtado
 Pescando ontem à tarde no mar alto
 Sospenso nessa tua fermosura,
 A quem cõ mil lēbranças n'ua salto
 Comecei de cantar, Lilia mais dura,
 Que h'ia inculta rocha rodeada
 Do mar de cuja furia estã segura.
 Mais alua que gesmim, & mais cõrada
 Que vermelhas cereijas pelo Mayo,
 Mais loura que manhã desentrançada
 Não ves (dizer q'neria) que desmayo
 Quando (cousa q' mal me serã crida)
 No mar forçado d'ũ, do barco cayo.
 Ali tiuera fim a triste vida
 Se d'ũ brando Delfim, q' m'escutava
 Não fora, por ser tua, socorrida.
 Parece, que tambem vencido andava
 Do mal, de que me via andar v'cido,
 Quem em tamanho risco me ajudava
 Trouxeme sobre si amortecido, (te,
 Nadando õ som das ondas mansa n'ẽ
 Atẽ que me sentio em meu sentido.
 Liure deste mortal brauo a'cidente,
 Tal foi o espantomeu, tal meu temor
 Que doutro me liurei escassamente.
 Mas logo o amoroso nadador
 Me pos junto do barco, q' taõ perto
 Esteue de ficar sem pescador.
 Sol era de todo jã cuberto
 Quando eu entrando nelle, sahi fora
 Do perigo, onde riue o fim raõ certo
 Porcu

E G L O G A XIII.

Porem outro mayor me cansa agora
 De que sabirei mal se te naõ vir
 Amanhecer aqui cõ a noua aurora.
 Que naõ tardará muito em descubrir
 As suas louras trança s desatadas,
 Das quaes se podem bẽ as tuas ric.
 Que por cima das ondas aco rdadas
 As Alcionas ouço lamentar se
 Do seu antigo dano inda lembradas
 E sinto o fresco oruaitho derramarie
 Mais congellado, & frio, & Venus be
 Em Oriente vejo alevantarse. (1)
 Bem podes Lilia competir com ella,
 E com Pallas, & Iuno em gentileza
 Em amor naõ, pois elle nasceo della
 Desterrou o de ti tua aspereza,
 Que desterra de mi prazer, & vida,
 Deixando ẽ seu lugar magoa, e trist
 No silencio da noite, q̃ conuida (za
 A descanso cõmum tanto me cansa
 Que naõ sei se remedio, ou morte p
 Se tu Lilia me dẽsses esperança (da
 De te seruir de mi, ou tarde, ou cedo
 Nunca me negaria o mar bonança.
 Pelas inchadas ondas, que poem med
 Eu sõ, sem mais ajuda, leuaria
 Sẽpre ẽ força de braço o barco q̃de
 Tam seguro por ellas andaria,
 Como pelo seu campo o laurador
 No mais assoslegado, & claro dia.
 Olha que naõ ha destro pescador, (1)
 Que mais prestes as redes desenco
 Nem os tortos anzóis ilque milhor
 Os peixes deixarei em tua escolha,
 Aquelles de que fores mais amiga,
 Nunc

Nunca te faltarám de folha a folha.
 Não sei fermosa Lilia que mais diga,
 q' moua amor em ti, ou moua magoa,
 Sei q' magoa, & amor a mais obriga.
 Mas antes do sol dar naquella fragoa.
 Onde meus ays dilata a triste Eco,
 Voume segurar mais o barco n'agoa
 Porq' de baixa mar não fiq' em seco

S Y L V I A.

E G L O G A XIII.

Cãtaua Alcido hũ dia ao sũ das agoas
 Do Lyma, q' mais brando ali corria
 Dizem q' por ouir suas doces magoas
 Sobr' hũ curuo penedo, que pendia
 Por cima da corrente vagarosa,
 Se me não lembra mal afsi dizia.
 Syluia nestes meus olhos mais fermosa
 Que o sol de dia, que de noite a Lũa.
 (Não digo lyrio ja, não digo rosa.)
 Que flor não cria o valle, que da tua
 Fermosura não tenha grande inueja
 Se tão fermosa es, como es tão crua?
 Porque desprezas Syluia quem deseja
 Mais o teu gosto sũ, q' a propria vida
 Porque t'elcondes ou, le te não veja;
 Nũ sempre no bosque espesso eschõdida
 A mansa serua estã posta em sezero,
 Nũ sempre em raso campo he offẽdida
 Vem Syluia ja ver neste cristal puro
 Teu brando parecer daqui decima
 Deste penedo, menos que ti duro.

Por-

Porque fazes cruel tam pouca estima
 Desta fresca ribeira, destas flores,
 Que mansamente rega o manso Ly.
 Aqui as doces aues seus amores (nia
 Dũ ramo cõ outro ramo vãõ cantando
 Aqui se veste o campo de mil cores.
 Daqui donde por ti eslouchamando
 No fũdo deste pego os negros peixes
 E os brancos seixos estarãõ contãdo
 Ou te queixes de mĩ, ou te naõ queixes,
 Ou branda, ou sãpre irosame respõda
 Este fresco lugar Syluia naõ deixes:
 Hũa sombria lapa em que t'escondãõ
 Do sol, te mostrarei, dormirãõ nella
 Ao sãõ do murmurar das roucas õdas.
 Em tanto do teu gado serei vella,
 E juntamente t'estarei recendo
 De branca madre sylua hũa capella
 Dali indo o sol jã menos ardendo
 Ao longo deste rio nos iremos
 Hora hũa flor, hora outra flor colhẽdo
 Os olhos pelo campo estenderemos,
 O saudoso Melto d'hũa banda,
 E o doce Ruytinol doutra ouviremos
 Syluia soando ira na lyra branda
 Soarã Syluia na montanha dura,
 Que sua dureza cõ teu nome abrandã
 Desque deixei de ver tua fermosura
 Jã o sol tres vezes lumiou a terra,
 E outras tantas a deixou escura.
 Qualquer lugar q'ẽ si t'escõde, e ecerra,
 Nũca o verei sã dõr, nũca sã magoa,
 Ou seja cãpo, ou bolq, ou valle, ou ser
 Achei de duas rollas nesta fragoa (ra.
 Os tãros filhos sob'r' hũ si seixo antigo.

Que tem suas rayzes dentro n'agua.
altou a nossa Filis já comigo,
Com dadiuas, & rogos, q̄ lhos dêsse,
Não trabalhes em vão, Filis, lhe digo:
Tam corrida se foy, que se soubesse
Ond'elles hora estaó, tenho por certo
Que mos furtasse logo, se podesse.
Mas não os pode ver, senão de perto,
Qu'alê do freixo estar d'agoa cercado
D'ua verde parreira está cuberto.
Syluia, teus haó de ser, perde o cuidado
Eu os vigiarei até que venhas,
Milhor do que vigio este meu gado.
E qual fruta auerá, que tu não tenhas,
Ou se crie em mimosa, e culta pranta
Ou na dura q̄ nasce em duras brenhas?
Inda que tuã crueza seja tanta,
Descanso me será qualquer trabalho,
Que tudo vence amor, tudo q̄branta.
As douradas maçãs n'ó mesmo galho,
Doces, & roxas uvas pela tria
Colherei pera ti, cheas d'ornalho.
Isto tudo a seu tempo te daria,
E outras coulas mais, cõ q̄ r'espero
Ha tantos dias já, de dia em dia.
Que não abranda amor teu peito fero,
(Bẽ fero, & bẽ cruel, mas bẽ fermoso)
Pois sabe quanto peno, e quanto q̄ro?
Mil vezes meu espirito saudoso
De mi se parte, & deixa o corpo frio,
Do que deseja mais, mais d'unidoso.
Mil vezes de mil iagrimas hũ rio
Banhado vay, a face descoradã,
Outras tantas se fallo, de suario,
De leues sombras fica saltada.

Est' alma, que lá trazes: não sei on se,
 Nos teus fermosos olhos pendurada:
 Quando chamo por ti, que me respõde
 A mesma voz no valle õd'ê vã grito,
 Cuido q' outrê te chama, & q' t'escõde
 Ali com noua força, nouo espirito,
 Com ira vou buscando quẽ nomea
 Teu doce nome no meu peito escri-
 Se cõ suauẽ som brando menea (to
 Hũ leue, & brando vêto a folha leue,
 Se fere a onda crespa a brãndã urea,
 Ouirte me parece; ah gostõ breue,
 Eis este ègano passa, eis nollitõ cayo
 Quẽ enganos d'amor estranhar deue;
 Quãdo em escuro bosque hũclaro rayo
 Por entre a basta rama resplandee,
 Ali m'enleuo todo, ali desmayo.
 Dos teus serenos olhos me parece
 Aquella viua luz. que se me nega,
 Em cuja ausencia o sol se m'escurece
 Enolto è laços d'ouero amor m'etrega
 Aquelle imaginar sempre sobejo,
 Ali vista me dà, a li me cega.
 Que planta poiso ver. que pedra vejo,
 q' lyrio, ou q' rosa, ou neuẽ, ou fogo,
 Onde te não figure o meu desejo?
 Amor anda de mi fazendo jôgo, (uẽ
 Tu Sylua muito mais, pois te nã mo
 Tantas lagrimas tristes tanto rogo.
 Tuas frias entranhas inda prouem
 Porẽ mais brand' inçte as chamas vi
 q' nestas miũhas decõrino chouãuas
 Porque fozes de mi, porq' m'esquiuas?
 q' não ha cousa aqui, q' não t'aguarde
 Tẽ as aguas deste rio fugiãas,

Se tu viesse, Syluia, inda esta tarde,
Verias lá no mar nuues rosadas.

Por antre as quaes o sol mais brádo
Verias destas humidas moradas (arde,
Sayr as brancas Ninfas saudosas
De mil alegres flores coroadas.

E qual de roxos lyrios, qual de rosas
Esmaltaria teu crespo, & puro ouro,
Taó ledas de tener, quanto Inuejosas

E eu veria os olhos, por quem mouro,
Veria esse cõrado, & aluo rosto,
Da mayor fermosura o mór tesouro

Se todo meu prazer, todo meu gosto
Depende de ti sò, que vãs fugindo,
Nã ves è qual extremo me tês posto?
Nã ves que vay a magoa consumindo
A vida em duuidosas esperangas?

Ah doudo Alci do, Syluia estã se rindo

E tu de chamar Syluia, inda nã can
(fas.

P E R E G R I N O.

E G L O G A XV.

Peregrino. Limiano.

Per. P areceme pastor, se mal nã vejo
Que já te vi mais ledo andar
outr' hora

Nos largos campos do famoso Tejo,
Lim. Podia ser que muito tempo fõra
Andei desta ribeira, patria minha,
Onde triste me vês andar agora.
Tinha lá pera mĩ que a vida tinha
Mais sossegada cá, & mais segura

E C I O G A XV.

Antr'os meus, q̄ cō gosto buscar vinhos
 Foy doutro parecer minha ventura,
 Discordias achei cã, achei dureza:
 Em lugar de sossego, & de brandura,
 Achei as boas leys da natureza
 Vencidas d'interesse, & a gente cega,
 q̄ mais q̄ o sangue seu, seu gado pre
 Dizē q̄ quãdo o mar bonãça nega, (za.
 Que corre aquella não maior perigo
 Que a desejada terra mais se chega.
 Assim'aconteceo a mĩ comigo,
 Seguro sempre ò longe, sēpre ledo,
 Triste, & tratado ôperto como inimigo
 Per. Sēpre (podesme crer este segredo)
 Desejei de te ver, mas com desgosto,
 Inda te não quisera ver tam cedo.
 Prestando pera cousas de teu gosto,
 Como Cameleão, não mudo cores,
 qual he meu coraçãõ, tal he meu rosto
 Lim. Pois não saõ logo assi outros pass
 q̄ de promessas vãs te fazē rico, (res
 E nunca fruto daõ, tudo saõ flores.
 Mas desejo saber com quem pratico,
 Porq̄ não caya e falta, & porq̄ entēda
 A quem tamanho amor deuẽdo fico.
 Per. Antes q̄ nisso mais tēpo dispenda,
 Busquemos hũ lugar mais fresco, &
 q̄ da calma q̄ cae nos defendã. (frio,
 Lim. Estã hũ bosque ali verde, e sôbrio
 Que sôbra nos darã, assento o prado
 Ferosa vista o môte, o valle, o rio.
 O rio, que verãõs tam sossegado,
 Que te parecera que se arrepende
 De levar agua doce ao mar salgado.
 Nem cabra, nem ouelha ali offende

Erua, folha, nem flor, do ferro duro,
A planta pelo ar liure se estende.

Nua secreta lapa cristal puro

Verás estar caindo em gotas frias (ro

Por antre hũ maigo antigo verd'escu

Ali sò me recolho os mais dos dias,

Por não tratar cõ gente endurecida

Que mais brandura sinto e penedias

Per. Quê traz à saudade alma rendida

A saudade busca onde descansa,

Mas o descanso della encurta a vida

Com tudo quê do Ceo na terra alcãsa

Poderse lograr desta em liberdade,

Que mais deseja ter, q̃ mais o cansa?

Podesine crer, amigo, esta verdade,

Que muitos valles vi, muitas ribeiras

Mas esta me dobrou a saudade.

Que murras, q̃ medronhos, q̃ aualleiras

q̃ freixos, como estão d'era cingidos

Quãtas voltas lhe dà de mil maneiras.

Os lyrios junto d'agua bem nacidos

Quanta graça q̃ tem antre boninas,

Sẽ ordẽ cõ mais graça entremetidas.

Vem encrespando as aguas crystallinas

Hũã viraçãõ branda, a folha treme,

O mouimento a penas determinas.

O seu perdido amor a Rolla geme,

E escondida se queixa Filomella

Parece que do seu inda se teme.

Espantale quem olha, vendo aquella

Rocha por cima d'agua penadurada,

Como já se não deixa cair nella.

Ah ribeira do Lyma celebrada,

Cõ outras de mais aguas sèpre sejas

Sempre de brandas Ninfas habitada

E G L O G A XV.

Fujão longe de ti iras, inuejas;
 Peçonha de pastores, morte sua,
 Tudo sintas amor, tudo amor vejas!
 De dia o claro Sol. de noite a Lúa,
 Em teu favor aspirem de maneira,
 Que fertil sempre seja a praya tua.
 Mas por tornar à pratica primeira,
 E darte, como pedex, de mi conta:
 Sentemonos ò pé desta auelleira.
 Desuiarte do gado leua em conta,
 Que pois cõ elle deixas pecureiro,
 Q̃ te detenha hũ pouco, pouco mōta.
 Meu nome he, Peregrino, mas primeiro
 Na grã serra da estrella, q̃ nã tiue,
 Fui Anzino chamado, & fui vaqueiro
 Hũ pastor me criou, que já não viue;
 De todos por seu filho era julgado,
 E nesta opiniaõ grã tempo estiu.
 Mas enfim soube delle qu'engeitado
 Sobr'hũa dura anzina m'achou po-
 Dõde me pòs onome já mudado. (isto
 Co este desengano, que desgosto
 Doutro podera ser, ventura minha,
 Seruilo me fez mais cõ maior gosto.
 Por servir hũa filha, que só tinha;
 Moça chamada Vllina, é cujos olhos
 O amor accender seu fogo vinha.
 Por quẽ duras espinhas, mil abrolhos
 Sumia dentro em si a serra dura,
 Criado em seu lugar flores a molhos
 Aquella sua rara fermosura
 Em nossa conuersauei tenra idade.
 Era já para mi prisão segura.
 Porem despois que soube esta verdade
 Com outros diferentes exercicio.

Pertendi grangearlhe outra vontade.
 Amor mestre me fez de mil officios.
 Pera meynos do fim, que desejava,
 Que delle dauão claros mil indicios:
 Recia aluos cestinhos quando andaua
 Co as vacas no prado; à noite hñeueo
 De flores, outro de fruta lhe leuaua.
 Nas mangas muitas vezes, & no seo
 As nozes lhe leuei, & as castanhas,
 Qr do souto do pay, qr do uento alheo.
 Nos solitarios bosques, nas m̃tanhias,
 Por seu amor as feras perseguia
 Hora usando de força, hora de ma-
 viuos os máfos cursos lhe trazia (nhias
 Viuas as mansas lebres fugitiuas,
 Ligeireza de pès não lhe valia.
 As medrosas poreu lhe daua viuas,
 E mortas as que via andar armadas
 Do dente cortador, d'vnhas esquiuas.
 Quaes aues, ou com outras engançdas,
 Ou com nodosa rede, ou molle visco
 Lhe não foraõ por mi apresentadas?
 Nos espinkosos matos, no trouisco,
 As tortas esparrelas cedo arnuua,
 Cõ piqueno trabalho, & menos risco.
 O simples passarinho, que cuid tua
 Lograr-se da vermelha, & fresca baga
 Carpin-do pelos pès preso ficaua.
 Mas se cõ mayor dôr minha alma paga
 Estas coufas, que jã tiue por gloria,
 Porq̃ vou renouando a mortal chaga:
 Com tudo acabarei tam triste historia
 Vencendo, se poder, minha tristeza,
 Porque de mi te fique etia memoria.
 Lembrame achar hũ dia na aspereza

Sem máy hũ ceruo branco piquenino
 Trouxelho, ella o criou, tẽno, inda o
 Ou seja cõdiçãõ, ou seja ensino, (preza
 Logo que a naõ vê, geme, & suspira,
 Que menos fará, triste. orriste Anzino.
 Tangia mal na frauta, mal na lyra,
 Vim a tanger tambẽ q. era hũ espãto
 A quẽ antes damar, tanger m'ouuira
 Ouindo celebrarsempre em meu cãto
 Vllina a sua rara fermosura,
 Me perguntava, aquẽ louuava tanto.
 Contauahe meus males por figura,
 Ficaua eu de medroso frio, & mudo
 Ficaua ella sospenza, a historia escura
 Xsi com tal amor, com tal estudo,
 Amor suy grangeando longamente
 A conta doutro amorlançando tudo.
 Vllina da tençaõ minha inocente,
 O mesmo amor me tinha, tanto digo,
 Que no ser era hũ doutro diferente.
 Praticana seus gostos sò comigo,
 Seus desgostos tãbẽ, seus pensamẽtos,
 Com noua graça, com saber antigo.
 Outras vezes confusa nos intentos,
 Estranhando as palauras me dizia,
 Entre irmaõs deq. serue cõprimẽtos.
 Seruem, irmaã amiga, respondia,
 De te certificar, que não no sendo
 Nem com menos amor te serviria.
 Essa reposta tal menos entendio,
 O que não pòde ser queres q. seja,
 Que castellos no ṽtro andas erguẽdo
 Se meu gosto pretendes, não te veja
 Soltar palauras mais tam ociolas,
 Materia menos graue nos sobeja,

Nasciab, dizendo isto, novas rosas,
 Sobr'outras naturais, sobr'alua neve
 Das suas faces mais q̃o tol fermosas.
 Comigo algũas quebras destas teue,
 Cujas forgas amor quebraua logo
 Noutra cõuersaçãõ mais brãda, e le
 Creceo desta maneira aq̃lle fogo, (ne-
 q̃ dẽtro na alma ardẽdo encurta a vida
 Cujõ principio foy hũ brinco, hũ jo-
 yllina neste tempo era pedida (go-
 De muitos a seu pay em casamento,
 Noua dõr pera mi, mortal ferida.
 Elle lhe nomeaua mais de cento,
 Dos quaes mimosamẽte lhe rogaua
 Que tomasse hũ a seu contẽtamẽto.
 Com mil razões fingidas s'escusaua,
 A causa das escusas encobria, (ua
 No q̃ desgosto ao pay, gosto ami da-
 Estando emfim hũ dia (ah triste dia)
 Na sua fermosura imaginando,
 A sõbra dũs carualhos fresca, e fria,
 Ali buscarme veyo suspirando,
 Dizẽdo cõ graõ mago a estas palauras
 Anzino, q̃ farei, que em mi não ando;
 Tornando esta manhã meu pay defõra.
 Me disse, que assentara de casarme
 Com Syluano o pastor das muitas ca-
 q̃ não buscasse causas d'escusarme (bras
 Como por tantas vezes ja fizera,
 Pois tinha muitas mais de cõtẽtar-
 q̃ neste parecer, o qual seu era, (me-
 Seus parentes tambẽ cõformes erãõ,
 Aquem elle o pedira, & conta dera.
 Lagrimas, que de si meus olhos derãõ,
 Quando sua tenção me descubrio,

Por mi (q̄ si quei mudo) responderão.
 A pena q̄ sofreo quem isto ouuio
 Bem a pôde cuidar que amor sente,
 Mal a pôde dizer quem a sentio.
 Ficando o pay sospenso, & descõtente
 Da magoada filha a quem a maui,
 Tratoua por entam mais brãdamete
 Dizendo, que de tudo o que passaua
 Me desse (como deu) inteira conta,
 E visse o que lhe nisso aconselhaua.
 A qual por se liurar de tal afronta,
 Vindo daquella setta trespassada,
 Que tẽ de frio chumbo molle ponta
 Disse qu'estaua já determinada
 A sofrer qualquer mal que lhe viesse,
 Antes que com Syluano ser casada.
 Que por mais de mil cabras q̄ tiuesse,
 Já mais esta vontade mudaria,
 Que buscava pastor, não interesse.
 E que de melhor mente casaria
 Cõ outro muito mais pobre de gado
 Se nelle partes visse q̄ em mi via.
 Por estremo de mi lhe foy louuado
 O proposito seu, & sem detença.
 Lhe respondi do amor aconselhado.
 Se me deres. Vllina essa licença,
 Hum pastor te darei de qualidade,
 Que delle a mim não aja differença.
 Nem de menos saber, nẽ mais idade,
 Nas manhas outro tal, ẽ corpo, ẽ ge
 Da fazẽda não sei a quantidade. (sto
 Se pera este pastor vires que presto
 Prometo q̄ não tome outro marido,
 Me respõdeo cõ rosto alegre, e hone
 Pois sabe q̄ tẽs nisso prometido (sto.

De me tomar a mi por teu esposo,
 Que pois me dou ami, tenho cóprido
 Não pude dizer mais de vergonhoso;
 Nem ella pera mais lugar me deu,
 Gritando com furor impetuoso.
 Que grande desatino foy o teu?
 O doudo sem respeito, q̄ pretendes?
 Quê te tornou d'irmão amigo meu?
 O Ceo, que com injusto amor offendes
 Tome por mi de ti justa vingança,
 Antes q̄ de tamanho erro t'émêdes.
 Enchia sine de gofio, & d'esperança,
 Com falsos, & porem diuidos meos,
 Por me segurar mais na confiança,
 Fizeste verdadeiros os receos
 A que confusamente me leuauas
 Cõ sóbras deste engano, e cõ rodeos
 Desejo no teu peito agasalhaças
 Tam torpe, tam infame, tam ahe
 Do puro amor aq̄ obrigado estauas?
 Calte, não te desculpes? já não creio
 Lagrimas, palavras, nem desculpas
 De quem imaginou caso tam feo.
 Isto dizia vllina; em que me culpas,
 Lhe dizia tambem, não t'ês razão,
 Acaba de m'ouuir o fim das culpas.
 Entende que não teu, não teu irmão,
 Agora te descubro esta verdade,
 De teu pay saberàs se minto, ou não.
 Por filho me criou, a flor da idade
 Gastei em o servir por teu respeito,
 Oiha que te mereço esta vontade.
 Se com isto assi ser, tenho erro feito,
 Em grangear hũ bem, que sò desejo,
 Vês este terro aqui, vês este peito.

Mostrou, isto m'ouvindo, hũ lãdo pejo
 Pôdo os olhos nõ chã fermosa, e brã
 Parece q̃ nos meus tal inda avejo (da
 Em que reuoltas, disse, o amor anda,
 Assim como no mal, no bem m'enlea,
 Tomou posse de mi, jã reyna, e máda
 Como queres Anzino, que tẽ crea
 Couisa, que nem sonhada foi tẽgora?
 Nã sabes tu quem ama, q̃ arrecea?
 Fallarei com meu pay, ficat'embora,
 No desengano seu teu bem cõsiste,
 Da palavra que dei não estou sõra.
 Co isto me deixou alegre, & triste:
 Jã o começo ouviste de meu dano,
 Amigo Limiano, o fim amargo,
 Em que não serei largo, escuta agora
 Laurencia outra pastora, q̃ vizinha
 Era de Vllina minha, & grãde amiga
 (Nã sei como isto diga, q̃ nã moura)
 Pastora branca, & loura, q̃ na serra
 Era a segunda guerra dos pastores;
 Por mal dos meus amores me quis
 Fundauase porẽ em casamẽto, (bẽ;
 E desse fundamento lhe nascia
 Que como me não via, ovalle, omõte
 O bosque, o rio, a fonte rodeava:
 Em busca minha andava; aq̃lla sãsta
 Entrou pela floresta, onde nos vio,
 E tudo nos ouiu quanto fallamos
 Dantre hũs espessos ramos, escõdida
 Cruelmente ferida dos ciumes,
 Foyse fazer queixumes (descubriendo
 Mais do q̃ estue ouvindo) ao pay de
 Eys logo desatina o triste velho (Vllina
 Eys q̃ tem mais cõselho a filha ẽrrega
Que

Que cõ choro se nega, & cõ palavras,
 Ao simples guarda cabras; por sposa.
 Ah hora de fãitosa, ah sorte dura
 Daquella fermosura desusada
 De tantos desejada, & de mi tanto
 Seruida com espanto, & puro amor:
 Quiseste por mais dôr enriquecer
 Quê não sabe entender o prego della
 Ôta Serra da estrella, que tal viste,
 Como te não abriste, & no teu cetro
 Me não cerraste dentro, estado viuo
 Porq̃ mal tam'esquiuo não sentira?
 Ô cega, & cruelira, ô pay fingido,
 Para me ver perdido me criaste,
 Porque me não doixaste no deserto?
 Menos crueza certo, entãõ vsaras,
 Inda q̃ me deixaras (não t'agraues)
 As feras, & às aues da montanha.
 Não ves q̃ o Ceo stranha isso q̃ tratas
 Não ves q̃ ari te matas cobizofo?
 Na porta o nouo esposo tropeçou,
 Na casa não entrou culpê direito,
 Gritou sobelo teyto a noite inteira,
 A aue me fageira de fins tristes?
 O melino vós sentistes, caês à'aldea
 Quando por mã' estrea juntos todos
 Com diferentes modos ouuiastes:
 Serranas qu'esperastes nestas vodas
 Cantar alegres todas, hymeneos
 Dos vossos aluos seyos alyas flores,
 Em lugar dos liquores mais custos
 Pur cima dos esposos derramando.
 Ou vêdo andar bailãdo, estado q̃das
 Ao som das gaitas lèdas no terreiro
 O moço tam ligeiro a matauilha,

E G L O G A XV.

ã quasi o pè não trilha o jũco molle.
 Qual serà que console a triste amiga
 A quem a força obriga do pay puro
 A quem o amor puro obriga tanto,
 Que nũ contino prãto se consume?
 Assim do beilo cume da esperanza,
 Com subita mudança derrubado,
 Me pôs em tal estado a triste noua;
 Como sabe por proua quẽ bẽ ama.
 O seu officio a fama foy fazendo,
 Leuou logo correndo minha dôr
 A Missenõ pastor, meu grãde amigo,
 Que de noite consigo me leuou
 Do môte õde m'achou, desq̃ tres dias
 E tres noites sombrias vio passar,
 Onde por acabar a termos viui,
 ã já de viuõ em mi muy pouço auia.
 As vacas noize, & dia estaõ bramãdo,
 Sinal n' aldeã dando em seu bramido
 Que tinhaõ já perdido o pastor seu.
 Tamãha pena deu à bella Vllira
 (Bella, poreu mofina) a pena minha,
 Sobre quantas já tinha no seu peito,
 ã nunca do triste leite mais s'ergueo
 O velho pay morreo de nojo puro,
 Tarde, de ser taõ duro, arrependido
 Mal de q̃ procedido o meu mal tem:
 Pois acabou meu bem, a vida acabe,
 Ou natura, onde nã cabe, faça pausa,
 Laureneia, q̃ foy causa destes males,
 Desque montes, & valles descubrio,
 Despois q̃ me não vio e toda a serra
 Deixou, deixãdo a terra magoa aos
 pays,

q̃ nunca della mais noias se ueraõ

Emfim

Emfim tal fim tiverão meus amores;
 Chorarão os pastores juntamente
 D'Vllina descontente a triste sorte
 Do pay a breue morte de Laurencia,
 A viagadora ausencia do seu erro,
 De mi este desterro, em q me pôs. (stes
 Mas mais chorastes vòs meus olhos tri
 Quando da vossa luz, sê a do dia, (stes
 Pera terras estranhas vos partistes.
 Cuido que mea noite entam seria,
 Cantarão os galios já na triste aldeia
 Choraua só quem della se partia.
 Casa de meus suspiros sempre chea,
 Disse, quando passei pola d'Vllina,
 Que tẽ magoa de mi não sei se creza,
 Com tudo sempre sinta mais benina
 A fortuna cruel, de que me queixo,
 Inda que noutros braços se reclina.
 A Deos Mileno amigo, a Deos Aleixo,
 Nos troncos destes aleiros cortados
 Algũ dia lereis porque vos deixo.
 A Deos môtos, & valles, bosq's, prados,
 Rios, & fontes claras saudosas,
 Lugares que tratei, & não tratados.
 Cregão as madres syluas, cregão rosas,
 Cregão lyrios aqui, cregão mil flores
 Sem receo de mãos tam desditosas.
 A Deos siquem tamhẽ os mais pastores
 A Deos os mais pastores desta serra,
 Melhor pago vos de vossos amores
 E quando deste mal, que me desterra,
 Mostrarem vossas frautas sentimento
 Descanso me ierã em qualq' terra.
 Assi mil magoas derramando ó vento
 Que muitas mais de milenou cõsigo

E G L O G A XV.

Fiz, sem me ver ninguê, apartamêto
 Dali nos largos campos dei comigo
 Que retalhando vay o doce Tejo
 Onde te vi mais lèdo, como digo.
 Por ver se posso agora a meu desejo
 Achar em parte algũa, algú sossego,
 Muitas corrêdovou, mas nenhũ vejo,
 Passei as claras aguas do Mondego,
 Das Musas celebrado, & çaro ninho
 As do Douro despois em turuo pego
 Daqui continuando meu caminho
 Espero ver a casa ao Ceo aceita
 Na terra, q da nossa aparta o minhho
 Onde vou visitar na vna estreita
 Os santos ossos do varaõ diuino,
 q pretendeo do mestre amaõ direita
 Assim dum lugar noutro de continuo
 O mea perdido bẽ chorando venho,
 Torneime de vaqueiro Peregrino,
 Tais habitos me vês, tal nome tenho
 Lim. Amigo Peregrino, quanta magoa
 A tua me causou enxergarias
 Nos meus olhos q viste arrazar d'a
 Tu menos sentimento não deuias (gua
 A hũ mal, q hũ amor de tâtos annos
 Acabou por môr mal, e poucos dias
 Do tẽpo espera a cura dos teus danos,
 Que tudo enfim o tempo remedeia
 A pesar de successos deshumanos.
 Repouza oje comigo nesta aldeia,
 Que inda q nella colho pouco fruto
 Não vos ha de saltar cama, nẽ cea.
 Alem do que te posso ter em muito,
 Não podes fazer al, segundo vejo,
 Que foy de nòs o sol sugindo muito.

E mais saber desejo
 Se nos a fama engana,
 Que diz q' o grao pastor dos Lusitanos
 Da larga Foz do Tejo,
 Com fato, & com cabana
 Passa nos largos campos Affricanos,
 Onde mil soberanos
 Triunfos, delle dignos
 Lh'ordena a fatal sorte
 Com grande estrago, & morte
 De brutos, mal nascidos Sarracinos.
 Que de si despejados
 Os currais deixaraõ cheos de gados.
 Que sendo assi te digo,
 Que não espero mais
 Nesta pera mi sempre ingrata terra
 Quem traz guerra consigo,
 Antre seus naturaes,
 Não deue d'estranhar estranha guer
 Sem mi, de ferra à ferra (ra
 (O Ceo assi o queira)
 Logrense meus inimigos
 Os vailes, & pacigos
 Desta, onde naci, fre sca ribeira
 Na qual, se não m'engano
 Inda serà chorado Limiano.
 per. Limiano, já bẽ tenho entendido
 Quanto sentes meu mal, tãbẽ te digo
 Que o teu não he de mi menos senti-
 Acerca de ficar oje contigo (do.
 Farei (pois que nos tanto detiuemos)
 Tudo o q' tu quiseres como amigo.
 E pois a calma já passada temos,
 Vamonos mais chegãdo pera ogado
 E la nas outras cousas fallaremos.

Toda via de funda, & de cajado
 Te vay apercebêdo a som de guerra,
 q̃ não foy tal pastor cá do Ceo dado
 Pera não dar ao Ceo tam larga terra.

D I E G O.

E G L O G A XVI.

Bieito. Diego.

Bie. **H**v' te leuab' os pês tã apressado,
 E q̃ leuas nas mãos, Diego ami-
 q̃ parece q̃ vãs dellas pejado? (go.)

Em tempo tam roim faes do abrigo,
 Não deixaràs passar a tempesta de?
 Certo que pouca conta tês contigo.

Die. Bieito, eu te direi, vou à Cidade,
 E leuo pês nas mãos, vou é maos dias
 Forçado da mais má necessidade.

Bie. Vejo q̃ vãs, & vês, causas, perfiãs,
 E que sempre de cá leuas mãos cheas
 E co ellas de lá tornas vazias.

Die. Pois eu, inda q̃ tu mal m'êstreas,
 Espero desta feita melhorança,
 Co mel vayse buscar, hũ hà colmeas.

Bie. Sim quẽ tês tũ agora esta esperãça?

Die. Em Deos primeiramẽte, e nos ami
 q̃ nũca perdi delles confiança. (gos,
 Bem sabem que passei fortes perigos
 Naquella geral nossa desaventura,
 Hũ se me foy o gado, & os pacigos.

Não me quis ajuntar a morte dura
 Com tantos, a quẽ não cobrio a terra
 E toda a terra tem por sepultura.

Bieit.

Bie. Ah não renoues magoas dessa gner
 q̄ sò o nome della assi m'espãta (ra
 Que sinto o coração q̄ se me quebra,
 Dic. Também o meu no peito se quebrãta
 Cuidando no que fuy dizer ageãta,
 E a voz se me pega na garganta.

Por tanto, meu amigo, fica embora,
 Ou fallemos em al, em quanto o dia
 Me consente fazer esta demora.

Bieit. Hũa cousa de ti saber queria,
 Ou muitas, se tu mais vagar tiueras,
 Mas deixemos das mais a demasia.
 Quaes são esses amigos em q̄ esperas
 De tornar desta vez auentejado,
 Correndo nouos mûdos, nouas eras?

Dic. São dous, & pera mais ir confiado,
 Hũ tẽ de Christo o nome outro daql
 q̄ foy das suas chagas assinado. (le
 Ambos tanto fauor alcanção d'elle,
 q̄ cõtar não te posso os seus lououres
 Por mais q̄ nisso canse, & me desuelle
 Ambos são hũ refugio dos pastores,
 Ambos por amar todos são amados,
 Dos grandes, dos meãos. & dos menõ
 Ambos, por serẽ nisso doutrinados (res.
 Repartem a cada hũ como merece,
 O pasto no bõ cãpo, & nos môtados
 Amor, nem del'amor, nem interesse
 Os torce do cam nho da verdade,
 A justiça, a razão nelles florece.

Ambos esteos são da nossa idade,
 (Trabalho fapor certo) ãbos espelhos
 Da saã prudencia amiga da bõdade,
 Vsaõ do mando seu com tal conselho.
 q̄ quem nũca os vio os louua, & ama,

Pois

Pois que farà hũ seu amigo velho?
 Emfim que destes dous bem tẽ a fama,
 Que contar por mil bocas, annos mil,
 Q̃ por tantas se diz q̃ a voz derrama.
 Bi. I. Obrame q̃ por Mayo, ou por Abril
 Ià desses dons pastores nos cantaste
 Encerando de nouo o arrabil.
 Que posto q̃ quem sab, não declaraste
 Seu nome vay voando pelo mundo,
 Sem do tempo temer nenhũ cõtraſte
 O primeiro (olha tu se bem me fundo)
 De Christo, ser Christoaõ se dirina:
 Pois cetto q̃ Francisco he o segũdo.
 Dic. Bofẽ q̃ tẽs muy graõ imaginatiua,
 Hũs nomes tẽ, tẽ hũ por sobrenome
 Moura, tẽ outro Sã de casta altua.
 Qualquer q̃ destes dous a cargo tome,
 Pincharme na piscina, como espero
 Tu me verás bẽ sam do mal da some.
 Bi. Perdoa, se mais inda saber quero,
 Mas vaimos caminhando entretãto;
 Qu'õ dese;õ me faz que destempero.
 Como te detiueste por cã tanto,
 Vendo que tinhas lá taes valedores,
 Que te juro, que já disse m'espanto.
 Dic. Tarde foraõ algũs dos cauadores
 A vinha do Senhor, mas nem por isso
 Leuaraõ mais os mais madrugadores
 Não me deteue cã da terra o viço,
 Nem a caça do rio, nem do monte,
 Nem da cachopa o mimo, ou o feiti
 Mas jã q̃ tudo queres que te conte, (ço
 Sabe que me deteue a jaca leue,
 E là nẽ agua dà de graça a fonte.
 Para dar mais razões o dia he breue,

Fique contigo Deos, & te dé vida.
 Bic. O mesmo em sua guarda a tua leue
 Eo teu mau planeta não te impida
 O bem que lá se faz, antes te reja
 De tam boa feyção nesta pattida,
 Que qual soy sēpre o Sá, assi te seja,
 E no Moura, não moura o bōdesejo,
 E inda por seu amor Files te veja.
 Dic. Prometo, se co elles sò me vejo,
 De não me ficar isso no tinteiro
 Que de fallar verdades não me pejo.
 Ble. Bem sei q̄ sempre foste verdadeiro
 Mas vê se dão tempo essa licença,
 Espera, & tēta o vao mui bē primeiro.
 Dic. Não ha descuido nisso q̄ me vêça,
 Posto que pera mi sou descuidado
 O que claro se vê nesta detença.
 Biet. Hora porq̄ de mi sejas lembrado,
 Este copo te dou de branca faya,
 Que de belgos não foy inda tocado.
 Nas vodas o ganhei da nossa Olaya,
 Quando venci cantando Pascoal.
 Dic. Não me podias dar melhor alfaya:
 Quaes as figuras são entendo mal,
 Mas vejo nos seus vultos ledo espirito
 Parece ser historia iestiuual.
 Bic. Isso, que pola borda ves e scritto,
 A quem sabe latim tudo declara,
 Assi dum grande mestre me foy dito
 Se me dislera mais, mais te contara,
 Mas tu lá na cidade acharás cento,
 Que te podem fazer a coufa clara.
 Dic. Pois segūdo o meu fraco étēdimen
 Esta gēte no trajo, & no seu geito (to
 Esteja hum venturoso casamiento.

E G L O G A XVI.

E tu co isto amigo meu Bieito
 Não faças o caminho mais côprido,
 Tornate a semear no teu barbeito.
 Bie. Por não ficar em confusão metido
 Te rogo finalmente qu e me des
 A hũa falla tua o seu sentido:
 Difeste que nas mãos leuauas pês,
 Eu não te vejo pês. que nas mãos lenes
 Nem de coufa de pruma, nem de rez.
 Die. As veze homem solta fallasieues.
 Se tu a todas has de pedir proua,
 Em muitas, muitas faltas achar deues
 Os pés de que fallei, são pês de troua,
 Que mais de mil muy sotilmente
 Nesta casa de choupo lisa, & noua.
 Aquelles, cu ja vida Deos sostente
 De quem sostentaçãõ a minhã espera,
 Não esperaõ de mim outro presente.
 Bieit. Eute juro a mim. que se sonbera
 Que tu teu finca pè fziãis nisso,
 Que por meno s lesudote tiuera
 Hora vay, que vãs là com bõ seruico.

M I O N T A N H E S A.

E G L O G A XVII.

Ribeyro. Montino.

Q Vam sossegado aqui, quã sê cãseira
 Viues, Montino amigo, quãõ alheo
 Da perdiçãõ que vay là na ribeira.
 O repouso de là, cã se te veo,
 Fugio de todo ja dos nossos prados,
 Constringido da forza, ou do receo.
 Não ouues nestes montes escaluados,

Hum

Hũ contino bum, bũ, hũ fero estrôdo,
 Que nos a todos là traz ourijados.
 Os olhos, sempre enxutos, andas pôdo
 Nesta, que guarde Deos, tua manada
 ò som da leda frauta otêpo empôdo
 Seguro vãs de noite, & daluorada
 A ver o bicho mau, que lhe faz nojo.
 Se foy, sê tino, dar na trãpa armada,
 Seguro pela vřz, & pelo zojo
 Afilando teus caês vãs dando gritos
 Dos quaes o lobo fuja, & dè no fojo
 Não trazes abafados teus espiritos
 De ver hũs, q̃ por força, outros por
 manhas. (tos.
 Te roubaõ teus cordeiros, teus cabri
 As louras auellãs, louras castanhas,
 As nozes, os medronhos, as bellotes,
 Não ves colher aqui amaõs stranhas
 Comes o teu centeo, que mascotas,
 Não to fazem vender em que te pez
 Aquẽ valendo seis, te dá tr'es jotas.
 Aqui por mas contar da tua rez
 Não te vem arguir mil caramilhos,
 Dizendo, est'c foy tal, este tal fez.
 Daqui não leuaõ vacas, nem nouilhos,
 Nem meno' leuas tu carradas cheas
 Da palha dos teus boys, dopaõ, dos si
 Tu só crestas aqui tuas colmeas (lhos
 De que te fazes rico nesta serra,
 Emfim q̃ tudo he teu quãto grãças.
 Coitado de quem deixa a sua terra,
 Sem saber a qual outra vay agora,
 Mas não pôde ser mã, se for sêguerra
 Mon. Venhas Ribeiro amigo muito èbo
 Folgũdo de te ver, vêdote triste (ra,
 Em

E G L O G A XVII.

Em vez de s'alegrar, minh'alma chora
 Lembrame doutra vez que cã subiste
 . Em busca dũ almalho que perderas
 Quão saudoso de mi te despediste.
 Inda naquelle tempo tu naõ eras (sa
 Tam cuberto de barbas, mas de for-
 A ninguem lã, nẽ cã ventage deras,
 Encontre aste comigo ò val da orça,
 Antigo verãdouro de vaqueiros,
 No caminho darei, por mais q' torça
Sentamonos à sombra dũs olmeiros,
 Num prado d'aruoredo rodeado,
 Onde cruzar se vinhaõ tres ribeiros
Lugar fresco, & sombrio, aparelhado
 Pera fugir do sol, que entaõ entrara,
 No Rey dos animais todo abraçade
Por cima da corrente doce, & clara
 Hũ freixo te mostrei, cuja verdura
 Hum rayo, que deu nelle chamuscara
Em cujo tronco nã, & seca altura
 Hũa gralha tres dias gritou tanto,
 Que sem folgo cahio na vea dura.
Causou isto entre nós hũ grãde espãzo,
 Mas despois bũsinal, q' no Coo vimos
 Nos fez maior pavor, maior q'brãto.
Logo (posto que rudos) presumimos
 Mortes dos maiores, pestes, stra gos,
 Inde mal porque nisso naõ mêtimos
Bebeo do nosso sangue quentes lagos,
 A terra d'alem mar, nós cã bebemos
 De lagrimas tambẽ amargos tragos.
Não tenhas pera ti, que nao tiuemos
 Parte na comum dor, q' t'entristece,
 Todos, Ribeiro neu, todos perdemos.
Rib, Segundo me respondes, bẽ parece

Que não estás no caso do que sinto,
Esse não he o mal, mas uaceo desse.
O nosso Tejo vay de sangue tinto
Tal vay o nosso Douro, tál o Ly ma,
E vaõ inda pior do que te pinto.
Aquelle que mais pode não estima
Entrar por onde quer, saquea tudo,
O fogo traz na maõ, a maça, & a lima,
O dono do curral ha de ser mudo,
Se não quer, em soltando hũa só fala
Prouar com dano seu, seu ago agudo
O seu rouco metal nunca se calla,
Parece que diz sempre mata, mata,
Despede o ferro occo a mortal bal-
Tornar a soterrar o ouro, & a prata (la.
Nas entranhas damãv pouco aprouei
Dali cobiga o tira, alli o cata. (ta,
Os mortos desenterra, não respeita
Ao diuino mais que ao profano,
Mas alguem darã disso conta estreita
ò deliditoso pouo Lusitano,
Quãtos males padeces, quantos temes
Que no melhor te podem fazer dano.
Fizeste já tremer, agora tremes,
Açoute foy do Ceo por teu castigo,
O Ceo te cure a chaga, deque gemes.
Não mestures comnosco, olha q̃ digo,
A nossa, & de Iesus imiga gente,
Que muy pior serã pera cõtigo.
Pessoa chimparã n'agoa corrente,
De que bebe o teu gado, & de q̃ bebes
Teus campos çujarã com mã semẽte,
Mas tenho pera mim, que já recebes
Angustia de m'ouuir, que no teu rosto
Enxergo o que no animo concebes.

E G L O G A XVII.

Môt. Não te posso negar, q̄ me tẽ posto
 Em tanta alteraçãõ, o que me cõtas,
 Que mil finais darei de graõ delgosto
 Mas tu tuas razões tam bem apontas,
 Que dellas não me nace angustiar-me,
 Senãõ de maginar tantas afrontas.

Por isso não t'escuses de contarme
 Tamanha perdiçãõ mais de raiz,
 E quem foy causa della de clararme.

Rib. Montino, hũ diz, & o outro diz,
 Mas Deos, que sò de tudo he sabedor
 A justiça nas armas mostrar quis.

De mi te sei dizer, que com graõ dõr
 A minha coisa deixo, por não ver
 Comigo dentro nella outro senhor.

E quasi que podera isto sofrer
 Querendo ser senhor sò da fazenda,
 Porem, este porem, has d'entender.

Mont. E quẽ me daràs tu, q̄ não entẽda
 O que queres dizer, o de que foges,
 Por mais queno saber pouco s'estẽda
 Emfim, Ribeiro amigo, não te anojes,
 Aqui descansaràs com teu rebanho,
 Aqui te darei coisa, onde te alojes,
 Não pode durar muito mal tamanho,
 Quẽ sabe, se dà perda, que choramos
 Norpode resultar dobrado ganho?

Os eydos temos perto, là nos vamos,
 O teu moço apos nòs co gado venha
 Que por segura parte caminhamos.

Rib. Eu quisera passar àquella brenha
 Onde mora Carindo meu parente
 Mas receo qu'a noite sobrevenha.

E mais este meu gado tal se sente
 Do trabalho que teue na jornada,

Que

Qu'em pè se pôde ter escallamente.
 Vês tu aquella cabra entre fillhada,
 Aquella moucha digó, do pè manco,
 Que vay apos a grande arruyualcada.
 Alli onde se faz hum grao barranco
 Por hús xáspêdos ingrêmes trepãdo.
 Dons neixêtes pario, hũ negro, & hũ
 E por seguir às mais q'caminhãdo (brãco
 Passarãõ adiante, toy correndo
 Dos filhos que parira descuidando.
 Mont. Posto q' tua rez entra quecendo
 A repouzar aqui não t'obrigãra,
 E posto que não fora o sol decendo;
 Apartarte de mim não te deixãra,
 Antes da força; nisto, me valera,
 Quando contigo o rogo não bastãra
 R. b. Dũ verdadeiro amigo illo s'espera
 Mas eu não te falira da vontade,
 Por mais vontade, & dia que tinerã.
 Mont. Já conheço de ti essa verdade,
 E usemos palavras sem proueito,
 q' sepre onde mais ha, falta amizade
 Não por ser das tuas satisfeito
 Mas releua co tempo acomodarnos,
 Doute, como mais velho, e de preccito
 E pois quis a ventura aqui iuntarnos
 Primeiro que de tolo o sol trasuõte
 Vamos co nosso gado agasalharnos.
 Ele nos darã leyte, & agua a fonte,
 Pão, & chacina tenho tenho, frutas
 A tenha seca jaz por este monte.
 Se quiseres pescar bogas, & truytas,
 São tantas polas lapas deste rio,
 Que sò as mãos podemos tomar mei
 Armaceinos em via to o tẽpo frio (cas.

E G L O G A XVII.

No barbeito à perdiz cerrado ichò,
No mato ó coelho aberto fio.

Não tenhas (jà to disse) de ti dò,
Nem cuides q̃ se perde o q̃ lá deixas
É quando se perder, não perdes sò.

Rib. Montino, có me ver liure de q̃ixas
Em parte óde co olho o mal nã vejo
Óde queixas não dou, nẽ ouço q̃ixas.

Inda o pouco que trago ey por sobejo,
O que menos me lēbra he mātlnēto
Aquietarme sò, isto desejo.

E senão fora darte cansamento
Quisera recusar tua companhia,
Porque me pode ser contentamēto.

Passara n' hũa lapa a noite fria,
Da sôbra dũ penedo, ou dũ carualho
Me podera valer nõ quente dia.

Chorara sò comigo este trabalho,
q̃ queira Deos mudar é boa estrea,
E dar em nossas cousas melhor talho

Mas nõs estamos jà dentro n' aldea,
Faliemos por agora noutra cousa.
Mont. Eu não quero fallar antes da cea

Senão co meu fumeiro, & co a choufa

A L C I D O.

E G L O G A XVIII.

A L largo campo del famoso Rio,
q̃ al Lusitano mar lleua oro fino,
Entre blancas arenas esparzido
Huyēdo de su patria vn pastor vino:
En tiempo qu'el ardiēte, y seco estio
Vò ~~re~~ itando ~~do~~ do florecido.

Era su nombre Alcido,
 Pastor d'ouejas era,
 Pastaba en la ribera
 Del claro Lyms, juto a vn'alta serra;
 Donde cruel amor le hizo tal guerra
 Qu'el misero pastor por tierra estra-
 Dexó su misma tierra, (ña
 Y con todo lo más hato, y cabaña.

El dia que llegó por donde el Tajo
 Sus aguas cristalinas más derrama,
 Haziendo sus rodeos vagaroso,
 Y à q̄ tēplaua el sol su ardiente llama
 Cansado del camino, y del trabajo,
 Del esprito cansado, y congoxolo
 Al pie de vn olmo vmbroso
 Tendido por el suelo
 Con lagrimas sin duelo
 Regò la verde yerua, y blanca arena:
 Y como si la causa de su pena
 Escuchara sus anias d'amor llenas,
 Al son d'agreste auena
 Cātó su mal, su boz formādo apenas

ò Syluia, dixo, mas endurecida,
 Que toda cosa dura a mis querellas,
 Mās surda q̄ la muerte, aun q̄ mæro
 Aqui sin esperar remedio dellas,
 Llorando acabarè la triste vida,
 En pago de lo mucho que te quiero.
 ò pecho hermoso, y liero;
 Los brutos animales
 Testigos de mis males
 Con mi continuo lloro enternecia,
 Y tu que por razon se qui[redacted] vn dia,
 E a De-

Deuleras de tener más sentimiento
De quien por ti moria,
Menos sentiste siẽpre el mal q̄ siento.

Si en la Libia fueras engendrada
De las más indomables, crudas fieras
Si tu corazón fuera vn diamante,
q̄ más dura, o más fiera ser pudieras?
Qual culebra de incantó pie pisala
Con su ira passó tanto adelante?
Nó aya quien s'espante
De sin razon ninguna
D'Amór, ni de Fortuna,
Antes quien de los dos penado fuere
Quando por más perdido se turiere,
Mire bien a q̄ punto me hã llegado,
Porque si bien lo viere
Se tendrá por dichoso el desdichado

Bien vias, cruel Syluia, que por verte,
Dexauã mis ouejas olvidadas
De noche por los yermos sin abrigo
Que del hábriento lobo arrebatadas
Pagauan mi descuido con su muerte,
Quedãdo la sangre dellas por testigo
En esto poco digo,
Que no solo el ganado
De mí era olvidado, (do
Mas yo mismo de mí pueſto en olui-
Me quedaua en el mōte embeuecido
De modo, dia y noche, en tus amores
Que ansi como a perdido
Me llorauan la muerte los pastores.

Triste que no pensẽ que mi tormento

Y tu esquiuidad pudiesen tanto
 Que de tu dulce vida m'apartassen,
 Ni que mi doloroso, y tierno llanto,
 Y los suspiros míos sin aliento
 Tan poca compasión en ti hallasé;
 Pensé que te agradassen
 Mis versos a lo menos,
 Por ser de amor llenos,
 Y que tu voluntad ya más pudiese,
 Puesto que desdeñosa, y cruda fuesse
 Tanto perseverar en perseguirme,
 Que la patria me hiziesse
 Dexar, y de la vida despedirme.

Mas ya soy por mi mal desengañado
 De quanto por mi bien de mi péfaua
 Yá sé que vana fue mi coniança;
 Amor de mis discursos se burlaua
 A muerte me tenia condena lo,
 Dandome de viuir dulce esperança
 Con falsa semejança
 De la pretencion mia
 Sus tratos componia,
 Y con dulces engaños m'ha traydo
 A tanta confusion, que de perdido
 Acabar de perderme ya deseo,
 Ó mal no merecido
 En quánto mal por querer bié me veo?

Veome do no veo cosa viva,
 Que de mi viva muerte tenga duelo;
 Veo que todo bien por ti me dexa;
 En fin veome tal, que me confuelo
 Con esperar aquí la hora esquiua,
 Aunque me lo mi mucho me dexa.

E G L O G A XVIII.

Se con razon se quexa
 De tanta sin razón
 Mi triste coragon
 Al cielo de cruexas enemigo,
 Teme Syluia cruel, teme el castigo,
 Que puede, como justo vengador,
 Usar, por mi, contigo,
 No viuas, pues que matas sin temor.

Ya no t'offenderé con quexas mias,
 Con mis llorosos ojos, có boz triste,
 Ya no te quexarás que no te dexo,
 Bien puedes hazer cuenta q̄ me viste
 El quando, no lo sè, pues no me vias;
 Y esta es la razon porq̄ me quexo:
 Y con dolor me aléxo
 De ti, que no lo tienes,
 Mas tu conmigo vienes,
 Yo contigo allá do quedas quedo,
 Ni a ti de mi, ni a mi de ti ya puedo
 Partiendo me apartar, aunq̄ quiera;
 Pero no tengas miedo
 q̄ buelua a t'enojar, o viua, o muera.
Consumiré mi vida miserable
 En soledad llorando desventuras,
 Dexando de mis males triste historia
 Có kiero duro escrita en piedras du
 En doloroso estilo, y lamētable, (ras
 Que d'amor, y crueldad sea memoria
 Y pueda hazer notoria
 Hasta en las montañas
 A fieras alimañas
 La causa de mi muerte dolorosa,
 Que pues ha sido siempre deseosa
 De me llegar a fin tan lastimero,

Ya no quiero otra cosa,
Mas como esto serà, si yo lo quiero?

Ansi Alcido solo se quexaua
De Syluia, del Amor, y de su hado
Las fieras, y las aues, que le oyan,
Mostrauan sentimiento desusado,
El dulce, y claro Tajo lo mostraua,
Sus aguas, por oyrle, no corrian,
Yo viendo que bolhian
Los tardos animales
Del pasto a los corrales.
Y en el aprisco ya luzir el fuego,
Atajando su llanto con mi ruego,
Por no quedar en campo sin abrigo,
Al ayre humido, y ciego,
A la majada lo lleue conmigo.

E G L O G A XIX.

Montano. Tireno.

Mõt. **C**Antemos mi Tireno aqui, cã-
A la sôbra dest'alto, y verde pã
Estos floridos valles alegremos. (no,
Tir. Ah ventura cruel, cruel destino!
Como cantarè triste en tierra agenz
Donde lloran mis ojos de continuo?
Mont. Enfrena tu dolor, dexa la pena
En mano del oluido, su mal fiero
Cantando defacerba Filomena.
Tir. Hora pues ansi quieres, cãtar quie-
Oyd ei canto mio doloroso, (ro,
El de Montano oyd Ninfas primero

E G L O G A XVIII.

Môt. Abrasa el sol el môte, y el campo
eruelo

Emboscase el ganado entre la rama,
Oluida su pascor por su reposo.

Tir. Arde mi coracon en vna llama,
Quâdo su luz nos muestra el clarodia
Quando la escura sôbra se derrama.

Môt. Dormi corderos mios, vuestta guia
Os velarà del lobo hâbrieto, y crudo,
No dexeis por temor la sombra fria.

Tir. Salid sospiros tristes a menudo
Del encendido pecho de Tirenio,
Que viuo de su bien partir se pudo.

Môt. Si huelues oy por este valle a me
Mañana te darè, Fides hermosa, (no,
De frescas rosas vn cestillo lleno.

Tir. De tiernas flores, Citharea Deosa,
Siempre ornarè tu templo soberano
Si fueres para mi más amorosa. (no

Môt. Nel trôco d'aquel olmo de mi ma
El caro y dulce nombre dexo escrito
Daquella, por quiè no suspiro è vano

Tir. En breues versos mal q̄ es infinito
Se os pluguiere ler, llegad pastores
Al pie d'aquel frôdoso, y verde mirto

Môt. Tal prêda ayer me dierô mis amo
q̄ bien puedo dezir q̄ libre q̄do, (res
ô crudo dios d'amor, de tus dolores.

Tir. Tal es mi desventura, q̄ no puedo
Esperar ningun bien, ni la fortuna
Acrecentar al mal vn solo dedo. (na

Môt. Dichoso Endemiô, por quiè la lu-
Tenia auorrecido el claro cielo,
No piêses q̄ te tengo embidia alguna

Tir. Tristes, y los mas tristes deste suelo

E G L O G A XIX. 55

No queráis olvidar mis daños grandes
 q'è los nuestros os puedè ser còsuelo
 Mõt. q' no cãtais còmigo alegres aues
 Cantad mi bien conmigo, ò auezillas,
 En bozes tiernas, dulces y suaves.

Tir. Que no secáis vòs ya, ò florezillas
 Dexen os ya secar, lagrimas mias
 De pura còpasion de mis màzillas.

Mont. Destas calladas seluas, y sòbrias
 Parecen que se alegran con mi cãto,
 Las verdes yeruas, y las aguas frias.

Tir. Enojanse estos mòtes cò mi llãto,
 La triste eco de responderme canfa,
 Y vòs mis ojos no de llorar tanto.

Mõt. Pues oy de ver mi biè tègo sperã
 ò hijo de Latona, el sieno alarga, (52
 No turbes mi plazer cò tu tardãça.

Tir. Pues dulce me seras, y no amarga,
 q' no vienes ya muerte a còsolarme?
 Que no quitas de mi tan dura carga?

Mõt. Quiero de verdes sauzes coronar
 Aqui los hallarè nesta espeñura, (me
 Y desta suerte a Files presentarme.

Tir. Quiero sollo llorar mi desuètura,
 Al son desta ribera cristalina,
 Que murmurãdo cae del altura. (na

Mõt. Naquella màs robusta, y verde èzi
 Vn dulce ruyñor tiene su nido,
 El cielo a ser de Files lo destina.

Tir. Naquel hermoso pecho èdurecido
 Que deste mi destierro culpa tiene,
 Criar amor, amor ya màs se vido.

Mont. El sol ablãda, Files q' no viene,
 Cò blãca mano por los verdes prados
 Cojendo lindas flores se detiene.

E G L O G A XIX.

Tir. El tiempo buela, crecē mis cuidados,
Dexé la patria, a mi dexar quisiera,
No lo cōsiēte amor, no los mis hados

Mot. Derramase el ganado, ya no espera
Los siluos del pastor como solia,
Lleuemos le Tireno a la ribera.

Tir. Tu lo lleva Montano, tu lo guia,
Pues decātar cōtigo harto medexas
Sin ti me dexa, miētras dura el dia,
Llorar de nueuo mis antiguas queexas

M E L I S I O.

E G L O G A XX.

D E funebres cipreses rodeado
Estauā el buē Melisio, triste, y solo
En el pie d'vno dellos acostado.

Melisio, que del vno al otro Polo
En ninguna ribera, valle, o sierra,
Otro mejor ha visto el claro Apolo.

De su antigo tronco, y de su tierra
Gran hōra, y gloria, y esperāga cierta
De lo justo en la paz, fuerte e la guer

Este del coraçon abrio la puerta (ra.
Al niño bolador, flechero ciego,
Que todo lo trastorna, y descōuienta

Entrō con mansedūbre el amor luego,
Encubriendo en el riso, y blādo gesto
El rigor de su arco, el de fuego-

Despuēs que en su prisiō lo tuuo puesto
Herido, y abrafado algōse a buelo,
q̄ presto mata amor, y oluida presto

Dexō ceñidos de nocturno velo
Los ojos del pastor el mal tyrano,
Que no sabe en su [redacted] agü cōsuelo

Que

Quexóse a todo monte, a todo llano,
 Que riega la fructífera ribera,
 arenas d'oro lleva al padre Oceano
 Esfando, pues, así desta manera
 Entre las negras plátas solo, y triste,
 soltó del triste pecho la voz fuera.
 Y dixo: amor cruel, pues me pusiste
 En puntos d'alcançar lo merecido,
 Porque lo esperado no cumpliste?
 Dexaste me caer n'el hondo olvido
 De aq̄lla, por quié yo de mi olvida-
 No pido piedad, la muerte pido. (do
 Despues de ser vencido, y despojado
 No siento q̄ le errasse è cosa alguna,
 Si no yerra quien ama desamado.
 Ah vida miserable, y importuna,
 Qual poderosa mano te sostiene
 Contra lo que preciede mi fortuna
 Mas esto amor lo haze, d'el me viene
 Viuir entre los brazos de la muerte,
 Porq̄ viviendo más, muy más me pe-
 Conjurose con èl mi mala suerte (ne.
 Y todo quanto piésta aprouecharme
 En daño de mi vida lo conierte.
 Forçado me serà daqui mudarme,
 Que no puedo temer que peor caya,
 Pues no puedo sperar de mejorarme
 Mas qual de humano pievedada playa
 Qual puede alta mûtaña recogerme
 Aq̄de aperseguirme amor no vayan
 Que no tiene poder para valerme,
 Sino vna ingrata, y cruda tanto,
 q̄ puede, mas no quiere locorrerme.
 No cesse pues, mis ojos, vuestro llanto,
 que

E G L O G A XX.

Que puesto q̄ en los della vn riso sea
 En vòs serà dolor, n'otros espanto.
 Lloran mi mal Camilia, y Galatea,
 Syluia, Belisa, y Filis espantadas,
 Que en tal belleza tal rigor se vea.
 Y las aues, y fieras no domadas
 Muestran vn doloroso sentimiento
 De mis queixas en vano derramadas
 Tu sola ocasion de mi tormento
 (No sé qual lo permite estrella dura)
 Despiertas con mi daño tu contento
 A quien no engañara la blandura
 Qu'el cielo puso en ti, en lo de fuera
 Vnida con tu gracia, y hermosura?
 Poder imaginar engaño fuera
 Que s'escódia allá d'entro en tu pecho
 Vn fiero coraçon d'alpestre fiera.
 Mas del mio en lagrimas deshecho
 El lloro lo descubre, y la tristeza,
 Aunq̄ por tu honra, a mi despecho.
 Mira bien ado llega mi pureza,
 q̄ estando qual estoi, me duele, y pena
 Que puedas ser notada d'aspereza.
 Pastores, que pisais la blanca arena
 Quãdo a beuer lleuais vuestros gana
 A la del claro Tajo dulce vena; (dòs
 Y vòs que por los riscos encubrados
 Las saltadoras cabras vais guiando
 Por no hazerẽ daño en los sebrados:
 Despues q̄ desta selua, i riò blando
 La muerte m'apartare, o la partida,
 Que a vna de las dos me voy llegãdo
 Sea de vòs cantada, y repetida
 Esta breue cancion en mi memoria,
 Melisio por amor perdió la vida.

Lo que supieredes más de tal historia,
 No lo fieis de vuestra agreste auena,
 Por no escurecer agena gloria.

Murio d'amor Melisio en tierra agena

Esto solo se cante, y se repita,

Mal aya el ciego amor, q̄ tal ordena

Aqui se le pegò la boz afflita

Al Zagal desdichado en la garganta,

q̄ hasta poder hablar el amor quita.

Y despegòse el cuerpo de la planta,

Dexandole caer amortecido,

Tanto fue su dolor, su pena tanta.

Despues d'estar gran rato alli tédido,

Llegaron por acierto dos cabreros,

De los quales fue luego conocido.

Eran Alpino, y Mincio compañeros,

Que venian sus cabras recogiendo

Por unos asperísimos senderos.

A Melisio los dos fueron corriendo,

El qual al mismo instante q̄ llegó,

Del mortal accidente yua saliendo.

Qual fue la causa delle preguntaron,

Y con amiga mano el cuerpo frio,

Del suelo (do yaza) leuataron.

No es d'hora, ò amigos, el mal mio

(Les dixo) porq̄ a tiépos m'atorméta

Tanto, que de la vida desconfio.

Y para d'ellos dar entera cuenta,

Ni lo consiente el alma fatigada,

Ni el sol q̄ en la mar va se aposenta.

Ellos por no le dar pasion doblada,

Sin más se detener, con él en medio

Se fueron recogiendo a la majada,

Pensando que tendria allà remedio

C A R T A . I .

A O D O V T O R F R A N C I S C O
de Sã de Miranda.

(clato
Vme das nove Irmãs, mais q̃ o sol
Frãcisco, em cujo peito Apollo inf
pira

Hum saber peregrino, hum canto raro
Ha muito ja, se tam alto sobira. (do

O baixo ingenho meu, q̃ no grã Pin-
Gõ febo maõ por maõ d'atra: te vira
Que fora a minha Musa descubriendo
A sua pobre vea em teu louvor,

Outros versos tecendo, outros vrdindo
Induei sempre o silencio por melhor,
Por fugir da peçonha, que derrama
A lingua mã, do maõ murmurador.

O bom espirito, que pretende fama
Ser louvado do pouo não deseja,
q̃ sepre ao menos sabeo mais a fama
Queres que de meus versos juiz seja

Hũ maõ, hũ ignorante? d'ambos temo
A ignorancia dum, doutro a inveja,
Trabalho por fair a vella, & a remo,
Dantre Scilla, & Caribdes, não q̃ria

Por fugir deste, dar naq̃lle estremo.
O doce estillo teu tomo por guia,
Escreuo. leo, & risco; vejo quantas
Vezes s'engana, quem de si se fia.

Se guardo teus preceitos, q̃ t'espantas
De não me conhecer; mais certo spẽ
Recibe o muião todo do q̃ cãtas. (to
Eu ja hũ nouo templo te levanto

Dentro

Dentro na minha idèa, onde offiereço
 A teu immortal nome este meu câto
 Não te contarei nelle do começo
 Qual minha vida foy, por nã cãfarte
 Cõtrario effeito dequãto às Musas pe
 Isto sò te direi, a melhor parte (ço.
 Della leuou Amor, là onde o Tejo
 Perd'o sabor das aguas, cõ q parte.
 Alli me conuèrtia o vão desejo (plãta
 Em agua, em fogo, e fera, em pedra, em
 Agora vejo tudo, porque vejo.
 Amor não vfa d'eruas quando en canta
 Nem cura das palauras, nã dos signos
 De Circe, de quẽ tanto Homero cãta
 Já liure de tamanhos defatinos,
 O fogo morto, rotas as cadeas,
 Cãto alegre ao Ceo Odas, e Hymnos.
 Cobrei (desque bebi nestas Leteas
 Aguas do Patrio Lyra) o ser perdido
 Esta verdade quero que me creas.
 Do tempo mal gastado arrependido,
 Queria (se podesse) o que me fica,
 Que fosse em melhor vfo despèdido.
 Por isso não s'afaste atua rica
 Musa de dar a mão à minha pobre,
 Que no caminho do Parnaso è bica.
 q le fez das medalhas d'ouro, e cobre:
 Nas estatuas de pedra, e de metal?
 O tempo gasta tudo, tudo cobre.
 No mûdo aquelles tẽ fama immortal,
 De quẽ nos canta hũ peregrino inge
 O mais hẽ sabes tu q pouco, val(nho
 D'algũs cantarei eu, se por ti venho
 A leuantarme tanto, que na fonte
 Castaliozere o grãde - - - or q tenho
 Cia-

C A R T A I.

Cingida de louro verde, a brãca fronte
 Entam ouvirás tu mais alta rima
 Ledo, que por ti cante, & por ti cõte,
 Agora rio abaixo, rio acima,
 Que vay luau emente inürniurãdo,
 Sõ me vou pola beira do inenLyma.
 Hora enganios d'amor lhe vou cõtãdo,
 Outr'horã do sereno claro; & puro,
 O vou, como costum o, celebrando.
 Da loura, & branda Ninfa o Pastorduro
 No bolsõ ouço queixar, sã lhe valer,
 D'ambos me rio jã, posto em seguro.
 Que mör contentamento põde ver,
 Que verse liure quẽ no mũdo viue
 Sem ter jã q̃ esperar, nem q̃ teimer?
 O cobiçoso, & cego se catiue
 De seu ouro, sã Deos, ajũte, e guarde
 Que nũcaguardar muito por bõ tiue
 O peito sem ventura, aquelle q̃ arde
 Neste fogo cruel, que tanto laure
 q̃ mata cedo, equãdo morre he tarde
 Emfim, por n ão gastar tanta palaura
 Na traça do desejo, no retratõ,
 Que tu Frãcisco vês, sã q̃ mais s'abra.
 Queria boamente, sem mau trato
 Passar por esta vida de maneira
 Que fosse ao Ceo a ceito, à terragrato
 Tu que seguindo vas a verdadeira
 Via, que do Ceo melino te faz digno
 Cõ fama sempre clara, sãpre inteira
 Dizme por onde vã; o Peregrino
 Quãdo pilando vay terras estranhas
 Ha mister certa guia, certo enũno.
 Não te deraõ os Ceos graças tamãhas
 Pera sã as lograres, mas por seres

Bõ mefire d'artes boas, boas manhas,
 Se te roubou a morte os teus prazeres,
 O tempo (como dizes) força, & gofio,
 O melhor te deixaraõ, q̃ mais q̃res?
 Em rico diamante escrito, & posto
 No templo da segura eternidade
 Teu nome vejo a todos anteposto.
 Nem morte contra ti, nem longa idade
 Tem já poder nenhum, podes te rir
 Das suas forças, da sua crueldade.
 Podemse derrubar, podem cayr
 Os edificios de que tu m'el reues,
 Teu nome não, q̃ sempre s'had'ouvir
 Se te deuem as Musas, se lhe deues,
 Não sei determinar, tu as honraſte,
 Ellas não te negaraõ azas leues,
 Com q̃ da terra ao ceo te leuãtaſte?

S O N E T O

Do Doutor Francisco de Sá, em re-
 ſta ao Autor.

N Este começo d'ãno, & tão bom dia,
 Tão claro, porque não fallece nada
 Me foy da vossa parte apresentada
 Aquella composição, boa à porfia:
 E della me espantou tudo o que lia,
 E mais em parte aſſi tam deſuiada
 Sempre tégora, da direita estrada
 De Clio, de Caliope, & de Talia.
 O qu'enueja vos hey a eſſe correr
 Pola praya do Lyra, abaixo e arriba
 Que tem tanta virtude d'eſquecer,
 O qu'estes tristes coraçõs alina
 Igualmente do peſar, & do prazer
 Paſſado, q̃ não quer q̃inda bomẽ viva

CARTÁ II.

Ao Doutor Antonio Ferreira.

M Vsa de Lusitania; pouco digo
 Das noue do Parnaso a principal,
 Que menos não partio o Ceo cõtigo;
 Inda que sei que pouco, ou nada val
 Natureza sem arte, & sem doutrina,
 Que pôde com amor parecer mal?
 Se tal razão em tal materia he digna,
 Bem te podem meus versos parecer,
 Pois mos inspira amor, pois mos é fina
 Ha nelles que cortar, ha qu'estender,
 Vaõ como parto d'vssa, buscão vida,
 Outra forma melhor, hum nouo ser.
 Que lhes podes dar tudo, quẽ duuida?
 Eu que lhes posso dar senão amor,
 Suspiros tristes, d'ôr mal entendida.
 Soberbo me fazia o teu louuor,
 Se m'esquecera o moço, que cai ndo.
 Deixou o mar cõ nome, o pay cõ d'ôr.
 Este me fez temer, & o que sobindo
 No carro, que pedio, morto deceo,
 Inda debaixo d'agua ardor sentindo.
 Posto que logo entam tanto s'ergueo;
 A vaã presumpção minha sobre si,
 Que mal seu desengano recebeo.
 Digo, quando meu nome escrito vi
 Daquella pena, que com raro ensino
 A nòs prudencia dà da fama a ti.
 O louuor traz consigo desatino,
 Altera, & cega aquem he cobioso.
 Delle, por tal respeito, mais indigno.

O que

O que fama não quer por virtuoso,
 O que de todo a vicios's'entregou,
 Não pôde (inda que lèbre) ser famoso
 Senão veção a fama, que deixou
 O q' pos fogo ao tēplo por memoria,
 Que nem somente o nome conseruou
 Outros conselhos dās na triste historia
 Da triste dona Ines, outras lēbranças
 Dignas de fama cá, no Ceo de gloria.
 As nossas bem fundadas esperanças
 Virtude deuem ter por seu objecto
 Pera firmes estarem nas mudanças.
 Quem vio o virtuoso andar fogeito
 A successos do mundo duuidosos?
 Quando não foy seu bē firme, e perfei
 Os q' chegauão a termos tã ditosos (to?
 Que mais tē q' esperar, ou que temer?
 De q' podē na vida andar queixosos?
 Não ouso de fallar, pode-se crer,
 As Musas liures de sua natureza
 Hum medo vão as faz emu decer.
 Pesame de vir dar nesta certeza:
 Mas quē pôd'escusar tristes q'ixumes
 Vêdo q' o bē s'engeita, o mal sepreza?
 Pouco presta escreuer grãdes volumes
 Por parte da virtude, contra o vicio;
 Vencē boas palauras maos costumes?
 Se buscas Alexandre, se Fabricio
 Acha tu se não Elios, se não Midas,
 Que fazem, com dōr nossa, seu officio?
 Quanto melhor seria ver perdidas
 Estas vãs pertengões atras q'andamos
 Auenturando as almas, pelas vidas.
 Mil cousas que no publico tachamos,
 Seguimos, no secreto, a redea solta;
 Cuidando

C A R T A II.

Cuidando d'enganar, nos enganamos;
 Em tanta confusão, nest'agua entoleia;
 Fazemos da vontade n'essa guia:
 Mas onde vay parar, que nã d'volta?
 Que dizes tu daquelle que confia,
 No seu juyzo tanto, que vãmente
 Esfereve quanto lhe vem à fantelia?
 Este tal sente tudo, ou nada sente:
 Estremos perigosos, pera quem
 Seguindo o fio vay d' cega gente.
 Que gosto d'as na vida, que n'ôr bem,
 Que ter homem de si conhecimento,
 Quem isto só alcança tudo tem.
 Não se deixa virar de cada vento,
 Não morre por viuer, não lisongea,
 Não faz em peito alheo fundamento.
 Rocolhe com prazer, o que semea,
 Com gosto come, dorme descansado:
 Da sua vida viue, & não d'alheo.
 Dos antigos Romaõs, foy perguntado
 Apollo, qual dos homẽs desta yida
 Julgava por mais bem aventurado.
 Respondeo à pergunta referida,
 Que Giges: Confia mais não declarãdo
 O qu'a resposta fez mal entendida.
 Elles, que d'elle estão esperando
 Que nomeasse algum muy conheido
 Dos grãdes, q' no mudo tinhão mado.
 Querendo conhecer quem preferido
 Fora em ventura à regia dignidade,
 Acharão, tendo já muito enquirido.
 Ser hum homem, que fora da cidade,
 No campo, cultivava hũ'orta pobre;
 O qual era mais pobre da vontade.
 Parece que já entã era de cobre

A idade, que r'è li fora de prata,
 E dantes de metal muito mais'nobre.
 O tempo tudo gasta, & desbarata:
 Acabou, come; ou esta de ferro,
 Onde tratao melhor quem peor trata
 A terra que nos derão por desterro
 Esquecidos nos fiz da patria propria
 Que nã descuipa tem tamanho erro.
 Emfim esta materia heme impropia,
 He pelo doutros h'obros, doutro spr'è
 Aqu'è Febo de si d' maior copia. (to.
 Por tanto meu de sejo, & nã meu dito
 Recebe com amor, & a tençã para,
 q' chega, onde nã chega o carro esq'è
 E se tua clara luz q' a neuoa escura (to.
 Dos b'os ingenhos vay alevantando,
 E de Plindo l'hes mostra a m'or altura.
 Me for por esta selua lumiando,
 Onde amor me meteo, alta, & s'bria,
 Por onde vou a m'elo caminha-lo.
 Inda eu espero que vejas algum dia
 C'õ não louvor teu m'is doce cãto
 Porque tendo tam certa, & fiel guia
 Não he muito de mi prometer tãto

C A R T A III.

A Pero d' Andrade Caminha.

A Ndrade h'ora das Musas, lume n'osso
 Dos q' as seguimos digo, m'as nã si
 Se delles com r'azaõ, chamarme p'isso
 Eu vejon'è cãtino, que farei
 Triste, posto em poder d'um moço, e ce-

A quem tendo o que tinha, tudo dei.
 De ti saber desejo, porque chego
 Tanto a quem me foge, que me guia
 Cego por outro cego não to nego.
 Nas m'óres esperanças desconfio
 De ver o que desejo, o peito he fogo
 Os olhos taõ de lagrimas hum rio.
 Mas não me val arder, chorar, nê rogo
 Que males menão dé, quãdo promete
 Os bês que nunca dá tarde, nê logo.
 Quem set'annos seruiu cõ outros sete:
 Pola Pastora bella, no fim sua
 Me diz, q̃ acaba amor quãto comete
 Mas vejo Dido cõtra si tam crua
 Tomar a pena em vã na maõ direita,
 E na esquerda a Troyana espada nua
 Vejo o moço d'Abido em luta estreita
 Com ondas, onde morre sê temor;
 E que da torre abaixo Hero se deita.
 Vejo (com magoa) os dous, q̃ negra cõr
 Deraõ ao branco fruito cõ seu puro
 Sangue, que derramar lhe fez amor?
 Em tanta crueldade, que seguro
 Dás tu a minha vida, do teu lume
 Não tarde o claro rayo é tãto escuro
 Em dous fogos m'abrazo, amor cõsume
 A vida de continuo, vejo o dano
 F não posso apartarme do cõstume?
 Voume de dia em dia, de ãno em anno
 Apos dum vento leue fugitiuo,
 Cheo de sóbras vãs, & certo engano.
 Do meu propio desejo ando catiuo,
 De falsas esperanças me sostento,
 Pera magoas nasci, em magoas viuo.
 Alcei torres no ar sem fundamento,

Nas nuves escreui, semeei n'agoa,
 Em rota rede quis colher o vento.
 Busqi. descanso em dor, prazer em agoa
 Em feras piedade, em mar firmeza,
 Na morte vida, neue em viua fragoa
 Agora julga Andrade em q̄ estreiteza
 Me poe amor cruel; & a mal tamanho
 Não negues bó conselho cõ presteza
 Não deue (ó caro amigo) ser te estranho
 Qu'aspereza serã se me não valles,
 E que tua fica a gloria se me ganho.
 Eu encho de queixumes, mōtes, valles,
 De sospiros o ar, de pranto a terra,
 Emfim omūdo todo encho de males
 Sē nūca achar brādura, ou paz na gerra
 q̄ amor me faz de dous lumes fermo
 Óde seu arco tē, seu fogo e cerra (fos,
 Poderão ter louvor de piedosos,
 Se por merce d'amor, seus rayos vira
 Mais brādos per' t'ni, mais amorosos
 Isto chora minh'alma, isto sospira,
 Os desprezos do fogo em q̄ s'apura,
 O pouco galardão que disso tira,
 Se fora piedosa a Parca dura
 O fio logo em nascendo me cōrtara,
 Seruirame de berço a sepultura.
 Em começando a vida se acabara,
 Quam alegre me fora a triste morte,
 A quantas outras mortes atalhara.
 Dura condigão minha, laço forte,
 Como não q̄bras já, pois nã t'abrãda
 Aquella, a que o Ceo me deu e sorte?
 Porque fermosa Ninfa se me manda
 Amor q̄ apos ti vã, foges voando?
 Não ves q̄ está razão da minha bāda

C A R T A III.

Olha, que vaõ meus olhos estillando
 E lagrimas a vida, olha estas chamis
 Em q̃ por teu amor me vou q̃imada,
 Se aquem tanto te quer, tanto defama
 O que te defamar, naõ sei q̃ esperar
 Mas bem se póde crer q̃ inimigos ama
 Hircanos tygres ja mouer podera
 O triste pranto meu, q̃ te naõ moue
 Porq̃ queres das feras ser mais fera
 Queixem se ao Ceo de ti as brãdas no
 Irmãs, a quem me tiras, se me mata
 Olha, que naõ sou Fenix q̃ renoua
 Se tu do mortal laço me desatas,
 Teu nome, tua fama, tua gloria
 Offendes, escureces, desbaritas,
 Que doces versos, que suauz historia
 Tecera em teu nome, se tu tiueras
 Do meu amor, ou do meu mal me
 A ti An drade torõ q̃ n'esperas (ra
 Cançado de m'ouir queixar e vaõ
 O que tu por ventura naõ quiseras
 Mas pois que te naõ guã por razõ
 Amor, de que me queixo e doço, e ten
 A dar remedio a culpa da perdõõ,
 Ache o q̃ busco em ti, ache o q̃ esperõ

C A R T A IIII.

A dom Ioã de Castello Branco estill
 fronteiro em Ceyta.

Nãõ tivera, senhor, tal ousadia
 Se primeiro da vossa naõ loubera
 Que nisto a vosso rogo obedecia.

Ainda que po. esculpa dar podera
 Faltarme (o q' côfesso) ingenho, e arte
 Que por ser verdadeira, me vallera.
 Mas basta saber já que nessa parte,
 Nessa donde nos conta o grã Poeta
 Qual fica Dido, qual Eneas parte.
 Cuido que por passar a inquieta,
 E dura vida a Marte dedicada,
 Que manda q' algũ ocio s'entremeta.
 Alem de ser pedida, era esperada
 Esta carta que mando, em tal estillo
 Qu'outra pena pedia mais cort: a.
 Mas pois sendo qual he, quereis ou .
 Nã vos maravi sheis, se as brãda .
 Não o fazẽ soar do Tejo ò Nilo. (sa-
 Emfim deixando agora as mais escusas
 Bem entendo, senhor, q' vos escreuo
 Por Palauras taõ chãs, quãto côfusas
 Mas eu no claro, & puro amor m'atreuo
 Não espero daqui outro louvor,
 E oxalã pagassẽ o que vos deuo.
 Aquelles, que de Febo tem fauor,
 Aquẽ se mostra brando, a quẽ amigo
 Pretẽ daõ hõra, & fama, eu sõ amor.
 Amor de võs pretendo, mais não digo;
 Quero seguir caminhos sem rodeos,
 Por não cãsar a vós, nẽ a mĩ q' osigo.
 Trate que m' mais quizer feitos alheos,
 Diga mal, diga bem, falle à vontade,
 Use palauras novas, non os meos.
 Não cure de rezaõ, neia de verdade,
 Em tudo contentando à vulgar gẽte,
 Enchendo peitos vaõs de vaydade,
 Eylo Poeta logo, eylo excellẽs,
 Adolo do peguano, & mais do grande.

T A R T A III.

Sofrei se chamo grãde aquẽ mal sête.
 Nunca permita o Ceo, nunca tal mãde
 Que merecendo nome meus escritos
 Este na voz do pouo em muitos âde
 Contentasseuos eu raros espiritos,
 Que nos ides a lingua enriquecendo,
 Nas rimas, & na prosa em altos ditos
 Ditosa lingua nossa, que estendendo
 Vas já teu nome tanto que seguro
 Inueja a toda outra iràs fazendo.
 Por isso vòs senhor lá a Marte duro
 De todo vos não deis, tẽde lêbrãça
 Das brãdas Musas, cuje sois de juro.
 Hora tomai a pena, outr'ora a lança,
 A uenturando a vida pola fama,
 Que deste modo immortal s'alcãça.
 Apollo já vos tem, Marte vos chama,
 Capella vos promete, Apollo a deue
 Daquella q̃ foy Ninfa, agora he tãma
 Digo da que seguio com curso leue
 Pola fresca ribeira do Peneo, (ue.
 O mesmo Apollo, como Ouidio escre
 Tu corres louro Apollo, pois eu creio,
 Que t'hade pesar muito quãdo yires
 Cobrirse de cortiça o branco seo.
 Ninfa, melhor te fora não fugires
 De quem damor forgado te seguia,
 Melhor fora a seu rogo consentires.
 Mas não foy culpa tua, o Ceo queria
 Que fosse o cego meço assi vingado
 Planta te quis fazer verde, & sôbria!
 Ditoso vòs a tais termos chiegado,
 Que por Poeta, & grande caualleiro
 Sereis de Apollo, & Marte coroado.
 Não vos pareça nillô lisongeiro,

Que verdade tam certa, & tã notoria
Me faz que della seja p regoeiro.

Tempo não gastará vossa memoria
Se responder o fim a tal começo
Que louvor digno já, digno d' historia
A ser eu della autor não m'offereço,
Que seria roubar como tyranno
Do vosso alto valor o rico prego?

Alcido cantarei, & Lymano

Có frauta pastoril, de pouca estlina,
E Syluia, & Nise causa do seu danno.

As Napeas do Vade, Vez, & Lyma

Cuido que dem ouvidos a meu câto
Nã desprezãdo aminha agreste rima
Vós lá seguindo Marte, & Febo é tanto
Por ambos juntamente trabalhando

D' inueja échereis h'is, outros d' espã
As Africanas armas desprezãdo (to.

Hora no largo campo, hora na Serra
Vosso castello branco alevantando?

Mas como não dura sêpre aduraguerra
Outras horas em brãdos exercicios
Passareis saudades desta terra.

Vereis os ruynados edificios,

Que da força do tempo consumidos
Inda de grãõ soberba daõ indicios.


Vereis Neptuno incharse, & dar bram' -

Quãdo venta Leuãte, & cõ Poëte (dos
Dar gosto aos olhos, se cãsar ouvidos

Pola Almina ireis seguramente

Pisãdo a molle areia, a passios quedos
Tratando co as Musas brandamête.

Ali polas cauernas dos penedos (uhos
Dizem morarem já môstruos mari-
Mas isto d' antiguidades saõ segredos

De cousas  s fazemos aduinhos

C A R T A III.

O fétido das quaes he a verdade
 Por vétura q̃ leuão outros caminhos
 Deixemos o que seu he à longa idade,
 Tratemos de saber daquelle dia,
 Que seja fim de tanta saudade.

Quando cã descansa à sombra fria
 Na ribeira do Tejo ao som da lyra
 Cantareis vossio amor como sohia.

Ô quem tal dia já chegado vira,
 Por não ver descontente, & saudosa
 Aquella, que por vós chora, & sospira
 Mas nã lhe rouba o choro ser fermosa;
 Orualho as viuas lagrimas parecem
 Correndo pela face vergonhosa.

Ô Ninfa, a cuja vista reuerdecem
 As plantas, que seou o estio ardête,
 Deixai lagrimas já, gostos comecem.
 Cedo vereis o vosso amor presente,
 Assim vis'eu est' alma que detenho
 Em esperanças vãs, leda & cõrente.
 Não digo mais, senhor, porq̃ vos tenho
 Cansado já com tam pesado canto,
 Secca è la vena del vsato ingenho,
 E la Cithara miã riuolta in pianto.

C A R T A V.

A Tuys d'Alcaçoua Carneiro, em repo-
 sta doutra, que me escreueo estã-
 do em Ponte de Lyra.

Ô Nde m'esconderei, q̃ escapar possa,
 Se cã entre môtanhas embrenhado
 Me vè desembrenhar hũa carta vossa

Sair

Szir ao campo logo, foy forçado
 Cõ meu Inculto verso, & baixa rima,
 Estillo emfim de cá, lá desprezado.
 A vossa me tomou junto do Lyma,
 Que com crecidas aguas então vinha
 Da lua fonte, que nasce mais acima?
 Ali me tomou triste, onde já tinha
 Posto em silencio o cáto, & pẽdurada
 Num antigo salgueiro a lyra minha.
 Com propolito firme, que tocada
 Não seria de mim nesta ribeira,
 Onde tam pouco foy sepre estimada
 Muitos dias chorei a derradeira
 Hora daqlla Ninta a vós tão clara,
 A mĩ senhora, a seus bõs pays primei
 Logo entãõ conheci, q̃ desfandara (ra.
 A roda, nõ mör bẽ mais inconstante
 Quando tal esperança nos roubara.
 Fortuna em perseguirme foy auante
 Tanto, q̃ me chegou onde não tenho
 Sobra, em q̃ já delcanse, & ledo cante
 Que val por derradeiro hũ bõ ingenho
 Que val cátar d'amor, o fogo, as setas
 Se sempre cõ as mãos vazias venho.
 Não sei, senhor, quem disse, q̃ os Poetas
 Eraõ manjar da fome, sede, & frio,
 Mas bẽ sei q̃ não comẽ cõ trõbetas.
 O trigo que juntou nõ seco Estio
 A solícita formiga, a sãoalhava
 Dei q̃ o bosque deixou de ser sóbrio
 A Cigarra importuna, que passava
 A caso por alli, morta de fome,
 Que lh'emprestasse delle, lhe rogava.
 A sã que da reposta auiso tome,
 Perguntoulhe a formiga, em q̃ gastara

C A R T A V.

O tempo, em que se colhe oq se come;
A Cigarra lhe disse, que cantara,
 Bem fôra de cuidar poder cayr
 Naquelle grande falta emq s'achara
Começou a Formiga entaõ de rir,
 Dizendo, Amiga, pois noveraõ cãtas
 Podes bailar nõ inuerno, e nã pedir
Quãtas fabulas destas, senhor, quãtas
 Se podem em nõsso tempo applicar.
 Aquelles q se daõ as Mulas santas.
Mas eu quifera sô poder passar
 Os baixos da pobreza em tẽpos tais
 Pera d'homẽs formigas gracejar.
Dizei, essas riquezas que juntaes
 Tanto as custas dalma. ó cobigosos,
Sa Quando logranos dellas esperais?
 Ó ricos por ventura, ou saõ ramosos
 Os q no mũdo tẽ mais ouro, e prata?
 ò quanto mais o saõ os dadiuosos.
Tempo os vossos tãsouros desbaratas
 Os vossos edificios poem por terra,
 A boa fama não, nunca a mal trata.
Ditoso he logo aquelle que desterra
 Do peito a mã cobica, q por certo
 Aquẽ mais rico faz, faz maior guerra.
Ah q em deserto cã, grito em deserto,
 Pois tãtos gritos meus não saõ ouui
 dos,
 E menos quãto mais grito de perto.
Mas esperanças vãs, tempos perdidos,
 De costume tem jã deixar de si
 Humanos coraçoẽs arrependidos.
Muito me desuiei porein daquil
 Estes queixumes vãos atras deixãdo
 Toruo ao proprio lugar dãde parti.

Algũs versos andei desenterrando
 (Do lōgo esquecimento) a vossa ṽdo
 Dos quaes s'estaua a traça já lograda,
 Quiserá mandar tudo, mas temendo
 Que sendo inuito, & maõ enfastiãse,
 Tornei a maõ atrás, vou me detêdo.
 Mas permitindo o Ceo, q̃ se mostrasse
 É vòs, a minha Musa, out'ro Mecenas
 Por cujo tronco a baixa era trepasse
 In-la com nouo estillo as nouas penas
 Cantaria d'amor, mais ledo entam
 Entoado de Febo, & das Camenas.
 Em tanto essas premicias, que là vão,
 Achem em vòs fauor, achê emenda,
 Porq̃ trataõ d'amor, por minhas não
 Que quẽ seu he, bẽ he q̃ os seus defẽ
 (da.

C A R T A VI.

A dom Francisco de Moura,

Ornamento de Febo, hõra de Marte,
 Se aesse vosso brando, & forte pelto
 Deixou o Himineo as Musas parte;
 Bem sei que me lereis sem ter respeito
 A meu largo silencio, antes sentindo
 O mal, que nisso amĩ me tenho feito
 Que se pôde esperar de quem fugindo
 Ensinado dõ tempo, anda da gente
 A vida por desertos consumindo?
 Vedes vòs hũ ingenho que contente
 Ou por arte acquerida, ou natural
 A todos nesta vida igualmente?
 Muitos de muitas cousas dizem mal,

C A R T A VI.

q̄ doutros são louuadas por extremo,
 Humana condiçãõ sempre foy tal.
Por isso, senhor, callo, porque temo
 De não chegar ao porto desejado
 por mais q̄ alargue a vella, & aperte o
Fallo cõ vosco claro, falo ousado (remo
 Porque sei qn' em espirito generoso
 Firme esta na virtude em todo stado
O vosso de alta fama cobizoso,
 sēpre se mostrou mais q̄ de tesouros
 E assi feito vos tem rico, & famoso.
Quãdo esquecerã Moura entremouros
 Quãdo vos negaraõ Bellona, & Palla?
 Mil palmas misturadas cõ mil louros
Certo nas obras sois, certo nas fallas
 Em tudo ides formãdo eterno nome;
 Nas armas jūtamente, & mais nas gal-
 Ah, que Febo se ri, & diz q̄ dome (las
 O desejo que tenho de louuaruos,
 Que tal empresa he sua, não lhatome
Não o quero anojár, nem anojaruos,
 Elle vos louue, & cante de continuo,
 Pois elle melhor pôde contentaruos
E saiba o natural, & o peregrino
 Agora & mais depois em toda idade.
 q̄ de menos louuor não sois vòs dig-
Quise rãme deter nesta verdade, (no-
 Mas não me deixa Apollo, nē a carta
 Que me pede tambem sua breuidade
E não basta a fortuna que reparta
 Os bēs, q̄ chamaõ seus, muito a seu go
 E q̄ de males meus està já farta. (sto,
Senão q̄ lnda me chama cõ bom rosto
 A Ninfa, que de verde anda vestida,
 Porq̄ lá seja outra gralha d'Ariosto.

Se contentei hũ tempo, quem duuida,
 Que o mesmo tẽpo jã tudo mudasse
 Pois não ha cousa firme nesta vida:
 Os que me tinhaõ dito qu'esperasse,
 Não tẽ jã qu'esperar, tudo alcãçaraõ
 Sem auer quẽ de mi mais se lãbtasse.
 Antiga ley dos fados sempre vsaraõ
 Banhar nas frias aguas do Leteo
 Os que no mundo muito leuantaraõ
 Se viuo com razaõ neste receo,
 De vòs espero o certo desengano,
 Espirito raro d'alto auiso cheo.
 Quo descuido dũ anno, nẽ doutro año
 Amor não mudaria, nem pureza
 Dum peito todõ puro, todo humano
 Aculpa posso dar à natureza,
 Que nul lãbrangas da alma lãçou fõra
 Enchẽdoas sã de magna, & de tristeza
 Tanto qu'inda sospira, inda sã chora
 A graue, & noua dõr que lhe deixou
 Quẽ voffo hũ tẽpo foi, de Deos agora
 Abirmaõ da miãh' alma, como estou
 Errado em te chorar, tu pera o Ceo
 E eu triste não sei pera onde vou.
 Nunca mais pera mim amanheceo.
 Despois q me deixaste hum aluo dia
 Sẽpre o Lyria despois turuo correo
 A sua fresca praya jã não cria
 As flores na fermosa Primavera
 De que fermosamente se vestia.
 As plantas não se deixaõ cingir d'era
 Por não dar no veraõ sóbras dobra
 Aquẽ lograr-se dellas inda spera (das
 As cousas todas vejo aqui mudadas
 Em triões as que ledas ser soyaõ,

C A R T A VI:

'As tristes muito maistristes tornadas
 'As murtas, que contigo nos creciaõ
 Venus não ama já, nem dellas cura,
 As Musas daqui longe-se desuiaõ.
 Não vejo estar-se vendo em agoa pura
 O fermoso Narciso, indã en leuado
 Despois de flor, da sua fermosura.
 'A terra nega ao laurador cansado
 O deuido retorno da semente,
 Que nella deposita confiado.
 Dã ja esta ribeira escassamente
 (Que dãtes sempre foy tam copiosa)
 No veraõ erua aogado: agua correte
 'Do sentido pastor frauta amorosa,
 A cujo som o rio estaua quedo
 Não soa pola selua deleitosa.
 Nê elle em pê de freixo, ou em penedo
 Corta com ferro duro verso brando
 Moido damor triste, ou damor ledo.
 'As ninfas dentro nagoa estaõ laurãdo,
 Não aparecem já na verde praya,
 Hũas flores colhẽdo, outras pilando.
 'Entre a folha do louro, freixo, & faya
 Fillomela escondida ja não canta,
 Nê quãdo o sol se vay. nê quãdo arra
 Nũca já grossa neuoã se leuanta (ya.
 Deredor destes montes, nunta o frio
 Deixa lograr o fruito à culta planta
 'As tardes pera mim do seco estio,
 Nem graça tem, nem viraçãõ. q̃ faça
 Estremecer o alemo sombrio.
 Indã tem as manhãs mais pouca graça
 Orualhosas não são, nê são rosadas:
 Triste de quem así sua vida passa.
 Podiaõ as razoẽs que tenho dadas

Magoa, não só perdaõ em vós achar
 Não vos sendo de largas já pesadas.
 Comete culpa mór quem vos gastar
 O tempo, q̄ gastais em coulas mōres
 Sem ter a cega inueja que cortar.
 Ou seja em grangear novos fauores
 Do grande Rey, aquẽ mereceis tudo
 Ou das armas trateis, ou dos amores
 Ou em deserto monte o colmilhudo
 E branco Ianali persigais tanto, (do.
 Que nelle outra cõr deis ao aço agu-
 Ou em mudo silencio doce canto
 De musico fauoso esteis ouuindo,
 Koubado a pensamentos entretanto
 Ou cãmnhos mais chaõs vades abrin-
 Pelos espessos bosqs do Parnaso (do
 Por elles sem cansar ledo subindo.
 Ou ja no alto d'elle em claro vaso
 Vos dê Eebõ a beber licor sagrado
 Nascido da pegada de Pegaso.
 Ou deitas coufas todas descuidado
 Depois do sento nõ, cuideis somente
 Comprir obrigações do nouellado
 Em fama digo logo breuemente
 Não entretêdo mais vosso alto sprito
 No que muito melhor entêde, & sête
 Que tudo quanto nesta tenho dito.
 He lembraruos q̄ viuo, & q̄ sou vosso
 Cõ dar razãõ de vos não ter elcrio
 Isto saiba Castillo, & Andrade nos.

C A R T A VII.

A Pero de Lemos Secretario da Mar-
queza de Alcaniſas, eſtando no
Porto, em repoſta doutra
carta ſua.

Lemos q̃ lã na praya do graõ Douro
A ſombra deſſa illuſtre, & real plãta,
Cantãdo eſtã cercado d'era e louro:
Sabe que minha Muſa ſe levanta
A reſponder à tua com graõ pejo,
A tua, que doce chora, & doce canta.
Ah quem me dera ſer qual me deſejo
Iã que naõ poſſo ſer qual me tu fazes
Pera melhor louuar o que em ti vejo
Ditoſa Luſitania, pois lhe trazes
Da tua doce patria doce rima,
Ditoſo tu, pois que te ſatisfazes.
No cume do Parnaſo, ou mais acima
Teu nome vãs erguendo, & tua fama
Lã ſoa entr'os q̃ Febo mais eſtima.
Abrandas do teu peito a viuã chama
Nõ ſuaue licor, que de Hipocrene
De Caſtalia, & d'aganipe ſe derrama
Eu inda que d'amor verſos ordene,
Iã mais pude abrandar ſua dureza,
Por mais q̃ delle cante, & delle pene,
Intam vſa comigo mior crueza, (mo,
Quando mais triftes lagrimas derra-
Toma por ſeu prazer minha trifteza
Dura fortuna minha, & duro chamo
Ao meſmo duro amor q̃ tal ordena,

E dura quem me defama, & tão amo.
 E sobre tantas penas mais me pena
 Não ver os raios claros, & suaves
 Que do sol a luz fazem mais serena.
 Sempre males d'aufencia foraõ graues
 Mas neste bosque mais q'noite, & dia
 Ougo as fontes chorar, cãtar as aues
 Nem o verde do campo, que sohia
 Descanso offerecer a meu trabalho,
 Nê já m'alegra a sôbra fresca, & fria.
 Saudade he ver o freixo, & o carvalho,
 Ver sempre correr rios, estar môtos,
 Saude as manhãs cheas d'orvalho.
 Das tardes os rosados Orizontes,
 Os olhos me detem na fauda de,
 Que d'olhos os cõuerte em viuas fõ-
 Enganase mil vezes a vontade, tes
 Figura â fantasia o que deseja,
 Amor me faz saber esta verdade.
 E assi cousa não vejo, em que não veja
 Aquella, por quẽ viuo è fogo ardêdo.
 Aquella, porquẽ morre amor d'inueja
 Li na bella vista olhos estendo,
 O tẽpo que me dura o doce engano,
 Depois doutros qvẽ não me desfêdo
 Ando criando forçã a meu danno,
 No vão deitã imagẽs fugitiuas
 Sem nellas querer ver o desengano.
 Brandas aguas dizeis, terras esquiuas
 Não vedes vòs em mi q' me mãtenho
 De sospiro: mortais, lagrimas viuas?
 Torno Lemos a ti, que te detenho
 Ha muito já na dôr dellas q'ixumes,
 Inda que dellas dito o menos tenho.
 Se pretendes louvar os claros lumes

C A R T A VII.

Da Musa Portuguesa doce & branda,
 Que d'amor té escrito altos volumes
 Lá tês o grande Sã, não Sã Miranda.
 De qué o mortal sò morte apagou.
 De qué a faina vna entre nós anda.
 O de Menezes digo, o qual honrou
 Cõsigo as nove irmãs, & tês seu filho,
 Que na brandura mais se leuanto.
 Tês o nosso Ferreira, & tês Castilho,
 E deus Andrades, todos luz do môte
 Dos quaes Febo, eu nã sò me marani
 Tês Syluia, tês Sylueira, q̃ na fõte (lho.
 Após Miranda se banharãõ logo;
 E porq̃ mais em outros não t'apõte
 Tês o de Portugal q̃ em claro fogo
 Dũ raro amor se vay todo abrazãdo
 Sem lhe valerem lagrimas, nê rogo.
 Destes teu doce canto vã soando
 Destes escuita tu o doce canto,
 Não de mĩ, q̃ já rouco é ferras ando.
 Deixame amigo Lemos entre tanto
 Que o triste tẽpo dest'ausencia dura
 A vida consumir em triste pranto.
 Aquella tenra planta, que segura
 No seu materno tronco agora crece,
 Em idade, em valor, em fermesura;
 O teu bom canto a celebrar comece,
 Seu nome se derrame, & por ti soe
 Onde s'encobre o sol, onde aparece.
 A lyra Calliope te encordoe
 Como a tal sogetto, o verso iguale,
 Dando a teu verso azas com q̃ voe.
 Sayada fonte a Ninfa, & pelo valle
 Cõ alua maõlhe colha as aluas flores
 O rio quedo estè, o vento calle.

sintão seu tenro peito dos amores .
 O doce, & honellto só, & nũca sinta
 Seus danos, seus receos, suas dores.
 Emfim o justo Ceo não te consinta
 q̃ empregues mais em mi, injustamẽte
 Tal ingenho, tal maõ, tal pena, & tin
 A tua branãa Musa, brandamente (ta
 Folha, flor, fruito, & sôbra de tais plã
 Celebre, louue, e cãte eternamẽte (tas
 A minha meu mal chore, êquãto cã-
 (tas.

C A R T A . V I I I .

Ao Padre Frey Agostinho da Cruz meu
 Irmaõ, quando tomou o habito

E M que te mereci, ò Agostinho,
 Que nesta escura selua me deixasses
 Tomando pera ti melhor caminho?
 Em que te mereci que me negasses
 Teu pansamento bom, teu bõ desejo
 Primeiro que do mũdo t'apartasses?
 Agora sinto, Irmaõ, agora vejo
 Que tinhas pouco amor peracomigo
 Sendo pera contigo o meu sobejo.
 Perdoa, se t'agrauo no que digo,
 Não te posso negar que sou humano
 E que da natureza a regra sigo.
 Faz, nesta parte, a dõr-à razaõ dano
 Não me deixa cuidar quãto acertaste.
 E como tudo o mais he puro êgano
 Se tu souberes là qual me deixaste,
 Não digo eu que t'arrependerias
 (Que nũca do bẽ feito atras tornaste
 Digo

C A R T A V I I I .

Digo que magoado ficarias (nho,
 Em responder tam mal â amor tãma.
 Que sepre em mi crecco igual cos dias
 De mi (sendo outro tu) fizeste estranho:
 Temeste q̃ t'empedisse cõ meu rogo
 Auenturar tampouco a tanto ganho.
 Temeste que enfriasse o nouo fogo.
 Em que se conuerteo outro, e q̃ arde
 De q̃ tamhẽ sou belle fazer jogo. (ste
 Enganastete a ti se tal temeste,
 Que por nenhũa via t'estoruara
 De conseguir a vida qu'escolhieste.
 Antes ten, aõ tam boa te louuara
 Outras razoẽs às tuas ajuntando,
 Cõ que nella inda mais te cõfirmara.
 Mas fora, tal sabendo, cõsumando,
 Pouco apouco minh'alma âdor q̃sẽte
 Tu mesmo ante maõ me consolando.
 Quiseste que sentisse juntamente
 Esta mudança tua, & pena minha,
 Que razãõ me daràs q̃ me contente?
 Triste do coraçãõ, quando a deuinha
 O mal antes de vir, fuy verdadeiro
 Nũs versos, que pera ti escrito tinha.
 Inda limando estãua o derradeiro,
 Quando tua triste carta me chegou,
 Chorada antes de lida foy primeiro,
 Cercado doutras dores me tomou
 Os olhos esfilando viuas fontes,
 Tudo isto mais em mim a recentou.
 Fuy suspirando sò por elles montes,
 As lãgrimas que disse naõ escreuo,
 Porque de tal fraqueza naõ t'afrotes
 Disto te naõ espantes, que mais deuo
 A tua saudade, & a mil lembranças,

Bem que desmayo agora, em q̄ m'êleuo
 Erguia já contigo as esperanças
 Têgora, como sabes, abatidas
 De muy pesadas mãos, leues mudãças
 A cousas que por mais q̄ são deuidas
 A todo bom espirito, he bem q̄ se; aõ
 Desprezadas de nòs, mas merecidas.
 Mil cousas per'a vida nos sobejão

E cem mil faltaõ pera avaydade,
 Pergũta aos q̄ mais tẽ, se mais desejaõ
 Se o mundo nos não anda à vontade,
 Não he pera estranhar, pois he hũ so-
 q̄ nũca cõ ninguẽ tratou verdade. (nho
 Se quando se nos mostra mais risonho
 Mais brãdo, mais amigo, o despreza-
 mos.

He graõ virtude, & á sua cõta o ponho
 Mas se (o q̄ he mais certo) o despreza-
 mos,

Despois q̄ nos engeita, & nos despreza
 Que premio, ou q̄ louuor d'isso espe-
 ramos?

Não cahirãs tu nesta certeza,
 Que tal espirito não se moueria,
 Nem d'apetite vaõ, nem de fraqueza.
 Inspiração do Ceo esta seria
 A que mouesse tu'alma, & a guiasse
 Ao mesmo Ceo, por tam direita via.
 Sempre triũte seria, se cuidasse
 Outra coula de ti, por não ficares
 Cõ mayor dõr, des q̄ tal dõr passasse.
 Em mudar trages, em mudar lugares
 Não consiste teu bẽ, teu bem consiste
 Em te despír de ti, a ti mudares.
 Se o mundo de que tu hora fugiste,

C A R T A VIII:

Te tornar a chamar com seus éganos,
Com vigoroso peito lhe resiste.
Lembrete a breuidade dos seus annos
Certos pezares seus, falsos prazeres,
E a grão pena dos eternos dannos.
Inda te lembre mais, que se quiseres,
Alcançar a virtude, a quem eu salto,
Não te carregues mais doq̃ poderes,
Sobese pouco a pouco ahũ môte alto.
Mais deicausadamente que correndo
Não cuides de leuareudo d' hũ salto.
O caminho muy chão te iram fazendo
Os bõs exemplos, a doutrina santa,
Que dũs seguindo iras, & doutros lèdo
Sempre em toda parte, a Deos leuanta
Tu'alma, teus desejos, teus intentos,
Por elle chora sò, a elle sò canta.
Não faças dontras cousas fundamêtos,
Da regra professada não desuias
As obras nunca, nunca os pensamêtos
Não te fies de ti, nem menos fies
Que te guie direito o que vay torto,
Toma guia fiel por quem te guies.
Faze conta que na vida andas; à morto
Pera que sempre viuas na diuina,
Passando de bõ porto, a melhor porto.
Recebe com amor a faã doutrina
Que com amor te derê, nem t'agraue
Esta que o mesmo amor adar m'êfina
Entrega do teu peito a Deos a chaue,
Tudo te serã facil tudo leue.
Toda tribulção, doce, & suaue.
A santa obediencia, que se deue
Estimar muito mais que a dignidade
Soberba, da tu'alma nunca a leue.

Mantalhe hũa simples humildade,
 E dellas com pobreza t'enriquece,
 Com pureza de vida, & castidade.
 Quem destas ricas joyas se guarnece,
 Nos olhos de seu Deos, com viua luz,
 E diante dos homẽs resplandece.
 Nos ombros da tu'alma toma a Cruz
 de Christo, em teu nome só não ande,
 Em cujo dia tu sahiste à luz.
 Se comprires com isto louuor grande,
 No mundo alcançaràs gloria no Ceo,
 Donde venha o socorro q' m'abrande
 Esta dôr, que me tanto entristeceo,

C A R T A IX.

Reposta do Padre Frey Agostinho
 da Cruz.

S E tanto penetrou tua dureza
 O som desse teu brando, & doce câto
 Que faria n'hũa branda natureza?
 Culpas o meu amor, & dizes quanto
 Me tinhas, muito foy, não sei se diga,
 q' tenho agora mais, sêpre, outro tâto
 A ley do Redemptor não desobriga
 A quem professou ser mais obrigado
 Daquillo que a razaõ humana obriga
 Se quis que nosso imigo fosse amado,
 Como não quererà que nosso amigo
 Seja no melmo amor auatajado?
 Não sinto que passasse mdr perigo,
 Pera carecer desta liberdade,
 Que desejar viuer sò là contigo.

C A R T A IX.

Tamanha força tinha a saudade,
 Da leue meninisse bem gastada,
 Aposa tua grãe mocidade.
 E tanto foy de mim mais estimada
 Sobre todas as mais esta esperança
 Quanto d'altos espiritos cobizada,
 Trazia pendurada na lembrança
 Que na vista dos bosques não paraua
 O gosto, doutra firme confiança.
 Assim tinhas em ti o que buscava
 Doutros, que se moueraõ d'interesse
 Cuja nodoa, a meu ver, tarde se lava.
 Meu mestre, meu irmaõ, ah, quẽ te desse
 Co essa tua voz cá nesta serra,
 Que tam altos côceit os não perdesse.
 Hora suaue paz, outr' hora guerra
 Cruel (mas necessaria) cantarias
 A quem diuino amor buscou na terra
 No pasto da tu'alma sentirias
 Doguras de tamanhas nouidades,
 Que tu mesmo de ti t'espantarias.
 Moraõ no sentimento estas verdades?
 Mal as pode dizer quem as não sente
 E peor quem sentio taes laudades.
 Das plantas que regou tua corrente;
 Outro fructo não tês, outro nã colhes
 Senaõ queixarte em vaõ d'esteril gête
 Acolhete a quem sempre te recolhes,
 Não faças doutra cousa fundamẽto,
 Mais boninas do cãpo não esfolhes.
 Guardar a ley diuina he mantimento,
 O ter menos do mundo mais seguro,
 O suspirar por Deos contentamento.
 Não temas que te falte no futuro
 A prouisaõ daquelle, que manteue


Com paõ celestial pouo tam duro.
 Muito mais tem de seu quẽ tanto teue
 De que lhe deu fugir dos que confiaõ
 Daquillo de que mais fugir se deue.
 Os lyrios do campo, que não fiaõ
 Vestidos de tamanha fermosura,
 Vejamos com os olhos que não viaõ.
 Do que não semeou na terra dura.
 O passarinho colhe com licença
 Do Criador de toda criatura.
 Tardar quero que julgues por offensa,
 E não sem to dizer pòr em effeito,
 Teu proprio parecer, tua sentença.
 Que guardados trazia no meu peito.
 Muitos conselhos teus, q̃ tu me deste
 Pera no torto andar sempre direito
 Lêbraraõme aquelles versos q̃ screueste
 Na tua Egloga antiga saudosa,
 Onde tanto a pobreza enriqueceste.
 Pois olha agora quanto mais fermosa
 Hũa alma por seu Deos pobre seria,
 E quant o nos seus olhos mais fermo
 Nesta nossa christã Filofofia (sa.
 O Senhor que de graça nos sustenta
 Diante foy de nõs, por nossa guia.
 Quem da pos elle vay na mör tormêta
 Mayor quietaçaõ, forças mayores
 Pera mais o seguir, mais acrecenta.
 Verdes plantas sombrias, aluas flores,
 Agoas, q̃ mansamente his murmurãdo
 Fermosos horizontes, nouas cores.
 Amor, que por amores suspirando
 Não pòdes repoufar senaõ ardendo,
 Amor diuino amor, meu amor quãdo
 A ti, de ti, contigo irei sostendo

C A R T A III.

Nos hõbros da minha alma atua cruz
 O Lyra no Letheo conuertendo
 Chamarei por Maria, & por Iesus.

C A R T A X.

Ao Padre Frey Thomss de Sousa, achã-
 dose entre Douro a Minho.

Diuino Preceptor da ley diuina, (do
 Tomàs, q̃ ao graõ Tomàs vãs imitã-
 Na vida, na profissaõ, & na doutrina.
 Se a occasiã que agora m'estã dando
 A guedelha na maõ, deixo passar,
 Quando a alcançarey? passa voando.
 A Tantalos me posso comparar,
 Rodeado das aguas, & da fruita,
 Que deseja, a que não pôde chegar.
 Qual com Alcides Anteo assi luyta,
 Meu pensamento nisto, mas que val
 Piquena força, contra força muita?
 Tal esse tempo he, a terra he tal,
 Que já não digo verte noite, & dia,
 Mas inda a isto me despejo mal.
 Que soy dos aluorocos, que trazla
 De lá donde s'espraya o rio Tejo,
 Ah quanto m'enganaua a fantasia.
 E quantos (cõ outros olhos) de cá vejo
 Enuejosos de mim, que sã de ti
 Não tenho mais que só desejo.
 Cuidaõ que m'enriquece, estando aqui,
 Dos raris doës, q̃ o Ceryarriocõtigo
 Ditoso fera, se isto fora assi.
 Mas desta terra mã, o  o inimigo,

De qualquer sombra vã, do vëto leue
 Levanta mil mentiras que não digo.
 Não basta que o bom faça quanto deue
 Pera do mau nã ser por mau julgado
 Bẽ sabes q̃ a malicia a mais s'atreue.
 Vou do que a leira foa desviado
 A'outro aluo tira a minha Musa
 Mais alto trago o espirito levantado
 A inveja raramente accita escusa,
 Pergũto, o peito ond'ãtra estã Megera
 Se louua o bẽ, se bẽ. & mal nã acusa?
 Caminho comecei porque podera
 A Satyra seguir mais que de passo,
 Inda que no melhor m'ancitecera.
 Mas não he tẽpo agora, volto o passo,
 Em silencio aqui quero esperar-te,
 Aqui onde sem gosto a vida passo.
 Em tanto (inda q̃ he erro em occuparte
 Cõ meu inculto verso es'alto spirito
 Dado a ligãõ mais alta, a melhor par
 Sofreme o q̃ disser, sofreme o dito, (te)
 q̃ inda q̃ rouco estou desejo, & spero,
 q̃ onde nã chega a voz, q̃ chegue o lei
 Que duro coraçãõ, q̃ animo fero (to,
 Te poderã ouvir que não s'abrande?
 Eu já des que t'ouvi isso sã quero.
 O soberbo em seus mandos se desmãde
 Descubra o cobizoso novas minas,
 Cada hum a seu gosto viva, & ande.
 He esta por ventura a ley qu'ensinas?
 Não mostras tu ser tudo vaidade
 Fõra do amor do Ceo, em q̃ t'afinas?
 Bem prégas a verdade de verdade,
 Eẽ de verdade guardas quãto prégas
 Os olhos s'ẽpre em Deos, s'ẽpre a vô-
 (dade.

C A R T A X.

Vejo este breue tempo, que te negas
 Ao pouo, ao Rey, & a ti primeiro,
 Quam bẽ o gastas cã, quaõ bẽ o ãpre
 Cõsolas o triste pay, q̃overdadeiro (gas
 Amor, o tornou tal, q̃ foy muy perto
 De ser na morte à filha cõpanheiro.
 Da magoada mãy o peito aberto
 Trabalhas por curar çauemente,
 Dando remedio a tudo tanto, e certo
 Deuida obrigaçõ à dõr presente, (cio,
 Deuida á natureza, & ao proprio offi-
 E ao amor paternal principalmente
 Quem não te louuorã tal exercicio
 Enxugar tantas lagrimas alheas,
 Fazer das tuas propías sacrificio?
 Qual bom cultor das almas q̃ grangeas,
 Despedes cõ viua luz a neuoa eicura
 Colhendo o fruito dellas, q̃ semeas.
 Assi d'hũa em outra criatura
 Guiando as vãs de cã desta baixeza
 Aquella antiga, & noua fermosura.
 Ditosa a que da flor, & da belleza
 Da rosa dagoa branda, & verde plãta
 De quãto enfim nos mostra a nature
 Ao Criador de tudo se leuanta, (za.
 E lá jã do mortal aborrecida,
 Nouos Hymnos no intimo lhe canta.
 Ô pura, ô descansada, ô santa vida,
 Mil vezes santa, & pura, & descansada
 E muitas mais de mim peor seguida:
 Se em todos meus escritos es louuada,
 Como te não abraçõ antes t'ẽgeito,
 Não es dos q̃ mais sabẽ mais preza-
 Tu vnico Thomás, em cujo peito (da?
 O bom saber repoufa, q̃ de s'entende
 Toda

Toda causa secreta, & seu effeyto.
 Mostrame este segredo; não s'estenda
 O meu juizo pouco, s'ó teu segue
 Se toma luz de ti, de ti aprende.
 O teu conselho aqui não se me negue!
 Não me deixes fimir nest' alto pègo,
 Pois não me pòdes dar a q' m'apê-
 Amor me mete nelle, não to nego(ene,
 Que sempre me leuou por onde quis,
 Cego deixei guiar-me doutro cego.
 Mil contas fiz co'elle, mil desfiz
 Todas feitas no ar, & em ar desfeitas
 O tempo que m'ensina, assi mo diz:
 A vida & alma a seu queter fogeitas
 Deixarão-se enganar de confianças
 Certas no vão; no crebro contrafeitas,
 Que me ficou daqui senão lembranças
 Tristes, cheas de dor, & sentimento
 Perda de tempo, perda d'esperanças,
 Porém não he piqueno fundamento
 Pera o fim q' pretendo conhecer-me
 Entregue à dor do arrependimento,
 Se isto pera, com Deos pode valer-me
 Co mundo porq' não? que não errou?
 Quem pode liu:emente reprêder-me?
 Desculpas são do vulgo, não ras do u,
 Por tal respeito não me desagraues.
 A culpa d'Eua a Adão não desculpa
 De cõdição humana he não ver traues
 É nossos proprios olhos, nos alheios
 Arestas leues nos parecem graues.
 Mas deixe a estada cham. figua rodeos
 O neceo, o perriaas seu mal fonte
 Cõ razões aparçes, cõ vias meios.
 Do seu parecer prousse se contenta.

C A R T A X I I

Todos os mais despreze, não entēda.
Que mais fia de si quem menos sente.
Eu não me queixarei que me reprecnda
O sabio, o virtuoso, o amigo puro,
E sēdo mister mais, q̃ a mais s'eskēda.
Ah que viuemos neste valle escuro
Como senão ouuesse vida eterna,
Ou qu'essa nossa cã fosse de juro.
Por agoas encharcadas, de cisterna
Trocamos as da pura & viua fonte;
Tão mal nossa vontade nos governa.
Não passarei daqui, temo q̃ afronte
Indo adiante mais; forças não tenho
Que bastem a subir tão alto monte.
Materia digna s'ò do teu ingenho
He esta que tocava; tu a trata,
Eu com agreste frakta, bē m'auenho.
Mil vezes cabe quem se não precata,
Quem a tudo o q̃ cuida solta a pena
Muitas cousas enseixa, poucas ata.
Mas se por dom do Ceo nelle se ordena
Que possa a minha, q̃ por ti sospira,
Escreuer algum dia mais sem pena.
O ingenho logo, a mão, o cãto, & a lyra
A teu louuor darei com melhor rima
Tal qual no pelto o d'outro Apollo
inspira.
Daq̃lles q̃ mais ama, & mais eskima,

C A R T A X I I

A Pero d'Andrade Caminha.

(do

A Ndrade a quē Fèbo afina & encor-
Com sua propria mão a doce lyra

QUE

Que tão doce, & tão bráda entre nos
 Escuita hũ triste espírito q̄ suspira (foz
 E chora sò consigo, o q̄ sò sente (ira.
 Hora de magoa cheio, outr' hora de
 Deixei o valle, & o móte, quis ver gēte,
 O tempo me forgou, quieto estaua,
 Da vida solitaria, jã contente.

Fingindo não temia, nem rogaua,
 O que me cumpre cá fãzet agora,
 Hum rosto tenho sò, hũ sò mostrava.

Os olhos hã de rir quádo alma chora,
 Vontades differentes entretendo (ra.

Cõ arte, & buscar tēpo, & esperar ho
 Eime de mostrar simplez no qu'entēdo
 No que não sey fazer me sabedor,
 Se quero ver o fim do que pretendo.

Pode ler mayor pena' ah graue dõr
 Pera quē sò cõ bosques tinha conta,
 Co gado, co a Ninfa, & co pastor.

Inda que com me ver me desafronta
 O que por armas tras o animal
 Por quē se pos Iasão em tãta afrõta.

Deste que tanto pòde, & tanto val
 Espero ver muy cedo conuertido
 O cobre meu em mais alto metal.

Se hão eysme outra vez logo escondido
 Nos valles, & nos mótes pedregosos
 De grandes, & pequenõs esquecido.

Cantarei pellos bosques faudosos
 A plãta, à flor, à fonte, à simplez aue,
 E às Ninfas, & faunos amorosos.

Não temerei o mao que la me agraua,
 Ouro não vendo là, nem vêdo prata
 Sentirei a pobreza menos graua.

Qualquer fruto da terra a fome mata

C A R T A XI.

A fonte não se nega; Ah viuer puro
 Onde do natural se viue, & trata.
 Se vés que por aqui não vou seguro
 Pello q̄ deue às Musas, ensine & guie
 O teu claro juizo ao meu escuro.
 E porque do melhor se não desuie
 Mostrame tu Andrade entr' esta gēte
 Algum espirito bom de quem me fie.
 Quē ontem me mostrou rosto contente
 Ia oje se me mostra carregado
 Em tudo do primeiro differente.
 Por graue ficar quer desobrigado.
 A me fauorecer no que pretendo
 De que palaura ja me tinha dado.
 Estes montes, & valles prometendo
 Sem nunca effectuar o prometido
 Querē q̄ o que não dão fique deuēdo.
 Mas eu como ja bem tenho entendido
 Quamanhos me fires saõ defingimeto
 Taõ bẽ lhes sei mostrar rosto fingido.
 E inda que com dôr, & sentimento
 Vendo que me dão causa de mentira
 Satisfazendo vou vento cõ vento.
 Mas sabe amigo meu que se me vira
 Na ribeira do Lyria donde vim
 Que de quanto câ choro là me rira.
 Outros se querein câ seruir de mim
 Em dar sétido a versos, se saõ versos
 Cs conjuros de Circe, ou de Merlin.
 Outros cõ nouos modos, mas peruerlos
 Querē de mim q̄ seus cõtrarios note
 De vis, ou d'Agarenos, ou cõuersos.
 Hũ quer q̄ lhe responda a hũ frio mote
 Diz outro q̄ lhe grosse hũ cantiga
 Mais cõfusa q̄ a torre d' Rembrote.

Que cuidas que m'importa esta fadiga?
 Cuidarem que me deixão satisfeito.
 Cõ dizerẽ não ha quem melhor diga.
 Parecete que tiro bom proveito
 Do trabalho q' passo, antes qu' a lyma
 Por bom aceite o verso, & o côceito?
 Vião sò do louvor da minha rima?
 Por ventura lho da quẽ não entende
 Se he digna de desprezo, se destima.
 Lho que sobre tudo mais me offende
 He tratar cõ Poetas que me pedem
 Que suas obras veja, & lhas emende.
 Que mude, ou risque os verlos q' proce
 Sẽ arte, & sã medida, liuremente, (dã
 Que poder pera tudo me concedem.
 Sendo a sua tensãõ muy differente;
 Que não querem emẽda mas louvor,
 Que d'emẽda não ha quẽ se contẽte.
 Ora louuaimẽ lã hum sem sabor,
 Menti, por gosto seu, se ter vergonha
 Da terra, nem do Ceo nenhũ temor.
 Enfim se m'adeser sempre peçonha
 O dõ que me deu Fôbo, aqui s'acabe,
 Desagora lholargo, em mão n'oponha
 De quem lisongear, & mentir sabe.

CARTA XII.

Ao Doutor Antonio Ferreira.

Ferreira meu, não meu que fosse dado
 Do Ceo às nove Irmãas, pera q' seja
 Postas por ti, no seu antigo estado
 Ouuir teu doce canto ja desejão
 Tejo, Mõdego, Douro, Neyua, & lyma

C A R T A XII.

Por onde o curso seu mais brando re-
 Dos quais senão farà menos estima(jaõ
 Que d'Arno, Mincio, & Pò, Sorga, &
 Sebeto

Ouindo em suas prayas tua rima.

Ouindo aquelle som brando, quieto
 Que vai fazêdo inueja ao q̃ o famoso
 Anfriso ouuia do pastor d'Ameto.

Rompe pois assi he o vagaroso
 Silencio, a q̃ sem causa vemos darte
 Solta teu verso já, tão amoroso.

Não tenha a vida cousa que t'aparte
 Do licor de Castalia, cristallino

Que pôde o q̃ não pode o mudo dar
 Se podera formar quãto imagino (te.
 Quando teus versos lèo, quãdo noto
 Nelles, o teu ingenho peregrino;

Sem temeremos meus a mão de Clòto
 Ficarião à fama encomendados

No templo de q̃ fuy sempre deuoto.

Mas não posso negar serem me dados
 Por ti do ceo fauores venturosos,
 Inda q̃ mal de mim remunerados.

Se me não dera ao mundo em tão dito
 Annos, de mim q̃ fora? que por ti (fos
 Espero de ter nome entre famosos?

Por mim nunca subira onde subi,
 Meu nome co a vida s'acabara,
 O mundo não foubra se nasci.

Confesso deuer tudo àquella rara
 Doutrina tua, q̃ me quis ser guia
 Do celebrado monte à fonte clara.

E por te deuer mais, se à luz do dia
 Te parecer que sayão meus escritos
 Na tua pena està sua valia.

As faltas, os sobejos, duros ditos,

O não guardar decoro, em pranto, é
 Enfim erros q̄ leuão infinitos. (rogo,
 Emenda, corta, abrandá, sintão fogo

Da tua ardente Musa, em q̄ s'apurê,
 E sendo dignos doutro dalho logo.

Ou acabem por ti, ou por ti dures;
 Seu fim, ou seu louvor por ti os figua
 De mim mais não esperê, nê procurê
 Poem ant'os olhos a sentença antiga
 Que não nacemos nós por nós sôs,
 Esta te moua agora, pois t'obriga.

Escreue, canta, ensina, porque dos
 Altos escritos teus nós ajudemos,
 E os mais que virão despois de nós.
 Não nos queiras negar já que te temos
 Por mestre desta Musa, o largo cáto
 Por onde cõ nossa honra nos guie-
 Que quãdo o meu vier a valer tãto (mos
 Que tenha pouca inueja ao q̄ moueo
 Plutaõ, a piedade, & Radamanto.

Cantarei teu amor, & amor do Ceo
 Por estes bosques cã, nestas môtañas
 Onde o bom Sã Miranda s'escondeo.
 Que là nê canto val, nem valê manhas
 As boas digo, as más bẽ sey q̄ valem,
 Que não sô estranhão já, nê sãõ extra-
 -nhas.

Ninguê não quer verdades, ou se fallê
 Desembusadamente, ou por figuras
 Por isso espiritos bõs sintão, & callê.
 Dm Selua escura andamos às escuras
 Sê ver do graõ Planeta, claro, & puro
 O lume que dà luz às luzes puras.
 O bemaueuurado o que seguro

C A R T A XII.

No campo viue, cõ seus bois iaurãdo
A dura terra com arado duro.

Ou vâ o louro trigo semeando,
Ou o monde?ou regue des; que nasce;
Ou cõ foucinha tarta o vâ segnãdo.

Ou em quanto no prado o gado pace
A videira, sem mimo, em frutuosa
Co aiemo sombrio elpose & abraça.

Ou em planta siuestre, & amargosa (do
Inxerte cõ destra mão, & ferro agu-
Outra de melhor gosto, & mais mimo

Bé se pode chamar ditoso em tudo (sa.
O que tamanho bem do Ceo alcãça
Que gasta assi seu tẽpo, & seu estudo.

De fortuna aduersa, aspera mudança
Não teme; nẽ dos homẽs mil enganos
Nos quais terse não deue confiança.

Nunca dana a ninguẽ, nunca vè danos
Que causem na su'alma tal tristeza
Que mais a linha veja o fim dos ãnos.

Goza dos puros doẽs da natureza,
De mil suaues fruitas, de mil flores
Que parte a Primavera cõ largueza

Não se queixa em vão de vãos amores.
Nẽ tẽ cuidados doudos quães eu tinte,
Quando sentia a dõr de suas dõres.

Finalmente que viue, ah, como viue,
Pois viue de esperanças, & receos
Tão liure, q̃ não tẽ quem o captiue.

Mas digo, por concluir estes rodeos,
Que confesso de mim q̃ tenho inueja
A quẽ de seus bẽs viue, & não d'alhei
Pelloq̃ rogo ao ceo, qu'inda me veja (os
Onãe possa viuer com liberdade
O pouco que da vida me sobeja.

Onde figua razão, negue vontade
 A minha, cõ as mais q̃ errado figuo;
 O trabalho perdendo a pos a idade.
 Ali não temerei do claro inimigo
 A mão armada, nê a lingua aguda
 Do maldizete, ou do fengido amigo.
 Ali a minha que tu vês tão muda
 Praticando entre aquelles aldeãos;
 Serà auida por branda, & não por ru
 Rirei ali de pensamentos vãos, (da-
 Dos qu'inchão dê soberba, & d'ira ce-
 gnão,
 Doutrous aquê cobica aleija as mãos.
 Rirei tambem dos q̃ por mar nauegão
 Pois q̃ por falsos bês, q̃ o tempo tira,
 A hũa fraca taboa a vida entregão.
 Sabe Ferreira meu, que se me vira
 Nesta tal vida já, em tal extremo
 Qu'isto, que sò desejo se comprira;
 Que não temerá tanto, quanto temo
 O que podê dizer meus versos lendo
 — Nos quaes inda do vulgo mal m'estre
 Aqui me diràs tu. s'eu isto entendo mo.
 Quê me manda meter nestes perigos
 Quando te do melhorvão mal dizêdo?
 Não te nego ser erro, mas d'amigos
 Me poê, cõtinos rogos, nesta afrôta.
 As obras medo ey serem d'inimigos.
 Mas eu com teu juizo tenho conta
 E com outros q̃ sei que delle pèdem,
 Os mais que digão bem, que mal, que
 monta?
 Sempre os que menos sabem, mais
 reprimem.

CARTA XIII.

Resposta do Doutor Antonio Ferreira

Fez força o meu intêto à doce, & brã
Musa tua Bernardes, q' o meu peito (da
Da nouo espirito, no fogo manda.

Como hum juizo queres, que logo te
Viue a tantos juizos, senao guarde
De tanto riso, & roito contrafeito.

Quão e mim mais das Musas o fogo ar
Tãto trabalho mais por apágallo (de
Quanto o silencio val, sabe te tarde.

A medo viuo, a medo escreuo & fallo,
E y medo do que fallo só conigo,
Mas jnda a medo cuido, a medo cal-
Encantio a cada passo cõ inimigo (lo.
De todo bom espirito; este me faz
Temerme de mim mesmo, & do ami-

gas nouidades este tempo tras (go.
Que he necessario fingir pouco silo
Se queres vida ter, se queres paz.

Vida em tanta cautella, em tanto auiso
Quando me deixaràs? quando verei
Huerdadeiro rosto, hũ simples riso?

Quando a mim me crêraõ, todos crêrei
Sem duuida, sem cõres, sem enganos
E eu de que; de mim mesmo seja rey.

A tantos dias tristes, tantos annos
Jcoudos pelios ares, em desejos
De fillos bês, & nossos môres danos,

Quem os deixa & foge, quão sobejos
Jaz parccê mais bês, q' os q' sã bãstãõ
Deixar de virtude os cegos pejos.

Quantos

Quantos as vidas, quãtos almas gastão
 Em buscar seu perigo, & sua morte,
 E tras elle seus jugos crueis arrastão.
 Aquelle viue sò, a quẽ coube em sorte
 O somnia franta, q̃ dos hõbros pède
 O mûdo desprezar cõ espirito forte.
 Toda minh'alma em desejar s'essende
 A doce vida, q̃ taõ doce cantas (de.
 Que quasi quebra a força q̃ me pren-
 Mas ajunta a mil forças outras tantas,
 Todas quebrarei eu, s'asas tiuesse
 Cõ q̃ chegasse ondẽ me tu leuantas.
 S'eu podesse õBernardez, s'eu podesse:
 Ser de mim sò senõor, eu voaria
 Onde do vulgo mais longe estiuessse
 Ali quãto docemente me tiria
 De quãto agora choro, alli meu cãto
 Liure por ares liures solitaria.
 Em quãto me ves preso amigo, ẽ quãto
 Sẽ espirito, & sã força, nã me chames
 Cõ teus versos, qua ti sò hõraõ tãto.
 Por mais q̃ me desejes, mais q̃ me ames
 Não empregues ẽ mim tãto cegamẽte
 Teus versos, cõ q̃ he bẽ q̃ Heroas afa-
 Mas tratarei contigo amigamẽte (mes.
 Do conselho q̃ pedes: Juizo, & Lyra,
 Tẽ em si todo o humilde, & diligẽte.
 Quẽ tanto a si mesmo ama, tãto amina
 Quã si se fauorece, & se perdoa (ma:
 Qu'espírito mostrarã em prosa, & r
 Taes são algũs (q̃ triste) a Era coroa. (tõ
 Roubada do vãto poucao claro espiri
 Qu'escõderse trabalha, & entãto mais
 Aquelle dã de si publico grito, (for.
 Este calla, & s'encolhe, o tẽpo enfim

C A R T A XIII.

Dū morto, immortal doutro faz o el
 A primeira lei minha he, q̄de mim(crito
 Primeiro me guard'eu, a mim não
 Nē os q̄ leuemente se me rim. (crea,
 Conheçame a mim mesino, sigua a vea
 Natural, não forgada; o juizo quero
 De quē cō juizo, & sē palxaõ me lêa.
 Na boa imitagaõ, & vso, que o fero
 Ingenho abranda, o inculto da arte,
 No conselho do amigo douto espero.
 Muito ò Poeta o ingenho póde darte,
 Mas muito maisco ingenho o tēpo. o
 estudo.

Naõ queiras de ti logo contentarte.
 He necessario ser hum tempo' mudo,
 Ouuir, & lêr somente qu'aproueita
 Sē armas, com feruor cometer tudo?
 Caminha por aqui, esta he a direita
 Estrada, dos q̄ sobē ao alto mōte (te
 Ao brãdo Apollo, as noue Irmãas acei
 De bē escreuer, saber primeiro he fōte,
 Enriquece a memoria de doutrina,
 De q̄ hū cante, outro ensine, outro te
 Isto me disse sempre hūa diuina (conte.
 Vós à orelha, isto entendo, & creio,
 Isto ora me castiga, ora n'ensina.
 Cad'hū pera seu fim busca seu meio,
 Quē não sabe do officio não o trata;
 Dos q̄ sē saber escreuē omūdo he che
 S'ornares de fin'oro a brãca prata (io
 Quãto mais, & melhor ja resplãdece,
 Tãto mais val o ingenho s'a; arte s'a-
 Xaõ prēde logo a plãta, naõ florece (ta
 cē ser da destra maõ limpa, & rēgada
 Co tēpo, & arte, flor, fruito aparece.

Questaõ foy ja de multos desputada(za.
 S'obra ẽ verso a arte mais, s'a nature
 Hũa s'ẽ outra val ou pouco ou nada.
 Mas eu tomaria antes a dureza (dou
 Daquelle q̃ o trabalho & arte abran-
 q̃ destoutro a corrẽte, & vã presteza.
 Vence o trabalho tudo o que cansou
 Seu espirito, & seus olhos algũ' hora
 Mostrarã parte algũa do qu'achou,
 A palaura que fac hũa vez fora (ro
 Mal se sabe tornar, he mais seguro
 Não tella, qu'escusar a culpa agora.
 V ejo teu verso brãdo, estylo puro, (ria
 Ingenho, & arte, & doutrina sò que-
 Tẽpo, & Lyma; de inueja forte muro.
 Ensinã muito, & muda hũ anno, ihũ dia
 Como ẽ pinturã o serros vai mostrãdo
 O tẽpo, despois, qu'o olho antes não
 Corta o sobejo, vay acrescentando (via.
 O q̃ falta, o baixo ergue, o alto mo-
 Tudo a hũa igoal regra cõfor- (dera
 A escuro dã luz, & o q̃ podera (mãdo.
 Fazer duuida aclarã, do ornamento
 Ou tira, ou poẽ, co decoro o tẽpera.
 Sirua propria palaura, o bom intento,
 Aja juizo & regra, & differença
 Da pratica apressada o pensamẽto.
 Dana o estylo às vezes a sentença.
 Venha tudo tão igoal, & tão cõforme
 q̃ ẽ duuida estẽver qual delles vença.
 Mas diligente assi a lyma reforme
 Teu verso q̃ não entre pello saõ (me.
 Tornãdo ẽvez d'ornallo, ẽ tão disfor
 O vicio q̃ se dà ao Pintor q̃ a maõ (sa
 Não sabe erguer da taboa fuge; a gra
 Tiraõ,

C A R T A VII.

Tiraõ, quando algũs cuidaõ q̃ a mais
 Roendo o triste verso como traça (daõ.
 Sê sãgue o deixaõ, sê espirito, & vida;
 Outro o parto, sê mais forma tras à
 Ra nascoufas ã fim, a tal medida (praga
 q̃ quãto passa, ou falta della he vicio;
 He necessaria a emenda bem regida.
 Necessario he (confesso) o artificio,
 Mas afeitado? empece à terra planta
 O muito mimo, o muito beneficio.
 As vezes o que vem primeiro, tanta
 Natural graça tras, q̃ hũa das nove
 Deusas, parece q̃ o inspira & canta.
 Qual he a lima cruel. q̃'inda vse & pro
 Em vaõ ali seus fios? deixe inteiro (ue
 O bẽ nacido verso, o mau renoue. (ro
 Naõ mude, ou tire, ou ponha sê primei
 Vir às orelhas do prudẽte, & espetto
 Amigo, naõ inuejoso, ou lisongeiro.
 Engana se o amor proprio, falso, incerto
 Tambẽ s'engana o medo da pralẽse
 Em ambos erro a, casi igoal & certo.
 Por isso he bõ remedio as vezes lẽse
 A dous ou tres amigos; o bom pejo
 Honesto, ajuda entãõ melhor avei se.
 Ali como juiz entãõ me vejo, (caio
 Sinto quando igoal vou, quando del
 Quanto doutra maneira me desejo.
 Quando eu meus versos lia ao meu Saõ
 Muda, dizia, e tira, lia. etornava (payo
 Inda, diz, na sentença bem naõ cayo.
 O que mais docemente me soava (nha.
 O q̃ m'enchia o espirito, por mau ti-
 E o que me desaprazia me louuava.
 Entãõ conheci eu a dita minha

Fu tal amigo, taõ desenganado
 Juizo. & certo, em q̄ confiado vinha.
 Quê d'olhos tantos lido, quê julgado
 De tanto imigo as vezes ha de ser,
 Connê tẽpo esperar, & ir bẽ armado.
 Isto me faz Bernardez meu temer

No teu como no meu; naõ val escusa
 Doe muito ver meu erro, & arrepẽder
 quê louua obõ? quê bõ e mau naõ acua
 Mas tu naõ tẽs razaõ de temer muito
 Assim t'alça, & te leua a branda Musa.
 Deixa sô madurar o doce fruto,

Hũ pouco; deixa a lima contentarse,
 Enueta, & escolhe entaõ o melhor do
 Eu ve!o cada dia acrescẽtar-se, (muito.

Em ti fogo mais claro, o ingenho teu
 Cada dia mais viuo levantarse;
 Entaõ daràs, com gloria tua, o seu
 Graõ premio às Musas q̄tal criaraõ,
 Vida a teu nome, qual a fama deu
 A muitos que da morte triunfaram.)

C A R T A XIII.

Ao Doutor Antonio de Castilho.

J A com muita razam Castilho pede
 q̄ quebre este silẽcio, hũ amor puro,
 O qual esta licença me concede.

Tomo a pena na man muito seguro,
 Que sei q̄ me leràs com tal pureza
 Que fique claro este meu verso escuro.
 Hum espirito gentil a quem despreza?
 Quando a bõdade s'ẽte dou o espirito
 Nam

C A R T A XIII.

Nam mostra entãõ mais sua gẽtileza?
Mil vezes a mim cã, me tenho dito
Que cuidarã de mim o bom Castilhõ
q̃ tanto ha q̃ lhe nam tenho escrito.
Se cuydas, por ventura, qu'inda o filho
Da branda Citharea, me sogigua
q̃ me desculpes nam me mara uilho.
Mas nesta parte jã, a sua antiqua (ma,
Virtude, em mim renoua o claro Ly
Que de cousas passa das desobriga.
A Ninfa que cantey em doce rima
Jã (dando ao Imineu consentimẽto)
Nam d' Amor d' interesse fez estima.
Declaro ẽ sõs dous versos, meu intẽto,
Digo que de tardar a culpa teue
O nosso começado fundamento.
Quando parti de là, lembrarte deue,
Que ficou o senhor do nosso Gouro
De me mãdar chamar ẽ tẽpo breue.
Logo como quẽ corre a hũgra tesouro
Em vendo seu recado, atras deixaua
A terra a q̃ dá nome o Minho, & o Dou
Na q̃lles verdes cãpos nam paraua (ro.
Do rio, ond'fermosa Madalena
Cabellos louros, & aluo rosto laua.
Aqui podera mais soltar a pena (jo,
Mas sẽpre espreita Amor, por mi ove
E nouo mal, nũ bem passado ordena.
Em fim que te chegar la ond' o Tejo
Com aguas de Neptuno se mistura
Nem descançara o pẽ, nem o deseio.
Mas ja q̃ tal naõ foi minha ventura
q̃ visse o qu'esperaua, perdox o erro,
E o descuido là, se podes cura.
Se naõ no voluntario meu delterro

A vida acabarei, já que naci
 Em idade de cruel, triste, & de ferro,
 Assim que se dum não. depois dum fi
 Gouro me não quer dar o desleixo
 Porq' mo des, o pode dar a ti. (annos
 Que ja me corro, & canso de anno em
 Andar d'húas em outras esperanças,
 As quaes todas acabaõ em meu dano
 Pode ser maior graça que as mudanças
 Do governo, & d'officios dessa terra
 Tambẽ me vão a mim pôr e balanças?
 Não he meu natural o valle, & a serra
 O rio, o bosq', o monte, o verde prado
 Onde não ha cobiça, onde não ha guer-
 Não pretedi eu sempre e sossegado (ra
 Ocio, ouu ir as brandas irmaãs noue
 Cantar ora o presente, ora o passado?
 Se posso lograr isto, que me moue
 A querer contrastar cõ minha sorte,
 q' não consente qu'outravida proue?
 Dirás que tudo vença hú peito forte,
 Dirás que nunca den a molle vida
 Nome q' dure mais despois de morte.
 Que são razões muy claras que duniã
 Mas q' queres Castilho q' mais faça,
 Não tês tu a verdade bem sabida?
 Os versos q' por meus andaõ na praça
 Se os o rico lè, não me conhece,
 O pobre qu'aproueita se m'abraga?
 Quando cuido q' acaba, entãõ mais cre-
 A causa de queixarme, mas de que (c e
 Do tempo sò q' mal me fauorece.
 Os que podem dirãõ q' conta tẽ (nada
 Com meus queixumes, q' lhes não dá
 Quer louvores lhes dê, quer lhos não

C A R T A XIII.

Eis logo esta razão sua aprovada

Dó necio, ou li sógeiro, eis logo a mi
Inda q̄ melhor seja condenada. (nha

Não olhaõ qu' Alexandre inueja tinha
Não dos feitos d' Achilles, mas d' Ho

Porq̄ dellecãrou comocõuinha (mero

Se os escritores não culparaõ Nero,

Quem podera saber sua crueldade?

Eneas pôde ser que foy mais sero.

Das Musas o rigor, ou amidade (nos,

De fama escura, ou clara nosfaz dig

Ou seja com mentira, ou cõverdade.

O ditosos espiritos peregrinos

Quê vos nã ama, & teme, nã entẽde,

q̄podeis dos mortaes fazer diuinos.

Com força que do tempo se defende

Hũs pôdes no Inferno, outros no Ceo

O vosso poder tanto s'estende.

Que mais à Poesia mereceo

Iupiter, que Plutão, eraõ irmãos,

Vejaõ ond'hum sobio, ou deceo.

A causa disto foi ter largas mãos,

O que ficou acima dos Planetas,

O outro rinha os dedos mais villaõs.

Differa maravilhas dos Poetas

A muito pouca custa da memoria,

Mas pera q̄, pois te não saõ secretas?

Pesame não poder em noua historia

Dos Lusitanos Reys a imagem pura,

Leuar ao tẽplo da immortal memoria.

Não por falta d'êgenho, & inuencão ra

Estilo, & arte, q̄ Febo é tal sogeito (ra

Desusados conceitos m'inspirara.

Mas sabes de que nace este defeito (sto

De não ver neste tẽpo hũ nouo Augu

A quem tão bõ trabalho seja accito.
 Logo necessario he, não digo justo
 Negarme a meu desejo, por buscar
 Couza que a pobrevida faça o custo.
 O mais fuja de mim, leuẽ ao mar (tollo
 Os seus tesouros, Tejo, Hermo, & Pa:
 Quem não cobiga he bõ de cõtetar.
 O Principe, ao Poeta. é o seu Apollo,
 As suas asas são, gosto & fauor,
 Co estas voará do Pollo a Pollo.
 A quẽ isto falece, òlhe melhor (vellas
 Em tão grãõ mar não dar ao vento
 Antes sem fama fique, & sem louuor.
 Do que toca a mim sò duas nouellas
 Inda que muy vulgares, contarei,
 Se as não queres lér passa por ellas.
 Ah quanto s'auentura (isto direy
 Primeiro) quem escreue sem receo
 Fazendo de si mesmo sua ley.
 Tenhote por amigo, & temo, & creio
 Que! a meus versos lès cõ pesa dúbre;
 Isto julgo de ti pello que lèo.
 Que mil vezes (tal he nosso costume,
 On nõssa natureza) o bõ me cansa,
 Outras lèrei do mao ù grãõ volume.
 A couza nesta vida sem mudança?
 Por ventura a vótade; qual he folha
 Leue, q̃ mais ó som do vento dança?
 Quem não quizer errar, antes escolha
 Callar, ou se fallar vã sobre auiso
 Que sempre com bõ tẽpo se recolha.
 Mas óde me leua a mĩ meu pouco siso,
 Não vejo q̃ da regra q' eu estou dando
 Tãõ desuiado vou? q̃ grande riso.
 Enfim às duas fabnlas tornando

Ou tenha

C A R T A XIII.

Ou tenha nellas grãsa, ou seja frio;
 Irei quanto pòder abreuiando.
 Hum cão, passando hum dia por hũ rio
 De cristalinas agoas, & correntes
 Diuisa por razão defer no Estio.
 Dũ osso duro, qu'antre os duros dètes
 .. Leuaua atraueffado, a sombra vio
 Naquellas frescas agoas trãsparètes.
 Cuydando ser outro mdr a boca abriu
 E por querer tomar a presa van
 Acerta na corrente lhe cayo.
 Mas que me diràs tu da q̃lla raã (cendo
 Que vèdo o boy no prado andar, pal
 Chamou hũa filha sua, ou sua irmãa;
 E disse-lhe eu espero, s'emestendo
 De ser tamanha como este animal,
 E começou d'inchar, & foi crescendo.
 Amiga inchares muito, pouco val
 (Respondeo a que vèdo) certa ellou
 Que não lhe podeis nunca ser igoal.
 A douda da reposta não curou
 Antes inchou com tanta força tanto
 Que não cãbendo em si arebentou.
 As outras em lugar de fazer pranto
 Riraõ da presumpção desta standia,
 De rirem, & sombarè não m, espanto;
 Alem de ser costume, merecia
 Tamanha vaidade qual foi esta
 Fazerem della grande zombaria. }
 Iã te vejo Castilho fazer festa
 Vendo que pouco tempo te detine
 Na fabula passada, & pouco nesta.
 O fundamento d'ambas, s'algun riue,
 A teu juizo o deixo; mais não digo
 Vive Castilho meu, felice xiue,

O Ceo seja cortez sempre contigo.

CARTÁ XV.

A Christouão de Tauora.

E Sperando q̄ desse o tempo leue
 Algũa:ocasião menos pesada
 Onde pagasse o verso.o que vos deue;
 O que deue Senhor, à desusada
 Bondade de que vsais, q̄ gèralmente,
 Obriga ser de todos. celebrada
 Foy o seu proceder tão diferente
 Do que nas apparencias prometia
 Que ja delle não sei que me cõtente,
 Mas pois (com perda minha) me desuia
 D'hõnar cõ vosso nome hũ cãto ledo
 Ao menos honrarei esta Elegia
 Corrido de não ser isto mais cedo
 Por esta razão que digo inda agora
 Por outras q̄ não digo e sereno a me
 Os escritos que saem da mão fora (do.
 Tantas sentenças té, quãtos ledores,
 Assim Miranda o canta, assim o chora,
 Sèpre averdade achou murmuradores,
 A mentira que dana, & isfoagea
 Sèpre (em pouco saber) grandes fauo
 Em idade senhor de magoas cheia (res.
 Acabei de saber (pera môr magoa)
 Que no vento escreui, fundei n'areza.
 Assimame isto a dõr, como na fragoa
 O fogo mais se autua, & se levanta
 Quãdo por cima delie espargẽ agoa.
 Ah se por mĩ suspira, à relua, & a plãta
 Da ribeira do Lyra saudosa
 q̄ fazo? porqu'espero? que m'encanta?

C A R T A XV.

Não se mostra na serra alta, & fragõsa
 A noite mais quieta, & mais serena?
 A manhã mais rosada, & mais fermo-
 Que ventura cruel tal vida ordena, (sa?
 Depois de ter tá pouca ã tãtas vidas?
 Que culpa a tal miseria me condena?
 Pretẽdo por vêtura, as maos de Midas?
 No mando, na valia ser primeiro?
 Ou cuido q̃ me são Palmas diuidas?
 Cos bens de q̃ meu pai me fez herdeiro
 Iûtãdo pouco mais da fome ã Mayo
 E do frio me rira no Janeiro.
 Vos da planta penea, que do rayo
 Não teme vossõ fogo, digno filho
 Se na conta que faço bem naõ cayo.
 Dai hũ pouco de vós, ao bom Castilho
 A razão vos darã destes queixumes
 Que de não lerẽ mais me marauilho.
 Pois influem em vos celestes lumes
 Benina condigãõ, auiso puro,
 Valia sem igoal, tantos costumes.
 Pois nella (com razaõ) estais seguro
 Dos fauores réaes, co bem do pouo,
 Fazei ã cega iuueja hum forte muro.
 Se pobre de sciência a lingua mouo (de,
 Desculpa esta lêbrança, amor, verda
 q̃ nisto, como nosã nosnão são nouo
 Que cousa se defende a longa idade?
 As colunas o digãõ, os tropheos
 As estatuas qu'ergueo a antiguidade.
 O louuor que se ganha pellos meos
 Da virtuosa vida; este só dura,
 Este de se perder naõ tem receos.
 A fama na virtude estã segura,
 Por onde vossõ nome, & vossa fama

Subirá cada vez a mór altura.

Nem sabe o grande Rey porq̃ vós ama,
Bé vê cos olhos d'alma o fogo caro
q̃ vosso peito em seu amor inflama.

Ah, soberano Rey exemplo raro
Do mais estranho esforço qu'ê terra
Tegora celebrou ingenho claro.

Christo co vosso braço fará guerra
A todo imigo seu, & o torpe Mouro
Largando vos hirà o valle, & a serra.
Vos colhereis aquellas magãs de ouro
De tanto tempo já, tanto guardadas
Do vencimento seu fatal agouro.

E mil bandeiras vossas armadas
Em mil torres vereis, & muitas mais
A quem vos resistir vereis tomadas.

Os vossos de quem tanto confiais
Naõ duvidaõ empresas duuidosas;
A vitoria vos chama qu'esperais?

As villas, as cidades populosas
vereis meter a sacco, a ferro, & a fogo,
As rendidas a vos serã ditosas.

E se chegar ao Ceo meu justo rogo
Tal estilo darei a taes vitorias
Que das grandes antigas façã jogo.

Day materia graõ Rey a mil historias,
A mil poetas dai nouo sogeito,
Mil penas estancai, & mil memorias.

O caso a vossos pès vejo sogeito
A fortuna rendida a vosso espirito;
O mundo pera vos he inda estreito.

Mas onde me fuy eu, que tenho dito
Ou que podem dizer de tão graõ Rey
q̃ não tenha mais d'elle o Ceo escrito?

Tornando em fim Senyor, onde fiquei
Do

C A R T A . XV.

Do graõ furor de d' Apolio arreata
 Cujos são effei verfos q' auctei. (do
 Disse que por amor eris amado
 vendo que vos amava, q' voffo amor
 andar sã de feu gosto pendurado,
 Que mais queceis que diga, q' louvor
 A este jantarei, que tanto valha?
 Ah, que me perderei se auante for.
 Em vão apara a pena, em vão trabalha
 Quê presume louvar mais digna par
 Isto, q' vido estou me uerso atalha. te
 Mas com real fauor o ingenho, & arte
 Pode d'homẽsmortaes fazer diuinõs
 Assi fizerão Iupiter, & Marte,
 Assi vemos no Ceo os doze signos?

C A R T A . XVI.

A Francisco de Sã de Mençses, depois
 que viu de captiuo.

I Illustrissimo Sã, a quem concede
 O Ceo todas as partes q' a virtude
 Pera formar hum raro espirito pede,
 Antes que a occasiõ a fronte nũde
 Mercça (por vos sã) o que tegora
 Por outrẽ, nẽ por mĩ alcançãr pude,
 Assi de nouas cõres pinte flora

Do verso brando Lefã a verde praya
 õ de rindo amanhece a fresca aurota.
 A mão Senhor me dai pera que saya
 Do peço da miseria, onde me vejo
 Antes que sem remedio o fũdo caia,
 A muito naõ s' erẽde o meu desejo, (to
 Nẽ presumo de mĩ q' em voffo estrei-
 Recolher voffo d' alma, o d' pure, & do
 200. 6. Cuyda

Cuydo que julgareis, tendo respeito
 A Clio, a Calliope, & a Tullia,
 q̄ pode em mim caber, hõra, & pro-
 Cruenza, ou pior mal ey q̄ seria (ueito.
 Faltarme em Lusitania paõ, & pano,
 Como s̄inda estiuessẽ em Berberia.
 Em tempo que no mando soberano
 Vos coube (cõ razãõ) a melhor parte
 Por bem do triste Reyno Lusitano.
 Tornei ledo por vós aquella parte
 Onde cantei de Syluia brandamente,
 Restaurando do mal q̄ me fez Marte.
 Ally vos cantarei mais altamente
 Ao só do murmurar da ronca fonte
 O que Apollo aqui não me consente.
 Darei ao patrio Lyra, ao valle, ao mô:te
 O fim da breue vida que me resta
 Que bem se lã me vi: leuo q̄ conte.
 Fazei conta Senhor q̄ el Rey m'ẽpreza
 A merce, & a honra que pretendo
 Ch il tẽpo vola, i vnhora non s'arre-
 E depois que podẽis, fauorecendo (sta.
 Como fizestes sepre, os q̄ não podem
 Porq̄ vos fique mais o Ceo deuenido,
 As merces aos seruisos s'acomodem
 Acodindo com tẽpo ao pobre affito,
 q̄ ao arco, a quẽ mais todos acodem.
 Materia deu o Ceo, a vosso esvirito
 Pera se nos mostrar tal na largueza
 Qual sempre na virtude, qual no scriã
 Não negua a vossa brãda natureza (to.
 Os olhos a ninguẽ, não negua ouui-
 A ninguẽ dã motiuo de tristeza: (dos
 Os da fortuna menos conhecidos
 Estes achõo e vos n. iscerto emparo,

C A R T A XVII.

Estes são mais de vos favorecidos.
 Mas eu a que declaro o que está claro?
 Quem me diz q de graças peregrinas
 Não foise todo o mundo exēplorar?
 Enfim as vossas partes demais dignas,
 Mal as pôde cantar a minha Musa
 A bosques dadas & a fôtescristalinas.
 A qual là bnd'o sangue de Medusa
 Na terra produzio toda peçõha
 De lagrimas se fez ou:ra Aretusa.
 O faz que da mão a pena ponha
 Ist Que tudo o que disser de vòs agora
 Em lugar de louvor serà vergonha.
 Mas se deste cuidado me vir fora (so
MA vòs darei meu cãto, & a gosto vos-
 A que vos deu a terra, & no Ceo mora.
 Aquelle Santo velho (assi lhe posso
 Chamar ousadamente a boca cheia)
 Que tanto nos honrou o tēpo nosso.
 Que pera tal sojei to noua vea
 Apollo me darà, & lyra branda
 Com que no seu Parnaso se recrea.
 Mas em quanto meu espirito alheo ãda
 Do soscego que pede bom sojeito
 Accitai com amor. o qu' amor mãda
 Do mais q dãbos guardo no meu pei
 (to?

C A R T A XVII.

De Jorge Bacarrao Aragones, estando
 por Alferez em Ponte de Lyra de hũa
 companhia de soldados, donde me es-
 creuco, estando eu na Ponte,
 da Barca.

Discreto Alcido cujo d. e canto

A Lymá eternizô, en la memoria
 De quãtos cubre el estrelhado mâto.
 A Syluia neste mundo diste gloria
 Embidia a quiẽ tus versos ha' leydo.
 Y a ti de lós Poetas la vitoria.
 De my te sè dezir, que compelido
 De la suauidad de tu eloquencia
 T'escriuo acobardado, y atreuido.
 Cobarde por qu'estoy corto de sciência,
 Atreuido, y tenaz, porqu'he osado
 Poner esta pobreza en tu presençia.
 Acordome a este punto del amado
 Pueblo de Dios, quãdo la mor dedura
 De serpientes, le truxo atribulado.
 Que Moyses para dar al daño cura
 Leuantô de metal vna serpiente
 Que curauan mirando esta figura.
 Yo lleno de ponçoña d'imprudente,
 Espero qu'en mirando carta tuya
 Quedarẽ castigado, y suficiente.
 Y porque my desseo se concluya
 En fè daquella qu'al amor tenias
 Al tiempo q' tambien Syluia fue suya.
 Y por los claros ojos do te vias,
 Y aqllas manos d'alabastro, y petho
 A quien tanto regalo offerecias.
 Te pido, aunq' vaya el tiempo estrecho,
 Y aunq' t'ocupe lo que mas cõuiene.
 Hagas a este tuyo este prouecho.
 No pido mäs q' a quien todo lo tiene
 Pedirle poco es mengua del q' pide,
 Ni pido mucho mas q' me conuiene.
 Tu juizo que al mas sobido mide
 Me darà lo que sabe que merezco,
 Y aquel pondrẽ yo do no s'oluide

Y por my alma, corazón q̄ ofreco
 Que lo que my juyzo n̄ merece
 Por virtud en ty, lo remeresco.

No escriuo lo que aqui se nos ofrece
 Porq̄ todos los pechos s̄o de piedra
 Pues ny amor, ny valor los eternece.

No se pega aqui al muro verde yedra,
 No ay sino crueldad lisa, indomable
 q̄ el q̄ mas la procura menosiniedra.

Pues quando alguna viene a ser affable
 Dura tampoco, q̄ con mucho miedo
 S'antretiene algun tiẽpo cõuersable.

Como el tiẽpo en vn ser nũca estã que
 Trocõse aq̄lla era fertil, quãdo
 Cantaua Alcido en el corbo penedo.

Por my contento estoy te contẽplando
 Sentado en vna peña, y con tu llanto
 A los que te oyan ablandando.

El ayre bulicioso el entretanto (tes,
 Sofcegando, y del rio sus corrien-
 Gustando la dulçura de tu canto.

Contemplo mäs de aqui q̄ si las gentes
 Tuuieran de tus partes, mäs indicio
 Nõ cupieran en Lyra los oyentes.

No es hablar en lisonja, ny artificio
 Que despues que tus obras he leydo
 Eres a my desseo el mäs propicio.

Y no entiendo qu'en esto è merecido,
 Que q̄rer mucho no es imerecimiento
 A quien tan digno es de ser querido.

Ny quiero hazerte mäs ofrecimiento
 Pues no me queda cosa q̄ ofrecerte
 q̄ no te lã aya dado el pensamiento.

El desseo de hablarte, y conocerte
 Illustre Alcido cumplirẽ muy breue
 Pue

Pues tengo tan cūplido el de q̄rerte.
 Y aun q̄ cobrar licencia no es muy lieue
 En dandome la tuya, la licencia
 No ay Rey, ny Capitā q̄ no lo aprueue
 Y porque carta larga, & corta sciencia
 Es cosa dignamente aborrecida,
 No digo más, la sūma omnipotencia
 Te dē salud, descanso, y larga vida.

C A R T A XVIII.

Reposta a Jorge Bacarrao.

S. Pírito valeroso que de Marte
 Sigues, cō honra tuya, las banderas
 Dando a Febo de ti la mejor parte.
 No pudiendo llegar a do m'esperas
 Vsarā del silencio acostumbrado
 Si tu a poquedad no lo tuieras.
 De tu suauē Musa soy forçado
 A prouar si merezco en la respuesta
 Los loores injustos, q̄ me has dado.
 De no te responder con mano presta
 Es culpa del dolor que l'alma mia
 Aflige de continuo, y la molesta.
 Despues daquel horrible, y fiero dia
 q̄ con mis ojos vi de sangre humana
 Hartarse, la sedienta Berberia,
 Siempre me parecio la gloria vana
 Que dy al Patrio Lyra con my cāto
 Entre gente plebea, y cortesana.
 Penetrò en my pecho el daño tanto
 Que me dexò sin gusto, y sin sentido
 Para tratar sino de quexa, y llanto.
 Ya no soy, dulce Tyrse, aquel Alcido
 Que cantando de Syluia los amores

C A R T A X V I I I :

¶ Hazia parar las aguas del Oluido.
Ansi llaman antiguos escritores
A Lyra, que por ty de mi s'oluida
Y sus orlas matiza de tus flores.
Qual Ninfa de las suyas mas querida
Por m'âs bella que sea, por m'âs dura
No tienes con tu canto enternecida?
Puesto que de amor con hermosura
Fue siempre my sujeto en su r'ibera,
Mas quien a do nacio tuuo ventura?
De buelo se passò my Primavera
El Otono se vâ tras el Estio,
No sê del cano inuierno q' s'espera?
La licencia que pides Tyrse mio
A my la daré yo de parte tuya
Que hino m'âs señor de my alu'drio.
Antes que d'antre manos se me huya
A quella que de sus rubios cabellos
Solo puede adornar la frente suya.
Mas como te veré sin ver aquellos
q' my Syluia peynaua en my preséncia,
Quando my coraçon colgaua dellos.
Estoy llorando ya la diferencia
Que veré nessa parte, en toda cosa
Despues de vna tan larga, y triste an-
El tiêpo q' jamas nunca reposa (sencia.
Que dexa sin mudança en este suelo?
Que resiste a su mano poderosa?
Pero muy a pesar de my recelo
Espero de cumplir lo que desleas,
De no lo cûplir ya mucho me duelo.
Razon es que te vea, porque veas
Quan poca razon tienes d'alabarme
Por m'âs q' con amor mis versos leas.
Si yo quisiessse dellos gloriarme

Qu'en no me lo tendria a deuanco?
 Que se lo bostaria a' desculparme?
 El loor que merecen bien lo veo,
 Y veo lo mejor los tuyos liendo,
 Que seran de my nòbre alto trofeo.
 Por mil agenas manos descurrendo
 Que tales a las tuyas llegarían?
 Aunq' tu lo callas, yo lo entiendo.
 Los que por su plazer los escreuián
 Hurtandose de my que los llorauán
 Descuydos a mis yerros añadian:
 Porque a la verdad yo no pensaua
 Que jamas se pudiesse hazer estima
 De cosas que my Syluia no estimaua.
 En fin la palma sea de tu rima
 Que vencido me dexa, mas vfanol
 De la gloria que dàs a nuestro Lyma.
 Que si my pensamiento no es vano:
 Mientras de claras aguas abundoso
 O pobre dellas fuere al Oceano.
 Por ty serà mas claro, y más famoso.

C A R T A XIX.

De Iorge Bacarrao.

(ageno)

Nunca el tierno Pinpollo, en tronco
 Enxerido, así pega, ny encorpora,
 Ny con más gana dio el sudado cenno
 Cansado Sefalo, a la fresca Auroia.
 Ny donde Guadiana và mas lleno
 Dieron tan dulce dia, y fertil hora
 Cò la buelta de Troya, Mermidones
 Como en el alma: mia tus razones.

C A R T A XIX.

Fuera de pecho flaco, y pusilanimó
 No daries sitio en la voluntad íntima,
 A razones de pecho tão magnanimo
 Y a ocasió de gozo tan legitima. (mo
 Nuevas fuerças me dio, y nuevo ani
 Tu carta alcido, y pronechosa Pitima
 Cõ q volui en salud, y el color palido
 En rosicler, y el frio pecho calido.

Tu materia en my alma a ssi reposa
 qnunca tuuo en lazo mas estrecho'
 De la amada hija piadosa (pecho.
 (El viejo hambriento) el abundante
 Porq a demas de serme muy gustosa,
 Tenia por gozar todo el prouecho
 En el frasis los labios embebidos
 Y en la sentencia el alma, y los sen-
 (tidos

Estoy de my osadia auergonçado
 Vista la habilidad esclarecida,
 El verto limpio, el estilo limado
 En que tu carta viene guarnecida:
 Nunca seruicio fuer tambien pagado,
 Ny tan grãde merced tãmal seruida,
 Pagasteme el seruicio del villano
 Con real gusto, y generosa mano.

Quanto más obligado estès al llanto
 q al cãto auiendo visto aquel estrago
 q al viejo, y al nuevo mũdo puso espã
 Y suspedio las aguas del grã lago, (to
 Concedolo, mas no por esso el canto
 Dexa d'excitarse oy en Cartago
 Con ser sus vexaciones infinitas,
 Ny le olvidan presos Isra ditas.

Ny tu en tu patria fertil abundosa
 Es justo que conuiertas en lamiento
 La cancion mas discreta, y amorosa
 Qu'alcanzar puede humano entendi-
 Y tal habilidad estar ociosa (miento,
 Merece culpa, pero no escarmiento
 Si es la ocasion solo conmigo
 Que en estas cosas siruo de testigo.

Soy lo de lo que vales, y has valido
 Y serè de tus obras pregonero,
 Si como escriues ya no eres Alcido
 Dirètcò grã verdad qu'eres Homero.
 Y en temer q' l'ausencia traya oluido
 En esta tierra no eres el postrero;
 q' por nuestros pecados conocimos
 A Lyra, los qu'en torno residimos.

Estraño effecto de licor violento (storia
 Nunca escrito en nueua, ò vieja hi-
 Qu'a los hõbres aumeta el pensamiẽ
 Y en las mugeres quite la memoria (to
 Si en las aguas vuiera entendimiẽto
 Creo yo que tenian esta vitoria
 Guardada al natural q' nel la habita,
 Pero veola en todos infinita.

Dichosa Lusitania, que vencida
 Del vencedor te has hecho señora
 Entiendo que no fuiste conocida
 Que a sello siẽpre fueras vencedora.
 Permitio la fortuna esta cayda
 Para hazerte del mundo protectora
 Y para qu'entendiesseñ Castellanos
 Quẽ fertiles, y hermosas sũ tus manos

C A R Y A XIX.

Finalmente jha querido hazer notoria
 L'hermosura q̄ en ti estava ecerrada,
 Y esto no sin alguna vana gloria,
 Y desseo de verse respectada,
 En el campo a los vnos dio victoria,
 Y a penas esta estava declarada (ciz
 Quando entregó al vencido su potē-
 Cū mas victoria, triūfo, y excellēcia.

Y ty la castidad està apurada,
 Y en su punto y vigor la lozanía,
 En ty està Deanira bien casada,
 Y Helena que de sello se desuia.
 En ty està Hero muy enamorada,
 Y la que por no sello, en Nicosia
 Al fuego se entregó tãbien Incredia
 De quien discretos dizen q̄ fue necia.

No falta aqui Iudich, ny la inuentora
 Del sepulchro en el mūdo mas nōbra
 No falta Ioāna, que Felipo llora (do
 Ny la que por tenella le à olvidado,
 Ny falta my enemiga, y my señora
 De quiē soy natural clima y treslado
 La reyna cuyo reyno riega el Nilo;
 Y la inconstante dama de Troilo.

Venus alfin reside en esta parte
 Con toda su bellissima quadrilla
 Aqui sigue el venerco estadarte
 La hermosura, q̄ al mūdo maravilla
 Pero a Vulcano quierē ya, y no ama
 Ny Adonis, la ocasiō he de dizilla (te
 q̄ ay faltade galan s, mas no quieroe
 Derte Alcides nojoso verdō eroj

Que quando Lusitania no tuuiera
 Mas prendas de valor q̄ ferte madre,
 Por esta sola el lauro mereciera (dre
 Del roxo Apollo, y de suhermana, y pa
 Mas podrase dezir, q̄ en esta era
 Ya que al gusto aya cosa q̄no quadre
 Quedarà si se junta alli al sentido
 La memoria de auerte produzido.

De suerte que has venido a ser amparo
 Y escudo de las faltas de tu tierra,
 Tambien te ruego yo Alcido caro
 Lo seas deste tuyo è paz, y en guerra.
 En aquello que Apollo me fue auaro
 q̄ del gremio discreto me destierra,
 Te suplico me des fauor, y ayuda
 Porq̄ la mordaz lègua quede muda,

Ya lo deuia estar aquesta mia
 Sino quiere tan cõorta la paciència
 Como ella es larga, pero desuaria
 Con el ardor de barbara opulencia
 Si la extra facie calua so desuia. (cia
 De tus manos, acà està en my presen
 Mas si en dexar gozarte no està pue-
 Suplicote no oluides la respuesta (sta
 Tyrse d'Alcido.

C A R T A XX.

Resposta do Autor.

Si cosa alguna del terreno assiento
 Por oculta que sea, o conõcida
 Pudiere interocer el sentimiento

C A R T A XX:

De Palma en su dolor endurecida,
 Si pudiera la vida dar contento
 A quin sin lo gustar passa la vida
 No solo de my bien fueras el medio,
 Mas remedio de mal tã sin remedio.

Al punto que nfaci luego fortuna
 Estendio sobre my su mano fiera
 Diome amarga leche, y dura cuna,
 La tristeza por ama, y compañera;
 Angustia no quedò, ni ansia alguna
 Que no me lastimasse, de manera
 q̄ todo plazer ya, (por ser me extraño
 Me dañaria màs q̄ el proprio daño.

Por màs q̄vn dulce canto tãto pueda
 Que detenga los rios perenales
 Y la piedra no dexee estarse queda
 Lleue plãtas tras si, lleue animales,
 Y haga d'Exion parar la rueda,
 Y Tantalo en las penas infernales;
 Las aguas olvidar, y las mançanas;
 Y su trabajo vano las hermanas.

Y todos los tormentos del infierno
 Suspèda Tyrse mio del tal suerte (no
 Quel pecho enpedernido buelua tier
 De Minos, de Megera, y dela muerte;
 Y mueua el crudo Rey del lago Auer
 Y la Triforma dea su consorte (no
 A nueua, y desusada mansedumbre.
 En fin vença natura, y la costumbre.

Jamas tendrá conmigo fuerza tanta
 Ny tal suauidad en my oydo

Que haga despedir de my garganta
 Sino bozes de llanto, y de gemido.
 El pueblo d'Israel forçado canta
 Entre los Babylonios detenido
 Lo mismo hize yo entre los Moros,
 Mas q̄ fueron los cantos, sino lloros?

Y si cantò Cartago, yo hasta agora
 No se qual escritor su cãto encierra
 Y se que nunca fue su boz sonora
 q̄ si fama alcãzò fue por la guerra.
 Con lengua estrangera sé que llora
 No quedar cosa della sobre tierra
 Que pudieffe (despues de su estrago)
 Dizir, aqui solia ser Cartago.

Y si contodo esto a mi locura
 Alguno mi silencio acomodasse
 Responderia yo que su ventura (ce,
 En el mundo a crascen del dy q̄ na-
 Callar en todo tiempo fue cordura
 Mãs al presente, aq̄l q̄ mãs callasse,
 Con menos causa puede arrepêtir se
 No me lo uegaràs my caro Tyrse.

Pero a la verdad yo no callara
 Respeçando al valor de tus razones
 Si de my baxa lyra el son llegara
 A la cumbre de Pindo do me pones
 Con mas razon tus obras pregonara
 Por varias, y apartadas regiones,
 De la que tienes tu en aplicarme
 La gloria de tu Musa, y dulce carne.

No deues pensar que me desuia

C A R T A XX.

De celebrar tu canto, o es sujeto
 Sino no ser capaz la pluma mia
 De lo effectuar sin my defecto,
 Apollo que la tuya mueue y guia,
 Y su saber inspira en tu conceto
 Te cante, y tu le canta de cõtino,
 Pues eres digno del, y el de ti digno.

Y quanto a las napeas dessa parte
 De cuyo largo oluido te querellas
 No se que causa tienen d'oluidarte
 Si tu en las loar te acuerdas dellas
 Quãtas vezes dexó Venus por Marte
 Al herrero tisnado de centellas,
 Y quantas, por Adonis mas hermoso
 No curó del amigo belicoso?

La hija de Latona en las montañas
 A vn pastor de cabras tanto amaua
 Que por verde en apriscos, y cabañas
 Del estrellado Cielo no curaua,
 Con rudo son de mal vnidas cañas
 Las mãs esquiuas Niufas ablandaua
 El Semicapro Dios de los Pastores.
 Cantãdo entre las feluas sus amores

De su gran desamor no se que diga,
 Que por mas q lo tengo ya llorado:
 Tu pena tan de veras me fatiga
 Como si fuera el mismo maltratado.
 Por cierto si Cupido no castiga
 Con rigurosa mano, y pecho ayrado
 Tan vana ostinacion, y brío tan loco,
 Que su poder serà tenido en poco.

Deuian de tener en la memoria
 A pesar del licor del claro Lyma
 La fama que les das, la hōra, y gloria
 Entre quantas el mūdo mas sublima
 Y no dexar boluer en triste historia
 Tu amoroso estylo, y culta rima
 Adonde, con razon sean notadas
 D'ingratas, intratables, mal miradas

Mas yo no me concluyo que resistan
 Al fuego de Cupido, sy a sus saetas
 Ora de diamante el pecho vistan
 Ora en las aguas biuan mās secretas
 Que las armas d'amor todo cōquistan
 Sino son fabulosos los Poetas
 Y puesto que lo son en muchas cosas
 No pueden las d'amor ser fabulosas.

Quisiera proseguir en mejor verso
 Tambien con Lusitania m'alegando
 q̄ quādo el Cielo quiso serle aduerso
 Quedó (con nueva gloria) triūfando
 Entregue al mayor Rey del vniuerso
 Todo, con su fauor lo yrā ganando;
 Haziendo obedecer a nuestra España
 Quatorodea el Sol, quāto el mar baña

Mas Fēbo sufre mal que desto cante
 No se si tiene embidia, o razō tiene
 Diciendo (desdeñoso en su semblāte)
 Que nuevo espirito suyo me cōuene
 Y para no passar mās adelante
 La pluma, con la mano me detiene!
 Resistir no le sè, y ansi me quedo
 Callando aquello q̄ dezir no puedo.

CARTA XXI.

A Pero d'Andrade Caminha, na morte
do Doutor Antonio Ferreira.

Cô quẽ posso chorar senão contigo
Amorte (quãto a nós) do bõ Ferreira
Andrade amigo seu, & meu amigo?
Fiquei da triste noua de maneira
Que se pode hũa vida diuidirse (ta.
Nãõ me deixou a dõr a minha inteir-
Nem deuia de mim menos sentirse (tos
Vendo quẽ deu espirito a mil espiri-
Pera nũca o mas ver de nos partirse.
Ah lagrimas correi, ouça meus gritos
No cristalino ceo onde descança
Ficando immortal cá em seus escritos.
Passou alegre d'incerta esperança
A certos galardões, & da coroa
Do louro à da gloria sem mudança.
Como bom filho de sua mãy Lisboa
Nãõ pode sofrer mais ver tãta magoa
q̃ nãõ ley quẽ nãõ tema, & senãõ doa.
Eterno Rey dos Reys a viuã fragoa
Em q̃ tua ira forja as mortaes settas
Apaguem tãtos olhos fontes d'agoa.
Nãõ a mã influencia dos Planetas
Tãta rigurosamente nos castiga
Mas nossas culpas claras, & secretas.
Porem senhor nãõ queiras tu que diga
O q̃ nãõ crẽ em ti que nãõ tẽs cura
Daquelle q̃ ragoardar tua ley s'obriga.
Olha que negaõ nesta desuentura
As almas o remedio espiritu

Aos corpos a deuida sepultura.
 Cesse (pôr quem tu es) tamanho mal,
 Conuerta teu furor em piedade
 A fé, nunca quebrada em Portugal
 Que me dirás a isto amigo Andrade
 Ficaua por vuntura por passar
 Outro infortunio algũ é nossa idade?
 Tiveimos poucas vezes que chorar?
 Vimos hum dia sò hum bẽ perfeito?
 E ind'agora esta dõr particular.
 Saindo o nosso Antonio deste estreito
 E miseravel valle, onde viuendo
 A terra, & ao ceo foy sêpre mais accẽ
 Bem vejo quem cõ lagrimas offêdo (to:
 A sua morte, que lhe deu tal vida
 Que ja não tem de q̃ viuer temendo;
 Mas que farei à pena da partida?
 Que sinto dentro n'alma, que farey
 A saudade, a seu amor deuida?
 Por onde quer que for sempre darey
 Lagrimas a meus olhos, sêpre tristes
 Suspiros pellos ares soltarey.
 Ninfas do rico rejo que cobristes
 A grã êvolta em neve, estrellas, ouro
 De negroveo, quãdo tal perda vistes.
 Vinde de fresca murta, d'era, & louro
 Ornar de tẽpo, em tẽpo a pedra fria
 Onde a morte escõde o vosso tesouro.
 Vinde cobrir as sinzas onde ardia
 Fogo d'amor diuino d'alias flores
 Em lembrança da magoa deste dia.
 Venhão tambẽ as Musas, & os amores
 Offerecerlhe doês qn' Arabia manda,
 E cãte Febo é tanto os seus lououres:
 Depois pe'lure a lyra doce, & branda.

Em cima do sepulchro, por memoria
 E Cupido arco, & settas. Outra bāda.
 Ambos perderão nelle sua gloria,
 Quê dum cantarà já tanta belleza?
 Quê d'outro a doce guerra, & a victo
 Ah bõ cultor da Musa Portuguesa (ria,
 Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Ho
 Itãl foste tu à tua natureza. miero
 Em quãto da triste ausência o fim espero
 E Cloto não me cõta a mortal tea
 Pois tenãõ sei cantar, chorar te qro.
 Verei com secos olhos seca a vea (ros
 Que dando à patria tantos versos ra
 Hũ sò nũca lhe deu em lingua alhea?
 Verei serenas noites, dias claros?
 Ah nunca veja tal, os duros fados
 De gostos, pera mim sejião avaros,
 Chorẽ por ti Antonio bosques, prados,
 As aues por ti gritem, & nos montes
 Os animaes por ti andem pasmados.
 Esmalte de cõr triste os Orizontes
 O Sol tarde & manhã, não d'ouro, &
 neve,
 Faltẽ flores no valle, agoa nas fõtes.
 Não moua a leue folha o vento leue
 Branda, & docemente, antes iroso
 Enrolta em seco pò ao Ceo a leue.
 Deixe o dourado leito o caudaloso
 Teu patrio Tejo, mudẽ seu costume.
 Em turuo o claro, o doce ã amargoso
 Apagouse contigo hũ nouo lume
 Tão contrario às neuoas do Parnaso
 Qu'inda agora as desfaz, inda as cõ-
 Emudeceo hũ sò (ah triste caso) (sume.
 Que fazia cobrir quando Cupido era

De flores & verdura o campo raso.
 Hũ somno do profundo bem podera.
 Euridice tornar à luz do dia.
 Mil vezes, se mil vezes là descera.
 Mas ay, que ter mais olhos me cūpria
 Pera tudo chorar qu'Argos pastor
 Do qual se diz que cento possuia.
 Que não podẽ os meus conforme à dor
 Derramar quãtas lagrimas coalhadas
 No peito a magoa tẽ, cada vez mór.
 Inda que bem sem fruto derramadas
 Sejaõ todas por ti, que já seguro
 Estãs nessas altissimas moradas.
 Onde vès outro Sol mais claro, & puro,
 Outra mais alua Lũa, outras estrellas
 Onde nõite não ha, nem dia escuro.
 Onde passando mais acima dellas
 Conuerfar podes outros excellentes
 Espiritos, q'na luz passaõ por ellas.
 Ouindo aquelles dous resplandecẽtes
 Franciscos, como é nome, assi igoaes
 No verso, sã na Patria defferentes.
 Hũ de quem vòs a morte inda chorais
 Ninfas do brando Neiuã, & brãdo Ly.
 Outro q' fez os louros valer mais. (ma
 OBẽbo, & o Sanazaro é prosa, & é rima
 dignos d'alto louuor; Boscã, & o Lasso
 q' leuantou o seu verso mais acima.
 O Dolce, & o Ariosto, & o culto Tasso
 q' d'Amor, & de Marte versos dignos
 Foraõ juntando tanto passo a passo.
 Cõ taes espiritos, & outros peregrinos
 q' deu a idade antiga, & a moderna
 Cãtarãs novos psalmos, novos hym-
 Em desafio em fim, em paz eterna (nos.
 Diante

CARTA XXI.

Diante aquella luz esclaycida
 Que luz a tudo dà, tudo gouerna,
 Mastu triste Elegia em dór nascida (te
 Não deixes de chorar, pois vãs a par
 Onde tambem chorando seràs lida.
 Não cures d'ornamento, vay sê arte
 Fuge de ver prazer, fuge de quanto
 Podera, em menos perda, consolarte.
 A quem te mando roga, qu'o teu prato
 Ajunte co seu lâ, pera que seja
 Ouuido com mais dór, menos espato
 De te faltar na magoa que sobeja.

CARTA XXII.

Resposta de Pero d'Andrade.

Hvm silencio Bernardes me rō peste
 Iã quasi anão salar determinado (ste
 Na dór que ora de nouo em mĩ moue-
 Igoalmēte à dór minha ser chorado (ra
 Não podia ē meu verso, o meu Ferrei
 Nē ser de mĩ sem spirito bē cãtado.
 Entendia de mim que a verdadeira
 Fama do qu'elle em tudo merecia
 Bē não chegaua a minha voz inteira.
Calaua, & a falar nelle m' escondia
 Por não offēder morto hũ bõ amigo.
 Que me quis tanto quando cã viuia.
 Fizeste me chorar ora contigo
 Com noua magoa, noua saudade
 A dór que eu cã choraua só cõ amigo.
 Moueste m'alma a noua piedade
 A noua pena, & nouo sentimento
 D'aquella grande perda q' ta idade.

Aquella grande perda que hū momēto
 Depois de tanto mal acontecido
 Não deixei de trazer no pensamēto
 Mas eu não choro ver d'entre nōs,ido
 Este retrato só da idade antiga
 Do Ceo á nossa lingua concedida.

Mas faltarme hū ingenho a qu'o meu
 figura (prenda

E hū voz que ouça, espirito de qu'a-
 E os segredos das Musas m'abra & dā
 E q' o meu mau verso me reprēda, (ga.
 E o meão mo concerte, & mo leuāte
 Cō douto juizo, & cō segura mēda.
 Sinto faltar Bernardez que' m'espante
 Cō seu bō canto, & cō seu bō escrito
 Com cuja imitação possa ir auante.

Aquelle claro, aq'lle' puro espirito
 De saō cōselho cheio, & de prudēcia
 Sēpre serà de mim cātado, & scrito,

Agora em sua triste & longa ausencia
 Quem acharei a dōr me desagraue
 E me mostre o remedio na paciencia?

Fazia me a tristeza menos graue (leue,
 Mais branda a dura pena, a dōr mais
 Faziam e a alegria mais suaue.

Se teue (magoa nossa) a vida breue
 Largo nome terà, larga memoria
 q' a toda parte & tēpo a fama leue.

Já do tempo terà certa victoria (vida
 Quem s'ouue assi na triste, & mortal
 q' aspirou sēpre á clara, & immortal

Nella da mortalcarnedespedita (gloriā
 Esquecida de tudo nos amores
 Diuinos estarà toda embedida.

A VOZ LEUADA A OUTROS LOQUORES

C A R T A XXII.

Mais diuidos, mais puros, & mais sã.
 Arrebatada d'imortaes feruores. (tos
 Mil versos, & mil hymnos, & mil câtos
 Cantará sempre a eterna fermosura
 Mas dignos de memoria, mais d'espã
 Serà nelles guiado de mais pura (tos.
 De mais fermosa, de mais rica Musa
 Mais ornada de copia, & de brandura
 Amarà, & sera amado, assi là s'vsa
 Cantará, y serà ouuido de a qu'è câta
 Que qu'è la s'ama de amar não s'escu
 O Sol que sobre o mundo se leuãta (sa.
 Que cõ sua luz clara, & tão fermosa
 Nos vêce avista, & o spirito nos espã
 Em conta não terá q' outra gloriosa (ta;
 Luz o Sol, & às almas lume,
 Lhe terá mais q' o Sol alma lustrosa.
 Hũ tempo certo, hũ immortal costume
 Seguirã s'empre; tempo alegre, & puro,
 Primavera que nunca se colume.
 Iã não verá inuernotriste, e escuro, (gas
 Não vêtos não tormêtas, não mudan
 Mas tudo quieto è Deos, tudo seguro.
 Lirouse das incertas esperanças
 q' nos desasoceguã, & desbaratã,
 E das leues, & falsas confianças. (taõ
 Não vês Bernardes como nos maltra-
 Os mouimêtos vaõs, & os receos (tãõ?
 q' as almas inquietã, & as vidas ma-
 Quem pode defenderse a mil enleos?
 Quem se pode valer em mil perigos?
 Doutros muitos perigos s'empre cheos?
 He perigo não ter, & ter amigos,
 Mal se pode viuer nesta estreiteza.
 Se m'ey de yellar d'elles, não imigos.

O nosso Antonio está e outra largueza
 Ninguem teme, ninguẽ delle se teme,
 Em tudo vè pureza, & tem pureza.
 E cá Bernardez nosso quẽ não treme?
 Quem não deue desi mesmo temer-se?
 Quẽ á q̃ contra tẽpo em vão não re-
 quem vè cousa de q̃ possa valer-se, (me.
 Olhos no Ceo,, & no diuino norte
 Põde guiar tod' alma a não perder-se.
 Não chores já do nosso Antonio a sorte
 A minha sorte chora, & a sorte tua
 Pois no lo tem roubado dura morte.
 A nós dura, a nós aspera, a nós crua
 Que nos leuou o nosso amigo brãdo
 E a doce & branda conuersação sua.
 Por elle rindo, por mĩ vou chorando,
 E por elle contente, & por mĩ triste,
 Sem elle a vida irei toda passando.
 Tu que a nossa amizade clara viste
 Claro veras q̃ a dôr da perda grande
 d'ũ claro amigo, & bõ mal se resiste.
 Nunca tal perda amigo o ceo te mãde,
 Dôr he q̃ nunca a vida perde hũ hora
 Remedio pode auer com q̃ s'abrande
 Não q̃ de todo a vença & deite fora.

CARTÁ XXIII.

À Dom Fernand' Alurẽz de Castro.

Senhor dô Fernand' Alurẽz pois Ianei
 Vẽ pòr hũ nouo freo à cortesia (ro
 Querouos de senhor fartar primeiro.
 Não vos dá a gostar a senhoria
 (Inda q̃ entendo bẽ q̃ tal pessoa)
 Muito

Muito folgadamente caberia,
 Porque não quero que de'pois os do
 Enuiarvos hũ vos tão seco, & raso
 q̃ nê hum peito humilde lhe perdoar.
 Veyo a vaidade a fazer caso
 Dũ vaõ, & lisongeiro, & cego abuso
 In tuto da ridere, in tuto caso.
 Depois q̃ s'engeitou o santo v'so (nhã,
 De seja Deus conuoso, & vos mante-
 Dizê que logo o mũdo andou cõfuso
 Ora o b'fronte lano emb' ora venha
 Pronũnciar tal ley, & muitos annos
 Quê a manda guardar devida tenha.
 Os titulos illustres, soberanos
 Senhor, ao Rey se deuê tão sòmente
 Pera todos os mais seruej d'enganos.
 Digo isto. porq̃ ja muy largamente
 Adulei por palaura, & por escrito
 Ma no, por cio o gadañato niente.
 Hum destes dias ly hum sobrescrito
 Em que se pos illustre a hũa preta
 Que vende na Betesga peixe frito.
 Notai senhor agora como beta
 Illustre numa corua frigideira
 Que foi tomada à gayta, ou cõ trom-
 Outro a lèr me derão na ribeira (beta,
 S a quê mo deu a lèr fiquei deuendo
 Ter bem que rir hũa somana inteira.
 Dizia ao estimado, & reuerendo
 Magnifico senhor, Lourenço affonso
 Em cuja senhoria m' encomendo.
 vede se pode v'iar deste vasconso
 Nê hũ graõ bacharel q̃ serue é noro
 Por mais q̃do ceruello seja escoso
 Desenganar se deuem desfazer

Os que lutem por idolos do pouo
 Che sol virtute il alto ciel honora.

Mas porque ja por onde o passo mouo
 Me cumpre yr apalpando como cego
 Não quero seguir mais estillo nouo.

Torno a tomar a lyra qu'em sossego
 Esteue ao silencio offerecida

Desque deixastes Tejo por Mondego,
 Não cantarei lembranças da partida
 Porque receo ver na magoa dellas
 Como Cisne cantádo ao fim da vida.

Sem vós (não digo fados, nem estrellas)
 Digo que o ceo me nega nest'ausência
 A luz do sol, a fermosura dellas.

Mas largos annos, muita experiencia,
 O discurto da vida triste & vario
 Me fazem ja no mal ter paciencia.

No vosso apartamento voluntario
 Não pode durar muito o vosso gosto
 Por mais q' vos prezeis de solitario.

Enfada da manhaã tẽ o sol posto
 Ver apertados valles, largas serras
 A toda parte qu'o homẽ vira o rosto.

Enfada jogar sempre, ou' ler as guerras
 Dos illustres Herois, antepassados
 Destruição de gentes, & de terras.

Enfada tratar sempre com criados,
 E muito mais com necios escudeiros
 A queixumes do tempo acostumados.

Enfada andar às lebres por outeiros
 Com buscas mêtrosas, fracos galgos
 Quera pê, q'r è mais fracos sedeiros.

Enfada ver no Inverno montes aluos,
 E tornados a ver no seco kitho (nos
 Desleijados de sombra, & d'erva cal

Enfada ouuir tão perto o som do rio
 Que murmurado atroa no barzo valle
 Se topa no seu curso algum desvio.

Enfim senhor donde não ha quem falle
 Nas damas, & nas armas, nos amores
 Bem se lhe pode dar o extremo valle.

Deixemos a solidão aos professores
 Da vida que escolheo a bella Santa
 Exemplo de penitência a peccadores.

Vos ramo produzido da graã planta
 De cuja alta prudencia, alta vêtura
 Lusitania se preza, o mûdo espanta.

Esperay qu'outra idade mais madura
 Vos obrigue a tomar esse descanso,
 Que no trabalho a honra està segura.

A vista do Mondego claro, & manso
 Não vos enleue tanto em sua praya
 Que vos faça perder o melhor lanso.

Nunca a sombra do freixo, nê da faya
 Criou Trocatos, Fabios, Cypioens
 Nêm quẽ por cima delles pos a raya;

Aquelle qu'entr'os mais claros varoẽs
 A palma se lhe deue, afirmar posso
 Isto, sem consultar opinioẽs.

Aquelle graõ guerreiro, aquelle vosso
 Inuenciuel auè, graõ Visorey
 De Castro Dom Ioão espelho nosso.

Ah senhor Dom Fernando, que direy
 De quẽ por todo o mundo dizẽ tão
 Se com tal intençaõ não comecey?

Sõmente por retrato raro, & santo
 Das armas, do saber, da cortesia.
 Quis illustrar coelle este meu canto.

Que pera o celebrar misterauiã
 Hum estylo mais culto, & quantado

Do que ~~se~~ ~~pe~~ pede, ou Elegia.
 Deixoumos o caminho abalisado
 Por onde foi sobindo ao claro tēplo
 A s'empicerna fama dedicado.
 Não tenho que vos dar alheo:exēplo,
 Em casa vo lo dou, & tal que tudo
 O que desejo em vos, nelle cōtēplo.
 Elle vos seja mestre, & seja estudo,
 Porque se for assi, daqui m'obrigo
 Que me tenhais em conta de fescudo.
 Esta licença tem hum puro amigo
 Dizer sem palear tudojo q'entēde,
 Mas eu isto que digo, a quem o digo?
 Quem entre nōs agora mais pretende
 Ornarse de virtudes generosas?
 Quem mais q' vōs a faltas se defende?
 Ou em altās montanhas cauernosas
 (Habitação de toda braua fera)
 Ou em cidades nobres, populosas:
 Passeis esta florida Primauera (ledo
 Em ocio, ou em negocio, ou triste, ou
 Sempre fereis o que de vōs s'espera.
 Não me deixa daqui passar o medo
 Que tenho de ser já largo, & peñado,
 Mas eu segundarei esta muy cedo
 Que não he que bē ama descuidado.

CARTA XXIII.

A Dom Manoel Coutinho estando na
 sua quinta da torre do Bispo.

Senhor Dō Manoel mal atentado
 Seria, se ardasse outra vez tanto
 q' me não fessis mais de descuidado.

Inda que claramente entendo quanto
 A leue, & arrebatada breuidade
 A todo verso dana, a todo canto,
 Co este presoposto a sanda de
 Argumento serà della flegia (dade
 Que assi chamarlhe posso com ver-
 Passou aquelle tempo, em que sohia
 Cantar versos alegres, & suaves
 Junto do patrio Lyra à sombra fria
 Carregarão em mim cuydados graues
 Depois q̄ me entreguei ao Himineo
 Que fecha a liberdade cõ mil chaues
 Indo da brandas Musas tão alheo
 Tão lãre d'Hipocrene, & do Parnaso,
 Tão sumido nas agoas do Letheo,
 Que tenho pouco gosto, & menos aso
 Pera poder formar hum culto verso,
 Senão sac da pena algum a caso.
 Do que ja fuy me sinto tão diuerso
 Que me queixo do tẽpo, & do q̄vejo
 Aquelles que não vejo, & q̄ conuerfo.
 Os rios não são todos qual o Tejo,
 Mas todos sã parar no mar profundo
 Se vão sumir pór natural desejo.
 Nas cousas tem razão, a razão fundo
 Qu'os homẽs com não ser quaes ser
 sobião
 Nos fazem parecer ser outro mudo
 Escreuem os Poetas que corrião
 Pontes de puro mel no tempo antigo
 E as plantas sem cultura produzião
 E daua a madre terra louro trigo
 Sem a rãper o Laurador mesquinhe
 Com duro ferro, à nossa vida amigo
 E que do monte não decida pinho

Peraqu' curua forma conuertido
 Caminho abrisse, & de não à caminho
 Porq' nem odio então, nê amor fingido
 Consentião em si peitos humanos
 Nem contendas auia, nem roydos.
 Nem espiritos auaros, nem tyrannos
 Criava aquella boa antiquidade
 Que tratasse de forças, & d'enganos.
 Tudo era paz, amor, conformidade
 Sem discrepar a obra da promessa
 Nem menos a promessa da vontade.
 Prestação hús aos outros, por expressa
 E justa ley da natureza humana,
 Acudindo às pressas muy de pressa,
 Se nos à fama antiga não engana,
 Aquella foy a idade do metal
 q' a cãtos aproueita. & a cãtos dana.
 Depois veio a de prata já não tal,
 E tambem a poseraõ em desterro
 Os homês. ajuntando mal a mal.
 Enfim o tempo trouxe esta de ferro,
 Antes nòs a trouxemos, cometendo
 Mil erros por malicia, não por erro.
 Destas cousas q' vejo, & das qu'entendo
 Me nasce tal espanto, tal tristeza
 Que me faz deleuidar do q' pretendo.
 Sendo de menos tenra natureza
 De quanto agora choro bê me rira
 E dera de mór riso mór certeza.
 Mas toquemos mais brádo a bráda lira
 A furto do espirito apaixonado
 Que do que prometi fora me tira.
 Vejous nesse campo rodeado
 De sau ides tristes verdadeiras
 De ne doce amor todo enleuado.

C A R T A X X I I I .

Ora busqueis a sombra das arvoreiras,
 De cujos verdes braços fructo pende
 Ora vejais correr frescas ribeiras.
 Ora no pé do freixo que s'estende
 Por cima da corrente vagarosa
 Corteis o nome a quẽ amor se rède.
 Ora por essa terra pedregosa
 Sigais o leue cão que vay buscando
 A perdiz agachada de medrosa.
 Ora da caça o modo variando
 No alto, cauernoso, & turuo pègo
 Cõ leue cana, ou rede esteis pescãdo.
 Sempre no maior gosto, & mór loscego
 Aquella luz vos ha de ser presente
 q̃ bem pòde dar vista ao Amor cego.
 Não tem o campo cousa q̃ contente
 A hũ verdadeiro, & firme namorado
 Quando da bella dama viue ausente.
 Nem flores lhe presenta overde prado,
 Nẽ o goarda do sol fresca espellura,
 Que todò o passatẽpo acha pesado.
 Quantas vezes na fonte fria, & pura
 Por mitigar a sede se reclina
 Tantas lagrimas bebe de mistura.
 E quantas ò som d'agoa cristalina
 Se lamenta do mal da triste ausẽcia
 Tantas o valle a sospirar ensina.
 Fazer a seus desejos resistencia,
 Qual pode ser mais aspero tormẽto,
 Digamo, quem tem disso esperiẽcia.
 O quanto pòde o boui entendimento
 Entendame chi puo chi m'entẽdo idò,
 Quantas cousas acaba o sofrimento.
 Não aja imaginar que desuarã
 Porque neste intricado laberinto

Inda seguindo vou o certo fio.

Declaro nas materias o que sinto,

E sinto bẽ que todas sãõ muy claras.

Aõ vosso natural alõ destinto.

Nãõ trato das mais partes todas raras

Que juntaraõ em vòs liberalmente

As Meonias cõ tantos tão avaras.

Que nem o tempo agora me consente

Nem a Musa q̃ segue outro caminho

De tão alto fogeito differente.

Mas outro melhor tẽpo qu'adeuinho,

Outro cãto ornará doutros lououres

Mais altos do q̃ neste agora alinhõ.

Que jã com olhos d'alma interiores

Vos vejo no sublime estado vosto

Pretendido por vòs d'antecessores.

Jã veio com meu gosto o gẽral gosto

Em todos quantos tendes obrigados

Cõ obras, cõ palauras, cõ bõ rosto.

O quantos perabẽs vos vejo dados,

Quanto serã tal dia festejado

D'amigos, de vassallos, de criados.

Entãõ sereis de mim melhor cantado,

Que Febo me darã noua brandura

Hum estillo mais puro, & leuantado.

Entãõ se vestirà de mais aloura

A vossa illustre casa Marialua

Que sem vòs eu a tenho por escura.

Nãõ deixarei passar a Ninfa Calua

A qual se poll fronte nãõ se toma

Escorrega das mãos, nos pès se salua.

Enfim por nãõ fazer mais larga soma

De tão pesadas rimas, corto o fio,

Dizendo como dizem os de Roma

State factis charo patron mio.

CARTA XXV.

A Ruy Gomez da Gram em reposta
doutra sua, estando pera se
embarcar pera a India:

Pera dar a reposta que se deue
A tua amiga carta, ò caro amigo
Largo o desejo he, o tẽpo he breue,
Logo quando a ly entrey comigo
Em grandes differenças, receando
Quantos erros a pressa tras conligo.
Em dias q̃ minh' alma anda chorando
O teu apartamento saudoso
Cõ q̃ versos os teus irei pagando.
Estive em responderte duuidoso
Im pagar (noutro tẽpõ) estãdo certo
As hõras q̃ me dãs cõ canto liçoso,
E por mais qu'antre nos deixes aberto
Do curuo lenho largo mar no meio
Sempre da minha Musa estaràs perto.
Contigo o pensamento, sem receo
Passarã novos mares, novos climas
Sem rõper de Neptuno o molle seo.
Ora tornando às tuas doces rimas (das
Nas quaes as minhas vejo tão louua
Quaes deues estimar seas não estimas
Quaes mais certas me dãs, quaes mais
limadas?
Mais cultas, mais corrẽtes, mais sono
Sõ tẽ ferẽ ã mĩ mal empregadas (ras?
Di osos dias, bẽm gastadas horas
Aquellas que te dãs às Niças nove
Goardas do alto Pindo, & oradores
Bellas

Dellas em meus escritos graça choue
Apollo de muy poucos se isfelto
A branda pena cõ sua mão te moue.
Inspira altos conceitos no teu peito,
Os quaes tão altamēte nos declaras
Que o bõ verso orna o bõ conceito.
Liberais pera ty as fontes claras
Do Pindo, & do Parnaso vão corredo
Que corré pera muitos muy auaras.
Tu mesmo eterno a ty t'irás fazendo
Teus feitos tambẽ feitos co a espada
A tua propria pena cometendo
Que justamente póde ser louuada
A ousadia propria, a propria gloria
Se a perda sem o ser, fica arriscada.
Mas antes que de ti falte memoria
O fogo será frio, a neve ardente
E mais predada qu'oro a iril escoria,
Tã vejo que t'espera o Oriente
Cõ novos vencimētos, nouas palmas
Da nossa, & de Iesus imiga gente.
Mas que chunas, que fríos, & q̃ calmas
Passamos (te pergunto) pollas vidas
- E quão pouco de tudo pollas almas?
Nã ves como de nós são esquecidas
Por tãtas cousas vãs, q̃ nũca chegãõ,
E se chegãõ são logo aborrecidas?
Quantos agora pe llo mar nauegaõ
Nã por fama alcãçar, mas por riquezã
A hũa fraca taboa a vida entregao.
Mas ah; que tal he nossa natureza
Que conhecendo isto inda aspito
A poder desatar-me da pobreza.
Mil vezes tetro è mĩ choro, & sospir
Ver que o verso meu, q̃ louuas rãto

C A R T A XXV.

Tam pouco fruito em tão tẽpo tiro.
 Por ventura sòstentome de cipaxo,
 Ou do louuor q' dà, quẽ mais não dà,
 Ao meu, des oje mais ja, rouco cãto?
A cobiza tão alto sobio já
 Que a fama q' s'alcança cõ largueza
 Debaixo dos seus pès vejo qu' està.
Ah cegueira humana, antes vileza
 Se dar cõ larga mão he graõ virtude.
 Como ovicio cõtraíro mais se preza?
A chorar isto tua voz me ajude
 Acredica contigo as boas Musas
 Pois eu em tanto tẽpo nunca pude.
Todas as partes tẽs, não tẽs escusas
 Pera deixar d'vsar do seu tesouro,
 Do qual com louuor dellas tambem
Em pago te daraõ o verde louro, (vlas.
 Seiãs do brando Febo coroadõ
 Cantando delle na sua lyrã d'ouro.
Não cuides que te fallo desuiado
 Daquillo que de ti tenho entẽdido
 Que sempre soy amor desenganado.
O meu que no peito anda encendido
 Já não seria amor, seria engano
 Se te quisesse dar louuor fingido.
E quanto a mĩ daqui te desengano
 Qu'hõra viesse dar, darãs mõr inda
 As Musas, & ao Reyno Lusitano.
Mas que me fica a mim da tua vinda
 Pois foy pera dar volta tão afinha
 Se não graõ saudade, & magoa infin-
Eta será a companhia minha (da?
 Em vez daqõlla doce, branda & pura
 Conuersação que cã cony. o tinha.
Tu la contente, onde se via pura

CARTA XXVI. 109

O resplendor do Ceo, & cria a terra
 As pedras com celeste fermosura;
 Em lição boa, q̃ o vicio mau desterra,
 Do tempo enganaràs horas pesadas,
 Porqu' estassós te podê fazer guerra
 Não esquadroës de terra, & naos arma-
 Pois as tês ja cõ tanta rãida sua das
 Do seu pouco poder desenganadas.
 Nem quem dourada tras a noua Lúa
 Por dipisa em candidas bandeiras,
 Nem Persia que serà visinha tua.
 Isto não são palauras lisongeiras
 Que posto q̃ se admittê não as trago
 Pera louuar virtudes verdadeiras
 Mas porque dellas mais a luz apago
 Com tãõ socinto, & supito louuor
 Do grande que me deste, q̃ não pago
 Aceita (atè que pague) este penhor.

CARTA XXVI *Cella*

Ao mesmo Ruy Gomez da Gram, depois
 de partido pera a India.

A Graõ distancia q̃ de ti m'aparta
 A grande saudade, o amor grande
 Mil cartas pedem, não esta sò carta
 Ou nouas de lã peça, ou de cà mande
 Ou sigua, como dizem d' Aretusa
 Caminho pello qual outrê não ãde.
 Serêi sem querer dar a isso escusa
 Mais largo do q̃ tenho por costume
 Se me não for do verso escassa a Musa
 Do Pindo celebrado, & verde cume
 Inspiração brãdo Apollo no meu peito

C A R T A XXVI.

Hũa faisca sò do seu grão me
 Porque sem tal favor, em tal sogeito
 Não posso formar verso cõ q̃ fique
 Contente quem os lèr, ou satisfeito.
 Não queira q̃ o meu erro se publique
 Lá onde sua luz mais resplandece;
 Nê me deixe cair, inda qu'embique.
 E porque logo a te contar comece
 Aquillo que mais trago no cuydado
 Deixando tudo o mais q̃ aqui s'offre
Digo que me deixaste penhorado (ce.
 Nò amor, com amor q̃ me mostraste
 Tão claro, quãto o mendelengano
Digo que d'ôr tamanha me deixaste
 Quando deraõ no marvellas ao vèto
 Como foy o caminho que passaste.
Rompia a proa o liquido elemento,
 Eu com suspiros d'alma o mar rōpia
 Cõ lagrimas mostrando o sentimento.
Cos olhos saudosos te seguia
 Em quanto diuisei as brancas vellas,
 E depois disso com a fantasia.
Imaginey então Nereas bellas
 Diãte o curuo pinho esparger flores,
 E outras os Tritoeõs diante dellas.
E mil delfins ligeiros nadadores
 Me pareceõ que via ir volteando.
 Se como a fama diz, morrẽ d'amores
Imaginei Neptuno aquietando
 As bellicosas ondas inquietas
 O mar fazêdo chãõ, o vento brando.
E claro vi os lucidos Planetas
 Mostrarem sobre ti aspeitos claros
 Em suas influencias mais subretas.
Vi os tres q̃ no Cœo sãõ mais p'claros

Junt' sem seus feitos, Itambẽ feitos
 No mudo raros ja, outros mais raros
 Guardo no meu conceito outros cõcei-
 Os quaes farã o tẽpo verdadeiros (ros
 Porqu' agora o amor os faz sospeitos
 Enfim daquelles impitos primeiros
 Me pos a saudade em tal estado
 q̃ tẽ inda em meus olhos dous forei-
 tu, bẽ pode ser que descuidado (ros.
 De qual me cã deixauas, leuarias
 O coração alegre, & soscega do.)
 Não digo que de lagrimas ririas
 Senão que dos humanos accidentes
 A força, co a razão abrandarias.
 Se por caso cuydasses nos presentes
 Tẽpos, & nos passados, com espanto
 Verias como correm diferentes.
 Verias sem rebugo a cada canto
 A sofrega cobiza, & a triste inueja
 E o engano com capa de graõ santo.
 Verias (mas quem aquisto não veja?)
 Mendigar a verdade, & a mentira
 Que paõ, & pano, & tudo lhe sobeja.
 Verias o mau pesar que faz a ira
 Da mansa, & encolhida paciencia
 q̃ sofre, & calla, & a medo inda sospi
 Verias que da sua negligencia (ra.
 Nobreza quer fazer a vil preguiça
 Auendo por deshonra a diligencia.
 Verias as balanças da justiça
 Por odio, ou por amor abalancar-se
 Não sey se tambem diga por cobiza?
 Verias à pureza arremeçar-se
 A sensibilidade sem vergonha
 E d'outr' engano, & forças ajudar-se.
 Verias

C A R T A XIX.

Verias cuja gula que não se ha
 Senão em trazer sempre o ventre cheio,
 Que da sua abstinencia faz pegonha.
 Verias da soberba o desdem feo (dade
 Tratar com graõ desprezo a humil.
 Que deos hõrar do Ceo á terra veio.

Verias a velhice, & a mocidade
 Guardar as leys de Venus, & de Bacco
 Por obra hús, & outros por vontade.

Verias entre nós Eurito, & Caco
 Encellado, & Tiphéo, & o grãde Ticio
 Que quizerão meter o Ceo a sacco.

Enfim reynar verias todo vicio
 Sobre toda virtude, se por caso
 Na terra tem algũa o seu hospicio.

Fechouas Promoreu dentro num vaso
 Cruéis foraõ as mãos q̃ o vaso abri-
 Quer fosse acinte seito, q̃r acaso. (raõ
 Porque logo no ponto que se viraõ
 Coa boca do vaso desfechada
 Voaraõ todas, pera o Ceo fugiraõ.

Verias (aqui faço outra jornada)
 Com que pena se busca, & se procura
 A honra, & a fazenda mais buscada.

Hús poem no mar as vidas e ventura,
 Ontros por preçovil proção na terra
 Do duro imigo seu a força dura.

Outros por cã, por la, rompem a terra
 Por tirar os metaes, q̃ nas entranhas
 Por natureza, & não cobiça encerra.

Outros com gentes Barbaras estranhas
 Acentaõ novos tratos, vrdem teas,
 Que vê a fer depois teas d'aranhas.
 Pois outros cujas vidas das azeas
 Vontades pender, ollia que so sono

Quantos jantares perdem quãtas ceas.
 Sem fôrtes a verdadeira, nem dõ outono
 Os fruitos lograõ descansadamente,
 De tudo quãto tem quem he o dono?
 Temem como sobiraõ leuemente
 Que torne a desfandar a roda lene
 Com aplauso gèral da leue gente.
 Mas inda que propus de nãõ ser breue
 Deixemos por agora esta materia,
 Que mais serue a quẽ Satyras escreue
 Com fillios da fortuna ja fiz feria
 Nẽ canso por fazer seu nome eterno
 Nem olles por tirarme de miseria,
 O rico morre, morre o do gouerno
 Sem leuarem do seu tanto consigo
 Que pagnẽ ao arrais do lago Euerno,
 Enfim sobre o que digo, & q̃ nãõ digo
 Bem podias fazer discursos largos
 Se pello largo mar hyas contigo.
 Por Troya, & por Roma, & por Argos
 Podiaõ passear teus pensamen:os
 Sem lhe virem negocios cõ embargos
 Que mais repouso tẽ no mar os ventos
 As ondas mais soscego do que tem
 O que na terra tem varios intentos;
 Tu que tudo prouaste, cuyda quem
 Me poderã negar esta razãõ,
 Que cõ razãõ, eu cuydo que ningũẽ.
 Taes voltas neste tempo as cousas idaõ
 Qu'entẽdo, antes affirmo qu'acharias
 No inquieto mar quietaçãõ.
 A mór parte da noite, a mór dos dias
 As Musas que de si tanto te deraõ
 Com honra sua, & gosto teu, darias.
 Daquelle que nas armas floreceraõ

C A R T A XXVI.

Te cantariaõ feitos feitos feitos,
 Grãdes Reys, grandes Reynos q v'ce
 Triunfos eminentes muy custosos (raõ
 Estatuas cõ seus nomes levantadas
 Dos seus trabalhos premios gloriosos
 As estatuas do tempo saõ gastadas,
 Tambẽ o foraõ já suas memorias
 Senão foraõ das Musas conseruadas.
 Mas naõ te contariaõ mil victorias
 Dos nossos valerosos Lusitanos (rias.
 Porq'elles mais saõ d'obras q de h'cto
 Os celebrados Gregos, os Troyanos
 Os famosos Romaõs cõquistadores
 Nãõ faraõ mais nas armas soberanos
 Mas se no mundo tẽ mōres honnores
 A causa disso foy, porque soberaõ
 Grangear os prudentes escriptores.
 As honras, & merces que receberaõ
 Obpiano, & Virgilio foraõ penas
 Com q taõ altas cousas escreueraõ,
 Porque menos Coimbra, que Atenas,
 Porq' mais farã Roma que Lisboa
 Cantar ao sō das armas as Camenas?
 D'ingenhos a quẽ Febo encordoa
 A doce, & brãda lyra cõ maõ propria
 A quem de verdẽ louro dá coroa.
 Quando entre nos ouue mayor copia?
 E porein de Mecenas tantos temos
 Como de brancos tem a Etiopia,
 Enfim a vaos qixumes atalhemos; (lhas
 Cantẽ os roucos coruos, roucas gra-
 E nos a nossas Musas nos tornemos.
 Tambẽ te contariaõ mil batalhas
 Do vencedor dos que vencerãõ tudo
 Sem elmos escalar, nẽ rōper batalhas.

O qual com inuensiuel golpe agudo
 Trespassa corações de parte a parte;
 q̄ cõtra amor naõ val elmo nẽ escudo
 Amor venceo Apollo, & venceo Marte,
 E Jupiter no Ceo; coube nas agoas
 Do seu fogo, a Neptuno grãde parte.
 Naõ lh' escapou Vulcano e suas fragoas
 Nõ o fero Plutão cheo d'espanto
 Sumido là na região das magoas.
 Deste que sobre tantos pode tanto
 Poucos successos lèdos cantarião,
 Porq̄ todos os mais forã de pranto.
 De Piramo, & de Tysbe chorarião,
 Cujos corpos juntou hũ duro ferro,
 Cujas almas mais juntas partiriaõ.
 Ah lastimoso sim, triste desterro, (res
 q̄ os não pode o Amor matar d'amo-
 E morreraõ d'Amor ambos por erro
 Chorarão Faunos, Ninfas, & Pastores
 Hum caso tão funesto, & defastrado,
 Tornaraõ se as amoras doutras cores
 Chorarião tambem o moço oufada,
 Que por amor naõ teme, nẽ duuida
 Pessar de noite o Hellepõto a nado.
 Chegou ao pè da torre, mas sem vida;
 Hero que tal o vio na triste praya
 Sobr'elle s'arrojou da dor vencida.
 Espera amor, espera atè que caya
 (Indo ja pello ar, dizendo hia)
 Passemos juntos desta vida a raya.
 Quantas lagrimas Sesto te daria
 ò mal logrado moço, & o teu Abido
 Quantas por ti Leandro choraria?
 Entre tantas tragedias de Cupido
 Chorarião com verso mais famoso!

C A R T A XXVI:

A da triste Rainha Elifaz do
 Que lhe deixou o fugitiuo esposo
 Senão hũa cruel, & aguda espada?
 Sem causa lhe chamaraõ piedoso.
 Tambem deuia Egeria ser chorada
 Que de muito chorar se tornou fôte;
 E Alcion em aue transformada.
 Que direi d'outra q̃ por valle, & môte
 Seguiu em vaõ o bello moço altiuo?
 Pois ella inda responde, ella to cõte.
 Amor dos seus desprezos vingatiuo (ra
 Mostrouhe hũa vãa sôbra e agoa pu
 Por quẽ o fez arder em fogo viuo.
 Mas, com q̃ noua dôr, cõ que brádura
 Chorarião Orfeo, & a consorte
 Que por seu mal fugio polla verdura.
 Leuouad'antre viuos triste sorte,
 Elle polla tornar de nouo à vida
 Antre mortos a busca âtes da morte.
 Tod'a corte infernal ficou vencida
 Ouindo o sô da Lyra o canto brádo
 Tod'a pena das almas suspendida.
 Na pedra que costa arriba hia leuádo
 Sefiso, se sentou, tomando alento,
 Sobre quem o cansaua de cansado.
 Cessou do seu contino mouimento
 A roda d'Exion, & as dos criuos
 Deixaraõ de seguir seu vaõ intento.
 Das agoas, & dos pomos fugitiuos
 O auarento Tantalo perdeo
 Os desejeos famintos, sempre viuos.
 Por tres bocas Cerbero emudeceo,
 E a feya ciuel Aguia voante
 As entranhas de Ticio naõ ceo.
 Seguro passa o magoado amant

Por ~~si~~ eleito, & por Megera,
 Chegou a ver o Rey domão sêblante.
 De nouo, & doce lyra, ali tempera,
 Ali mais solta a mão, & avoz benigna
 Polla mercê que ali mayor espera.
 Moueo a piedade Proserpina
 O marido cruel, Rey encuberto,
 Tanto, que darlh'a esposa determina;
 Deullha o feo Rey. mas com concerto,
 (Ah concerto cruel, merce piquena,
 Antes concerto não engano certo.)
 Que por todo o caminho, onde se pena
 Leuandoa atras si a não veria
 Até sayr coella á luz serena
 Elle que polla ver viua morria
 Quis ver antes de ver o dia puro
 Se por tão cegos ares o leguia.
 Logo como delgado fumo escuro.
 Alongando se foy o leue espirito
 Conforme ao pacto do tyrão duro.
 Ficou soando este funesto grito;
 Não te çanses Orfeo, por mudar
 O que ja tem de mim o Ceo escrito.
 Tres vezes triste foy pera abraçar
 A fugitiga esposa, & outras tantas
 Os ventos abraçou em seu lugar.
 Quãtas queixas d'Amor, lagrimas quã-
 tu infelice Orfeo derramaste, (tas
 Bem o sabem as pedras, bẽ as plantas.
 As pedras, & as plantas que leuaste
 A pos o teu suave, & doce canto,
 Tigres, Leões, & Dragos, qu'amãstaste.
 Mas não nos detenhamos no mar tão to,
 Deixem-nos d'Apollo o filho triste
 No may paroxismo do seu prãto.
 Deixamos!

CARTA XXVII.

Deixamos o graõ gosto que se sente
 Quando nõ alto mar com voz tonora
 Ouiste dizer terra, & terra viste.
 Deitemos ferro ja sahimos fora,
 Eu na praya do Tejo cristalino,
 Tu nessa lá õde nasce a brãda aurora
 La te deixo entre gostos qu' i nãgino
 Que farias sentir, que sentirias
 Com quem te desejana de continuo.
 O ceo lograr tos deixe muitos dias,
 Coelles muitos annos, õutros muitos
 Collendo là, & cà por muitas vias
 Das armas, & das Musas, doces frutos

CARTA XXVII.

A Dom Gonçalo Coutinho, estando
 em hũa sua quinta, que cha-
 mão dos Vaqueiros.

S Enhor, se pretendera acreditar-me,
 Inuocara fauor de Calliope
 Neste familiar. & amigo cãrme,
 Mas pouco me dá já que muitos tope
 q̃ digaõ qu'inda menos sey de rima
 Do que de Grego sabe hum Ethiope.
 Nunca d'escuros vellos fiz estima,
 Sempre (porq̃ m'entedaõ) fallo claro
 Preze se quem quizer de ser enima.
 Queria a poucas voltas dar no faro,
 Da sentença que jaz no verso ã inclufa
 Qu' o muito rastejar custame caro.
 Aquella he mais fermosa, & rica Musa
 Que sempre has figuras, & a lauras
 Conforme ao fogcito, & vta, vfa.

Está a hum pastor de cabras
 Tratar d'herologia, & medicina,
 Como a hũ grãde key de gado, & lau-
 Eu sey algũs que mostrar doutrina(ras.
 Sem goardarem decoro, se desuião
 De quãto a esperiẽcia, & arte ensina.
 Estes, & os que de si tanto se fiaõ
 Que não admitem bom juizõ, alheo
 O castigo de Marsias mereciaõ.
 Os versos destes taes sorue o Letheo,
 Ou vem a embrulhar drogas de tẽda
 Como taõbem dos meus inda receo.
 Quem se teme de si, quẽ sobre emenda.
 Não tem de quẽ temer, nẽ dà motiuo
 Que nelle ache a malicia q̃ reprecnda.
 Deixa depois de morto nome viuo,
 E orna seus escritos de brandura(uo.
 Cõ ser cõtra si mesmo duro, & esqui-
 O tempo o mau descobre, o bõ apura,
 Hũs cousas reprecua, outras inueta,
 O que vay de vagar mais se segura.
 Quem tanto de seus versos se contẽta
 Que cuida q̃ não ha qu' emẽdar nelles
 Afronta, a suas faltas, acrescenta.
 A porta punha o celebrado Apelles
 Do seu ingenho raro, os partos bellos
 Não fiãdo de si a emenda delles.
 Eu li ja versos que pera entẽdelos
 Compria ser Merlin, o Nigromante
 Ou andar com Apollo aos cabellos.
 E outros taõ pesados qu' Athalante
 Não poderã foster sõs dous tercetos,
 E com tres não darã passo adiante.
 Eu senho ja podera ter bisnetos
 Depor que comecei a fazer trouas.

C A R T A XXVII.

E inda bem não cayo nos ~~seus~~ ^{seus}.
 E vejo muitos qu'inda as penas novas
 Com que saê do niuho, não mudaraõ
 E querem de Poetas fazer prouas.
 Por isso nas empresas que tomaraõ
 Taõ fraca, & friamente procederaõ
 Qu'emvez d'hõra ganhar se deshõra
 Se tambẽ estes annos responderãõ (raõ.
 Com nossos necessarios mantiuetos
 Como em dar Poetas floreceraõ.
 Eu me rira de ter requerimentos!
 Que fazem ser hũ homẽ chocarreiro
 E causaõ outros mil abatimentos.
 Hum asno carregado de dinheiro
 Trepã por onde quer, acaba tudo,
 E não acaba pouco o lilongeiro.
 O pobre virtuoso, & o falso
 Perca (do que merece) a saudade,
 E tome a paciencia por escudo.
 Ah, quẽ me dera agora a liberdade
 Que tiue noutro tẽpo, noutro estado
 Pera poder fallar mais à vontade.
 Mas pera que? Ia estou certificado
 Que certos defẽganos pouco prestão
 Cõ quẽ não quizer ser defengano.
 Reprensoẽs, & verdades, que molestão
 Basta serem tocadas de passage
 Porqu'inda muto assi nos manifestão.
 Por tanto mudo aqui a lingoage
 A vida que escolhestes aldeã
 Que faz a esta de cã muita ventage.
 Ah, mais cedo vedes a manhã
 Que bella em Oriente se leuanta
 Vestidã d'ouro, & azul, de nã, e, & graã
 Abio roufino! mais doce canã

E... mais aues liures de senhores
 Mais cada João, d'húa, é outra plãta.
 Ahí s'alegra a vista com as flores
 Que tem a verde relua matizada
 De nouas, naturaes alegres cores.
 Ahí no ramo a fruíta pendurada
 O gosto vos desperta, & vos conuida
 Não colhida sem tẽpo, né comprada.
 Ahí honra não ha que vos empida
 Sahir de casa sò defaiteado,
 Nẽ moço q̃ murmure, & sempre pida.
 Ahí cada manhaã não sois filhado
 Do mercador, do xastre, & calceteiro
 Que na camavos tinhaõ emprazado.
 Ahí cada semana o gepateiro
 A vossa propria pelle não esfolla
 A troco da de bode, ou de carneiro.
 Ahí não encontrais com mariola
 q̃ depois q̃ vos moe vos diz, goarda,
 Nẽ anda o pé por lamas e qu'a tolla.
 Ahí basta vestir de roupa parda
 E servir de rocim galego, ou macho,
 Ora posto de sella, ora d'albarda.
 Ahí não rabeaes aos do despacho
 q̃ vos leuaõ taas si se vos dar vento;
 E nisto tambẽ eu a mim me tacho.
 Ahí (seguido meu entendimento)
 De mais alegre vida vos lograis
 Que quantos delln tẽ contentamẽto.
 Ahí quando quereis caçar caçais
 Pega com guanião, com galgo lebre,
 A poucos passos que pello cãpo dais.
 Ahí pouco vos dà q̃ as pazes quebre
 O calliffo d'Egypto, & o Salladino
 Nẽ q̃ o este João moura de febre.
 E menos

C A R T A XXVII.

E menos que Reynaldos
 Vá por amor d'Angelica lá bella
 A terra d'Ossa, a se meter biguino
 Ahi sem passar mar, né mudar sella (to
 Vereis pintado o múdo, ou por el cri
 Em Plinio, Gollomeu, Póponio Mel
 Ahi não vos abrange o enterdito (la.
 Que poz Raby Azar em Babylonia
 Porq' largou Granada el Rey Chiquito
 Ahi viueis enfim sem cerimonia
 E ledes (sem estoruo) hum dia cada
 Sem vos ser necessaria Sellidonia.
 Cartas, & dados vão se pôr de lado,
 Ou vão se aposentar cos do contrato
 q' trazê o dinheiro em casa a rodo.
 Ahi não da ribeira, mas do mato
 Vos trazem perdigoês, & laparinhos,
 O cabrito de mama, o teuro pato.
 Trazem vos desparrella passariuhos
 E rollas amarelas de gordera
 Os criados de casa, & os vezinhos.
 Faltaõnos hi Perus poila ventura?
 Bem sabem nesta casa como sabem
 Onde a lêbrança é vez do gosto du
 O azeite por mais que volo gabê (ra.
 De claro, & de louro, & de gostoso
 Muito mões lounores nelle cabem.
 Tambem hi tendes trigo espantoso
 Segundo ouço dizer, que de certeza
 Não sei se faz paõ feo, se fermoso.
 Foy liberal em tudo a natureza
 Co essa vossa quinta dos Vaqueiros
 E deu lhe inda cõuõsco mór riqueza.
 Hum gabo m'esquecia dos ginetros
 Que lhe podera dar, par

Do mundo honrores teus bẽverdadeiros
 E he, que tal he o the de u Lico
 q̃ naõ somete alegra hũa, liza afflicta
 Mas anticipa o Placido Marfeo.
 Abi (que seja sempre o Ceo permitta)
 Peja vos occupai des no diuino
 O mõe, o valle, o bosque vos incita
 Incitauos o rio cristalino
 A plãta a flor, o bicho, o passarinho,
 E a fonte, que murmura de continuo.
 E tendes o Egypto por visinho
 Onde podeis gossar celette sumo
 No pobre, & penitente Capuchinho
 Finalmente senhor, que me resumo
 Qu'outra vida naõ ha q̃ mellhor seja
 Posto q̃ a todas vou lãzãdo o primo.
 Quem a pode lograr que mais deseja?
 A que mando, a que mitra, a que coroa
 A que cousa do mundo tem inueta?
 Do mal abi mais tarde a noua loa,
 Do bem, hi vo la manda o bom amigo
 Ou seja de Madrid, ou de Lisboa.
 Hũa & outra vez afirmo, & digo
 Que na vida do campo corre a vida
 E a lma tambem menos perigo.
 Seberba naõ he vista, nem euuida
 Entre simplez, & humildes lauradores
 Nem falsa hypocresia conhecida.
 Não trazem entre si aduladores
 Que por proueito seu, & alheio danno
 Sempre ao gossio fallaõ dos senhores.
 Não tem lugar o tallo enganoso
 Em escrituras, tratos, & disratos,
 Em ouro, & prata, ne em seda, e pano.
 Ali em va sobejos aparatos

C A R T A XXVII.

Não gastaó o que tem, ~~o que tem~~ tem
 E appellar depois pera Pilatos.
 Emfim senhor, vos escolhestes bem,
 Seja por hũa via, ou outra via
 Tal vida, por agora, vos conuem.
 Concedeus ahí a noite, & o dia
 Branda conuersaçãõ, casta, & suaue
 Com vossa bella esposa em cõpanhia.
 Ella do peito seu vos deu a chaue,
 Vós lha destes tambem do peito vosso
 E assi não tem amor de que s'agraue.
 Ah senhor dom Gonçalo, que não posso
 Tratar desta materia como deuo,
 Tal ando eu, tal anda o tempo nosso.
 Este em qu'estes versos vos escreuoi
 A negocios, qu'importaõ, fuyroubãdo
 Por elles ser mais largo não m'atreuo
 State sano, a Dio vi recomando.

C A R T A XXVIII.

Ao Conde de Monsanto, tornando de
 Castella, estando no seu Paul, junto
 do Tejo.

A Boa vinda, com alegre canto
 Vos dà a Musa minlia, ò seõnor caro
 Illustrissimo Conde de Monsanto;
 Cõuoosco lh'amanhece o Sol mais claro
 Cõuerte o seu Inuerno em Primauera
 A pesar do mau tẽpo escuro, & auato.
 Já Febo a branda lyra lhe tempera
 Ao som da qual, conuersos de susados
 Marauilhas de vós cantar espera.
 Os dias em silencio mal gastados
 Cõ grãde gosto seu, grãde l'auot vosse

Agora nodem ser recuperados.
 Agora que o Patrio Tejo nõsso
 Lograis, a desejada, & rica praya.
 A que por vòs mais rica chamar posso
 O qual de limo ornado, & branca taya
 Bem vistes que deixou o rico teito
 Passando, por vos ver, a antiga raya.
 E ledo o largo campo achou estreito,
 Medido pellogosto sem medida
 ã cõcebo de vòs denti o em seu peito
 A belleza que tinhaõ ja perdida
 As suas bem nascidas varias flores,
 conuõsco lhe serã restituida.
 Tornarã a cantar os seus pastores
 Ao som da sua branda, & doce vea
 Ora queixas d'Amor, ora fauores.
 Pallemo chamarã por Gallat: a
 Sospirando em vaõ; em vaõ Alcido
 Por Syluia escreuerã versos n'area.
 Tyreno cantarã fauorecido
 Da branca Filles; & de Marilia bella
 O Pastor que no Lyma foi nascido.
 No silencio da noite Fillomella
 Ouireis derramar magoas antigas
 Nos verdes besques habitados della.
 Ceres com larga maõ louraç espigas
 Vos apresentarã de anno, em anno,
 E Flora lindas flores, sem ortigas.
 E aquella que do padre soberano
 Da cabeça naceo, & o nome deu
 A patria do valiente Heroe Tebano.
 E d'ora vos serã do fruto seu
 Sempre, qual foi agora, como soube
 Do bõ sabrinho vòsso, & Senhor meu.
 Aquelle quem taõ alta sorte eoube

C A R T A XXVIII.

Que lhe dá das mudanças de *Py*leo?
 Nem de Plutaõ q̃ Profecia fõbe?
 Que lhe dá que das mesas de Fineo
 Rebatem o comer çujas arpias
 Despejando, sem pejo o ventre cheio
 Que lhe dá que governem Monarchias
 Os filhos da fortuna, se com tudo
 Nunca tem pera si, noites, nem dias?
 Do mando foge mais, o mais fefudo
 Escolhe acomodado apartamento
 Onde se faz ao mundo cego, & mudo
 No campo nunca falta entretimento
 A caça vem buscar, sem ser buscada
 Seruindo de prazer, & mantimento.
 E quando ja vos cança, ou vos enfada
 Não vos achais em parte taõ remota
 Que chegueis a deshoras â poufada.
 Ahi com mã tençaõ ninguem vos nota
 Se bem, se mal andais acompanhado,
 S'a Balona vestis, s'a Marquesota?
 A mesa não vos vem comer conprado
 Mas o Perú de casa, & o Carneiro,
 O Leitaõ nouo, & o Capão ceuado.
 Com oliueira antiga, ou souerciro,
 Ahi Vulcano coxo, vos defende
 Desses terribéis frios de Janeiro.
 Ahi gato por lebre não vos vende
 O voſſo comprador, nem vos vazia
 A bolsa, quem a sua encher pretende.
 Quem vos visita ahi não vos desuia
 Da fuaue lição dos bons autores,
 Ledes de noite ao fogo; ao ſol de *ma*
 Em Homero achareis grandes lououres
 Do fero Achylles, & do pio *neas* (res
 Em Virgilio outros faes, cu *ada* mō-
 zquelle

CARTA XXVIII. 11

E aq[ue]lla quem mandou abris as veas
 O cruel Nero, cantará chorando
 As batalhas ciuis de sangue cheas.
 Quidio com seu verso triste, & brando
 Do seu desterro tratará queixoso
 Por Corina, & por Roma sospirando
 E o vosso sobre todos mais mimoso,
 Ahi conuersareis mais de continuo,
 Digo, o suave autor do furioso.
 Trocato que fogeito achou diuino
 Pera mostrar os seus altos conceitos,
 Cantando de Gofredo, & d'Alladino.
 Petrarca, & Sanazaro cujos peitos (na
 O douto Apollo encheo d'alta dontri
 Obêbo, & o Lazo, ao mesmo apollo a-
 Veronica, cõ Laura Tarracina: (ceitos.
 E aquella famosissima victoria
 Que sobre o nosso Sol, o seu empina.
 Dos nossos deixo algũs dignos de gloria
 Porque vou sendo largo, & porq̃ sey
 Que de todos os bõs tendes memoria
 Emfim sempre senhor vos louuarey
 Essa quietação, a que vos destes
 Se nella de vòs mesmo fardes Rey.
 Não ha que dizer mais, senão q̃ prestes
 Estou, pera servir; qual sempre estiuẽ
 Em tudo quanto vos de mim quisestes
 No tempo que de vòs mais fauor tuẽ.

CARTA XXIX.

A D. Christouão de Moura.

S Enhor em todo tẽpo, em toda idade
 Diante de Reys, diante Imperadores

C A R T A XXIX.

Tiuerão sempre as Musas liberas de,
 Ou pera celebrar com seus louvores
 Aquelles que por seus illustres feitos
 De fama vem a ser merecedores.

Ou pera reprehender claros defeitos
 Doutrou, q' a torpes vicios entregaraõ
 As obras, as palauras, os conceitos.

Naceo daqui que tanto as desprezaraõ
 Os de pouco saber, no tempo nosso

Quanto os Sabios antigos as hõraraõ
 Por esta tal razaõ, com razãõ posso

Louuar, sem parecer que vos grangeo
 A'tas virtudes vossas, saber vosso.

Es' alto espirito, d'alto auiso cheio,
 Humil.le, & liberal, brando. & suaue,
 q' pera bem domundo, ao mûdo veio.

A quẽ o grã Monarcha entrega a chaue
 Dos segredos reays, e n quẽ descansa
 Do peso do governo duro, & graue.

O mil vezes bein posta confiança
 Nli peito puro, & firme; acomodado
 A todo bom, que o bõ iuyzo alcança.

Todos tem ja de vos isto notado
 No provello das cousas espantosas
 Onde ãmortal louvor tẽdes ganhado.

De Lusitania as Musas mais fermosas
 Vos deuem a tal conta eterno canto
 Que serã se de vós forem mimosas?

Sõ com vosso fauor sobiram tanto
 Qu'espantem as mais altas peregrinas
 Que nos encherã sãpre d'alto esno

As suas puras fontes cristalinas
 Pera vós, de continuo iraõ regando

Os lyrios, as violas, as bonifas.

A fama, com tal som irã cantando

Moura o apellido, que não moura
 Por mais o tempo vá tudo gastando
 Des onde a manhã nasce brãca & loura
 Tè onde o grão planeta luminoso
 No cõtrairo Orizõte as nuues doura.
 Foy logo o vosso nome grandioso
 Hum presagio muy claro de grãdeza
 Do vosso heroico e'pirito generoso.
 No qual influe o ceo, & a natureza
 Tal valor, tal prudencia, & cortesia,
 Tanta bõdade, em tudo, & tal pureza.
 Que por mais que vos louue scõ porfia,
 Outro, mais q' o meu silbido ingenho
 Não ficará mentindo a Poesia.
 Mas tome o seu dourado curuo lenho
 D'Anfriso o pastor louro, & por mim
 cantê,

(tenho
 Em quãto em queixas minhas vos de-
 Quem auerã senhor que não s'espante
 De não serdes às Musas hum Mecenas
 Se no mais, cõ mór Rey hides auante?
 Tanto como das armas, das Camenas
 Os famosos do mundo s'ajudaraõ,
 Por ambas florecerã Roma & Atenas,
 As Musas os seus nomes conseruarã
 cairaõ os soberbos edificios.
 Que pòr memoria sua nos deixaraõ.
 Do que foy as estatuas saõ indicios
 Mas mudos, & sem luz, ellas ao viuo
 Nos mostrã d'hũs virtudes, doutros vícios
 O q' lhes dà favor, dalhes motiuo (cios.
 Que ser tão altamente celebrado
 Que vença o tempo auaro, & fugitiuo.
 Confesso que muito ja me tendes dado
 Mas confesso tãbem qu'inda me vejo

ao pelo da miseria estar arado.
 A miúdo não s'estende o ~~prazo~~ jo
 Não presumo de mi q' em vaso estreito
 Recolher posso, o Douro, o Lyma, & o
 Sô a poder viuer tenha respeito (Te)
 Antes, qu' em mór miseria a vida caya
 Com pouco fica o pobre satisfeito.
 Daine, q' hom Christouão porque faya
 Do pègo, onde cahi, por não ter guia
 A mão, & chegarei com vida à praya.
 Descuido, ou mayor falta inda seria
 Faltarme em regia casa, pão, & pano
 como quando serui em Berberia.
 Sendo vós do gouerno soberano
 Della (com ração) mais eminente
 Pera bem deste Reyno Lusitano.
 Fartaine, cantarei suauemente,
 Banhado no licor da clara fonte,
 O que n' agora a fome não consente.
 Ou seja em baixo valle, ou seja em môte,
 Em rio, em câpo, em casa, ou em floresta
 Sêpre acharei de vós q' cãte, & conte.
 Fazei cõta señor, qu' el Rey m' empresta
 A merce, que por vos delle pretendo,
 Porque de vida ja pouco me resta.
 Hide, pois que podeis fauorecendo
 (como sêpre fazeis) ós q' não podem,
 Porq' vos fique mais o ceo deuendo.
 As merces aos seruiços s'acomodem
 acodindo com tempo, ao pobre affito
 Qu' ao rico, a qual mais, todos acoda
 Materia dá o ceo a vosso espirito
 Pera se nos mostrar tal na largueza
 Qual sêpre no bõ feito, & no bõ ditto
 Não nega a vossa branda natureza

Olhos a ninguém, nem os ouvidos,
 Nunca de vós se parte cõ tristeza.
 Os da fortuna menos conhecidos
 Esses (ò grão bõdade, ò exemplo raro)
 De vós são muito mais favorecidos.
 E ja isto ouuio de mim aquelle claro
 Espirito, cuja luz o Ceo esconde
 Que na terra foy vòsso amigo caro.
 Aquelle valeroso, & douto Conde
 A cujo nome o seu cantado Lessa, (de
 E o grão Douro, cõ grãde amor respõ-
 Emfim senhor, Fortuna ja confessa
 Ser vencida de vós, & superada,
 A sua roda ja conuofco fessa.
 E a cega & triste inueja em uergõhada
 Em escuras cauernas se retira
 Porq̃ não tem em vos q̃ mor der nada
 E posto, que do bem doutros sospira
 Ia lhe não doe o nosso, porqu'entẽde
 Como contra virtude em vã cõspira.
 Do seu mortal veneno vos defende
 Zello do bem cõmum, mãos liberaes,
 A quem ella s'humilha, a quẽ se rãde.
 Mas porque temo ja (se m'escutais
 Que vos posso de largo dar fastio,
 Não vos quero agora enfiar mais.
 A outros mil lououres certo o fio,
 Porẽ como souber qu'ouuis meu cãto
 Eu vos não deixarei no Lethes rio
 Que de tantos no mũdo encobre tãto.

CARTÁ XXX.

A Gaspar de Sousa Sobrinho do mesmo
dom Christouão de Moura.

S. Enhor Gaspar de Sousa, confiado
Em vós, por quẽ vós sois, esta lêbrãza
Vos faço; de mim ja desenganado.
Sabẽ quem leuanta a esperança
Ver q̃ quẽ grita mais, mais importuna
Mais q̃ quẽ serue, & calla tudo alcãza
Pois que vos fez o Ceo minha coluna
Sostentarme na vltima ruyna
A que me vai chegando a má fortuna.
Leuame (como dizem) à picina
Pera poder sarar de hũa doença
Que tem ter que gastar por medicina
Por vós, vosso bo'n tio que despenfa
As merces do grão Rey cõ justa vara
As Musas liure ja de tal offensa.
Se fora por mim só dissimulara
com rainha necessaria pertençaõ,
Ja que pobre nasci, pobre acabara.
Por m'a coningal' obrigacaõ
Me moue a requerer, antes m'obriga
Por ley divina, & natural razaõ.
Ja quãto a my, não sey q̃ mais vos diga,
Mas quãto a vós hẽ sey q̃ não merece
Esquecimento hũa amizade antiga.
O honnor vos serã grande inrecessã
q̃ s'ẽpre das merces he premio digno
Com q̃ mais a nobreza s'engrandece.
Quem pôde fazer bem, bem he mofo

E passar deixa a Ninfa fugitiua
 S' ~~se~~ das tranças d'ouro fino.
 A fama da virgude se deriu;
 Rico poderá ser, mas não amado
 Quem das proprias riquezas se catua
 O grande Macedonio, tão cantado
 De todos muito mais por liberal
 Que por señor do múdo he celebrado
 Que val o que mais tem, & o q' mais val
 se só pera si val, pera si tem?
 se trata a outré mal, & a sy mais ma?
 Bem sey que vou confuso, mas porém
 Não entendals senhor que desuario,
 Nem menos q' me queixo aqui d'algue
 Que nunca me queixey, antes me rio
 Daquelles, que sem causa queixar vejo
 Entenda mi chi puo, chi m'entêdo id.
 Cõ Midas não conforma o meu desejo
 Nem tenho como Crasso sede d'ouro,
 O pouco me parece inda sobelo.
 Não morri nunca por juntar tisonro,
 Nunca pretendi mais que defenderme
 Da grã fome, & do frio de q' mouro.
 Se vejo, como espero responderme
 De maneira que possa a mais quieto
 Co as Musas em ocio recolherme.
 De juntar os hõs versos vos prometo
 Dos Poetas insignes Lusitanos
 Arouados por Febo, em seu decreto.
 Entr'os quaes se verãõ inais soberano
 Os doutro tio vossõ valeroso
 Que feneceo nos campos Africanos.
 Pera quem foy alegre, & glorioso
 Aquelle funeral, & turuo dia,
 Que pera nós foy triste, & lastimoso.

CARTA XXX.

A fama, que no mundo pretendi
Ali a conseguio, com segurança
Morrendo com seu Rey em Berberia.
Iã não (por mais q̃ tudo tem mudança)
se pôde endurecer sua branda pena,
Nem menos abrandar sua dura lança
E se por vós inda no Ceo s'ordena
Que na terra os meus versos appareçam
Nunca nelles terá parte pequena.
Mas quero aqui dar fim onde começo
Lagrimas a turbarme abaixo ingenho
Antes q̃ com tamanho impeto creço
Que rôpão tudo quáto escrito tenho.

CARTA XXXI.

A Pedr' Aluréz Pereyra.

SE passa esta occasiã, como tégora
Outras muitas, por my tẽ ja passado
Nãõ se m'offerecer, melhor me fora.
Mas eu senhor estou muy confiado
Que defateis com vosso claro auiso
O nõ com qu'ã miseria e stou atado.
Fauores mendiguei, com choro, & riso,
Daquelles de q'esperei poder valerme
Ora fallei de graça, ora de siso.
Mas inda que podera conuerterme
Em mais diuersas formas que Protheo
Nãõ me ficara mais q̃ arrependermẽ
Escreuem que nas agoas do Letheo
A fortuna mergulha os que sublima,
E pello que delles sey alsi o creh.
Orey ao tom do Tejo, & ao sũ de Lyria

C A R T A XXXI.

115

Certezaõ som do ferro em Berberia,
 Que me valeo alegre, ou triste rima?
 Quando tinha valor a Poesia
 Sospirava Alexandre por Homero,
 E Cesar a Virgilio enriquecia.
 Eu por ventura em ouro beber quero?
 Ou servir-me com prata figurada?
 Nunca pretendi tal, nem tal espero.
 Por ventura desejo ver cercada
 De requerentes nescios agcauados
 A porta, ou á falla pasteada?
 Por ventura por meios infamados
 De moyos vou juntando grãde soma,
 Pera deixar meus filhos cõ morgados?
 Senhor o meu desejo he ter que coma,
 E cuido q̃ mereço o que desejo, (ma.
 Pois não he desejar ser Papa; em Ro-
 Neste particular ey por sobejo
 Tratar d'outras inopias que padeço
 No vltimo da vida em que me vejo.
 Finalmente senhor, o que vos peço
 He hum remedio meu com breuidade
 Hum justo galardão do que mereço.
 Tomai este negocio de vontade,
 Que não sofre descuido o mercenario
 .Nem largas esperanças, larga idade.
 Ditoso o que no valle solitario
 Passa em silencio a vida; satisfeito
 Do que pera viuer he necessario.
 Não mostra (com industria) cõtrafeito
 O rosto, da tenção muy differente;
 Qual nas palauras he, tal he no peito.
 Nem dá que murmurar á cega gente;
 Nem tem de que temer adulaadores;
 E sem adulaçãõ diz o que sente.

C A R T A XXXI

Se nesta engrandecer vossos louros es
Tè vòs direis de mim, que sou o
De pretender de vòs novos fauores.

Digo que seja assi, tambem no Ceo
Os santos não engeitão ser cantados,
& o inferno com canto se venceo.

Cuido que pera vòs tinhaõ guardados
Os mens socessos maos, seu vencimêto
Por ficarẽm vencidos mais honrados,

Nos fruitos desse raro entendimento
(Que o vòsso puro amor de my fiaua)
seguro o que me ditta o pensamento.

Quem hõras, quẽ fauor me não negaua
Quãdo a paterna mãõ, nada encolhida
As altas merces regias despensaua.

Agora que mais pôde quem duuida
Que me negue despacho acomodado
A poder sostentar a pobre vida?

Ja vejo o brando Febo aluorogado
Incoroar de novo a lyra d'ouro
Onde delle, por mim, sereis cantado.

Dos seus versos abrindo o môr tesouro
Espalharã no mundo a vòssa fama
Celebrando Pereyra, mais q̃ Louro.

Ó nobre, ó generosa, ó antiga rama
A vòssa fresca sombra ache descanso,
Quem casado vos busca, louua, & ama

sempre respire em vòs Zephiro manso,
Benigno, & brãdo o sol sêpre vos seia
sêpre vos erga o Ceo de laço em laço.

Toda Ninfa de vòs Jeda se veja
Tecer, com alua mãõ frescas capẽs,
A palma, Oriental vos tenha inueja.

Fauor tenhais da Lua, & das Estrellas,
Derrame a bella Aurora do susco
celeste.

Este corualho em vossas folhas bellas
Dizem que penetrou o tracio Orfeo
A negra reglão por sombra escura,
Mas que se triste foy, que triste veo.
Qual fera não moueo, qual pedra dura
Chorando o triste caso da consorte
Que teue em seu amor pouca v̄tura.
Leuouha dantre viuos cruel forte
File pella tornar de nouo à vida
Ante mortos a busca, antes da morte
Toda a corte infernal ficou vencida
Ouvindo o som da lyra o cãto brãdo,
Toda a pena das almas suspendida.
Na pedra com q̄ sempre anda lidando
Se ffo se sentou, tomando acento
Sobre quem o cansava descansando.
Cessou do seu contino movimento
A roda d'Exion, & as dos eriuos
Deixaram de seguir seu v̄o intento.
Das agoas, & dos Pomos fugitiuos
O auarento Tantaló perdeo
Os famintos desejos sempre viuos.
Por tres bocas Cerbero emudeceo,
E a fera cruel Aguia voante
As entranhas de Ticio não roeo.
Seguro passa o magoadó amante
Por Tifison, Alletó, & por Megera,
Chegou a ver o Rey do maó s̄blante.
De nouo a branda lyra ali tempera,
Ali mais solta a maõ, & a voz afina,
Ali onde seu bem cobrar espera.
Bueo com brandó rogo Proserpina
O marido cruel, Rey encuberto
Tanto que darlh'a esposa determina.
Deulha o feo Rey, mas com concerto

CARTA XXXI.

(Ah concerto cruel, merce peceena
 Antes concerto não, en concerto.)
 Que por todo o caminho onde se pena
 Leuando a tras si, a não veria
 Atè sahir co ella à luz serena.
 Elle que polla ver v'ia morria,
 Querendo já sahir ao dia puro
 Virouse pera ver s'ella o seguia.
 Logo como delgado fumo escuro
 Alongandose foy o leue espirito
 Conforme ao pacto do tyrano duro.
 Ficou soando hum doloroso grito
 Não canses mais Orfeo por mudar
 Oque já de my tem meu fado escrito
 Tres vezes, triste foy per'abracar
 A fugitiua esposa, & outras tantas
 O vento abraçou em seu lugar. (tas
 Quátas queixas d'amor, lagrimas quã-
 Tũ infelice Orfeo derramaste
 Bem o sabem as pedras, bẽ as plantas.
 As plantas, & as pedras que leuaste
 Apos o teu suaue, & doce canto (ste.
 Tygres, Leões & Dragos qu' amansa-
 Pois Orfeo qu'em verso pode tanto
 Como mostrando suy neste progresso
 Em vez qu'esperana alcançou oranto
 Que posso eu esperar do que lã peço.
 Faltandome senhor o fauor voſſo.
 E não serlhe igual no mau soccesso;
 Que no bom câto sey q ser não posso.

CAR

10

C A R T A XXXII.

A Ioaõ Rodriguez de Sã de Meneses,
da jornada que fez Pero d'Alca-
soua Carneiro, a Castella,
por mandado del
Rey dom Se-
bastião.

S Enhor, pois me mandais, inda q' vejo
A quanto s' aventura quem escreue,
Em tudo cumprirei vosso desejo,
Por quem auenturar tudo se deue.
Amor, que do meu peito afasta o pejo,
E o peso do trabalho torna leue,
Me faz tomar a pena, confiado
Que me desculpa ser por vós manda do.

Por isso á vossa conta, senhor, pôde
Esta vontade sò, muito mais cara
Que não o proprio dom. q' corresponde
Com outro, que se fez já d'agua clara:
E pois a vosso espiritu não s' esconde
O lume da doutrina pura, & rara,
Dey luz ao meu Poema, porque seja
Seguro da nociua, & cega inueja.

O Febo, se te moue humano rogo,
Inspira (porque teu poder se crea)
No frio peito meu, teu brando fogo,
E bre no duro ingenho noua vea,
Porque com teu fauor mostrando logo
As horas, que imprimi na minha idea
Daquelle espiritu raro, onde descãfas,
Pague, e j' parte, merces, pagu' esperan-
(Gas. E VÓS

E vós brandas Irmãs, q̄ tanta estima
 Fizestes já da minha a cresta
 Quin lo da bella sylua, ao só do Lyma
 Andou cantando quem por cá sospira;
 Aleuantai agora a baixa rima,
 Que de tam longe anoua gloria aspira;
 Que se me vós guiais esperai deno,
 Que não canse meu verso aquê escreuo

Não cantarei aqui fabulas vaãs
 De nouidades sempre tam amigas,
 Que vem a conuerter homês em raãs,
 E tornaõ a fazer homês de formigas.
 Verdades cantarei, verdades chaãs
 E vistas por meus olhos, não antigas
 Da jornada que fez o bom Carneiro.
 Dos Alcaçouas tronco verdadeiro.

Este chamado Pedro, em cujo nome
 Tam firme vejo os seus dons apellidos,
 Que por mais q̄ passe hũ tẽpo, outro al
 Sẽpre seraõ por elle esclarecidos; (some
 Este de quem o auiso exemplo tome,
 A quem reays fauorês são deuidos,
 Mandou (porque mais deste participe
 El Rey Sebastiaõ) a el Rey Felipe.

(to
 Qual foy desta embaixada o fũdameẽ
 Menos, quem souber mais, o affirmaria;
 Hũs dizem, que del Rey he casamento,
 O que se fosse assi graõ bem seria;
 Outros, porque se tome hũ nouo aseto
 Nas coufas de Maluco, & sem porfia
 Se determine. sendo a causa vista,
 A qual dos Reys pertẽce esta cõquista.

~~Com~~ cre leuemente lo qu'imagina,
 Alheo parecer tem por infania,
 E diz, que totalmente determina
 ElRey passar de nouo à Mauritania;
 Onde da torpe ley seja ruyna
 A gente da temida Lusitania;
 E para dar melhor expediente,
 Manda pedir em dote ao tio gente.

Outros, que seguem outra opiniaõ,
 Cuido que chegaõ mais perto do fito,
 Dizendo (para o que mil razões daõ)
 Que vem a tudo quanto tenho dito:
 E segundo do Reyno as cousas vaõ,
 Este seu parecer ao meu admitto,
 Que tudo pode ser, mas o que for,
 O tempo o mostrarà cedo melhor.

Deixando o leue pouo desta vez,
 Em seus varios discursos ocupado,
 Este meu bom Mecenas Portugues,
 A cuja lombra cãto descansado,
 Partio à dias, sobre dez
 Do mes em quãdo o sol mais impinado
 Roubando a Madre terra cõ seu rayo,
 A graça, que lhe dà Abril, & Mayo.

De Lisboa partio eom tal louvor
 De grandes, & pequenos gèralmente,
 Que sempre lembratà, em quanto for
 A neue branca, & fria, o fogo ardente:
 Deziaõ todos, nunca embaixador
 Leuou tam escolhida, & tanta gente,
 Em boas horas vã, em boas venha;
 Venturgio successo em tudo tenha.

C A R T A XXXII. 0

De dous genros q̄ tem, q̄ puõdade
 De tam illustre sangue p̄ncos veio,
 Onde a nobreza mora, onde a bõdade.
 Nas obras mostra sempre o bõ deseje,
 Acompanhado foy des a cidade
 Tè hum lugar fronteiro em Ribatejo,
 Das ondas de Neptuno combatido,
 Que de Galiza toma o apellido.

O mesmo fez o seu filho mais velho,
 Que por certos respeitoz naõ foy mais
 O que de raro auiso, alto conselho
 No processo das cousas dá sinais:
 Cortesaõ, liberal exemplo, & espelho
 Vos que buscaõ louuor por lerẽ tais,
 Em tudo tal emfim, que se vè nelle
 Ser digno de tal pay, & tal pay delle.

Outro de menos annos, naõ de menos
 Partes dignas d'amor, & de lêbrança;
 Que já mostrou nos câmpos sarracenos
 A sua larga maõ, sua forte lança,
 A quẽ grandes louuores saõ pequenos,
 Tais graças, tal saber, do Ceo alcança
 Seu pay acompanhou nesta jornada,
 Por elle (com razãõ) mais celebrada.

Dous sobrinhos tambẽ leuou cõsigo
 Ambos famos d'hũ ramo verdadeiro,
 Dum tronco, q̄ no Reyno he tam antigo
 Que foy antes dos Reys nobre primeiro
 Por mais me declarar. Tauoras digo,
 Hum, & outro auisado, & cauallero,
 Que podẽ merecer em qualquer parte
 Mil honras de Cupido, mil de Marte.

E sendo

E de vinte & sete os que leuou
 De castanho fômente; por ventura
 O que mais sobre tudo se notou.
 Foy ver, que todos d'elle eraõ feytura.
 No que claro se vê quanto acertou
 O que criados seus fazer procura,
 Pois quando os hauster certos os tẽ,
 No prazer, no pezar, no mal, no bem.


Se naõ ponho seus nomes por escrito
 Naõ me deuem culpar, que hẽ ollhado
 Seria processo largo, & infinito,
 E naõ itenerario abreuiado;
 Quãto mais q̃ naõ sofre o meu espirito
 Auenturarme a que hum desconfiado
 Diga que sua honra lhe tifei,
 Se no fim da estancia o nomeei.

Daqui deste lugar no mesmo dia
 Declinando já Febo se partio,
 Depois que com amor, & cortesia
 Dos genros, & do filho s'espedio,
 Depois que cada hum dos que trazia
 A modo de caminho se vestio
 Em calças, & gibaõ, capas de couro
 Guarnecidas de seda, prata, & ouro.

Com noite escura já chega a Lãdeira
 E parte, embranqueando o Orizõte,
 Deixa o valle atras, deixa a ribeyra,
 E deixa a villa, a que deu nome omõte.
 Arroyolos, Estremoz, & a guerreira
 Elvas, que Badajoz olha defronte;
 Por onde Guadiana rio brando
 Os cõpos de dous Reynos yay regado.

Entra

C A R T A XXNII.

Ente  por Castella, já descobre
De Merida os Romanos edificios,
Que de ser noutro tempo coufa nobre
Inda assi ruynados dão indicios
Logo Tursilho vê, que não s'encobre,
Famoso por equestres ~~exercicios~~ exercicios;
Vay adiante mais, tanto caminha,
Que passa Tallaueira da Raynha.

Mas onde ficas tu famoso Tejo,
Pois antes de chegar a Tallaueira
Por hũa bella ponte passar vejo
A tua fermosissima ribeira?
Ah do meu doce amor, do meu desejo
Secretario fiel, nunca o Ceo queira
Que fiques em meus versos esquecido;
Que só por ti serei melhor ouuido.

Inda que de lēbransas tam continas
Colhas, ô claro Rio, pouco fruyto,
Empremio (se d'algũ premio saõ dignas)
Não te deixes por cá descansar muito:
A Lusitania dá tuas ricas minas,
Leua dobrado agora o teu tributo,
Que não pagas com menos te direi
O seres tributario de tal Rey.

Em tanto ao nosso Alcagoua tornãdo
Mais villas, mais lugares do q̃ aponto,
Hum dia, & outro dia foy passando,
Que passo, porque saõ de menos cõto.
Em toda parte sempre acrescentando
Lououres a seu nomẽ alegre, & pronto
A toda cortesia, com largueza
Cousas, que mais q̃ tudo, estima, & preza
Passados

C A R T A XXXII.

110

Passados dezaseis ja da jornada
 Hia dando principio a hum nobre dia
 A filha de Titaõ, alua, & rosada,
 Quando o real Madrid, apparecia,
 Madrid, onde a famosa, & celebrada
 Corte, de graõ Felipe residia,
 D'hum rio dond'o sol desce rodeado,
 E donde torna a nòs d'hũ frescoprado.

E porque tinhaõ dantes entendido
 Como naõ entraria na tal hora,
 Naõ foy de tod'acorte recebido,
 O que se fora â tarde certo fora;
 Apenas dom Christouaõ, preuenido
 O veyo receber, da villa fora
 Dõ Christouaõ da clara estirpe Moura,
 q' noutra patria, a nossa illustra & doura

Fosse apear co elle, que lhe tinha
 Pousadas prestes ja; & tudo estaua
 Como pera tal hospede conuinha,
 Como conuinha a quem o hospedaua.
 Logo ali tod'acorte a vello vinha,
 Hum sõ digno de nome não ficaua;
 Cõdes, Marqueses, Duques nã faltaraõ,
 Todos pessoalmente o visitaraõ.

De todo embaixador de Reino, & estado
 (Que de toda naçaõ buscaõ Hespanha)
 Foy como cousa rara, visitado,
 Com grand'espanto, & correfia strana
 O de Veneza, em traje sinalado;
 O de Genoua, o de França, o d'Alemanha
 De Mantua, de Ferrara, aly vieraõ,
 Mas todos a mör honra go nollo deraõ

ESTAVA

C A R T A X X X I I .

Estava o defensor da Christyade
 Felipe inclito Rey, no Escorial
 Hum templo de tamanha magestade
 Que nunca o desenhou Vetrúvio tal.
 Onde encomendar a eternidade
 Pretende o que lhe coube de mortal,
 Junto do Inuicto pay grã Carlos quinto
 Neste nouo Mausolo, ou Laberinto.

E como Sayas, com presteza infanda,
 Sayas seu secretario, o auisasse,
 De là, com lhe mandar a boa vinda,
 Mandou, que do caminho descanasse.
 Que logo o mandaria hir assi, inda
 Que pera Balsaim daly passasse,
 Balsaim, que Segouia tem vesinho,
 De Madrid, treze legoas de caminho.

Hú bosque tã guardado, & tã sóbrio
 Que neile de continuo estã seguro
 O verde pasto do calmoio Estio,
 Do duro ferro o troço antigo, & duro
 As fontes delie, vão criando hum rio
 Onde no transparente cristal puro
 Mi! Antedõs a sua sombra vem
 Sem espanto de si, nem de ninguem.

O Gama a fresca sombra ali rumia,
 Outr' hora ao rasosie da espessura,
 A sede vay matar na fonte fria
 Depois de satisfeito da verdura,
 Do curso natural naõ a desuia
 Eruada setta, nem pellora dura,
 Que forçada de fogo, ou d'as o forte
 Sempre conuzo leue triste morte.

O animal

O val feroz q' em branco dente
 Tamanha furia tras cu' estraga tudo
 Pafce, por onde quer seguitamente
 Sem helic se timir' o ago agudo
 O medroso coelho & a innocente
 Lebre que de seus pès faz seu escudo,
 Ally saltaõ, & brincaõ, sem temor
 Las manchas do astuto caçador.

Ally o branco Cirne logra, & ama
 Do cristallino lago a segurança
 Geme, sem medo a colla em verde rama
 a pomba do voar ally descansa.
 Seu çanto Fillomella ally derrama,
 E a Perdiz q' da quèda têm lembrança,
 Inda qu' engelta a faya, o freixo. & o pi-
 No chão seguro tē seu caro ninho. (rhu

No melo deste bosque, situados
 Estaõ hús bellos paços, bellos certo
 Nos aruores sombrios tão cercados
 Que não se deixão ver senão de perto;
 Com tão nouo artificio fabricados
 Que julga quen los vè nūm tal deserto
 Serem obra d' alicina ou d' atlante,
 Aquelle tão famoso nigromante.

Onde lindos jardins; cultura & arte
 Tem sempre de mil flores copiosos;
 Por mais qu' o tēpo auaro, noutra parte
 Roube da bella flora os dōes feruosos,
 Por canos d' allabastre se reparte
 Em tanques d' aeulejos, muy lūziosos
 Muy larga copia d' agoa, que conserua
 A natural belleza a flor, & a crua.


C A R T A XXXII.

Depois que o grande Rey aly chegou
 Passando poucos dias da chegada
 Ao nosso Embaixador dizer mandou
 Que lã lhe fosse dar sua embaixada:
 Ouindo tal recado não tardou,
 Como cousa ja delle desejada,
 Parte, cõ dô christouaõ em cõpanhia,
 Porque sua Magestade assi queria.

Iã passa de Fonfrida, a verde fronte
 Serra que com razaõ tal nome teue,
 Porque no cume seu nasce hũa fonte,
 Que vence (em se tocando) a fria neue;
 Deixa o real bosque ao pê do monte,
 A segouia se vay em tempo breue;
 Cidade duas legoas mais auante
 De finissimos panos abundante.

Ally lhe veyo logo outra licença
 Que às horas que fosse limitaua,
 Diante da real alta presença
 Que com grand'aluoreço o esperaua.
 O tempo co caminho assi despensa
 Qu'ao proprio limitado lã chegaua,
 Que soy quando depois de meyo dia
 A negra sombra às duas já descia.

Hiaõ co elle os seus, & todos hiaõ
 Sem auer differença nos vestidos,
 Com capotes de raxa se cobriaõ
 De veludo negro eraõ goarnecidos,
 Roupetas de cetim, que descubriaõ
 Altos da mesma seda, onde tecidos
 Differentes lauores se mostrauaõ,
 As meyas de retroz nelles pegauaõ.

Por cima das quais meias outras meias
 Leua  por limpeza da luo linho,
 As bottas eliradas com correas
 Assim como costumão de caminho.
 Reluziaõ nos hombros as cadeas
 Do metal, por quẽ sobre hũfracopinho
 Por meyo do inquieto mar profundo
 O cobizioso vay cercando o mundo.

Chapéos de tafetá, cayrel, & trança
 Deste rico metal tirado em fio
 Onde faziaõ prumas tal mudança
 Como as folhas do alemo sombrio
 Quando tão pouca força o vëto alcãça
 Qu'apenas moue, o doce, & manso rio
 Mouendo a saudosos sentimentos
 Aquelles vagarosos mouimentos.

Ricas espadas leuaõ, & douradas
 Em tallabartes ricos, & dourados,
 As mangas dos giboës fõra lançadas
 Dos gibões de cetim preto, picados
 Elles, & as roupetas botoadas
 Cõ borões d'ouro, & perlas realçados.
 Porem lustrava mais que tudo isto
 Leuarem seys, seys habitos de Christo.

Chegando deste modo, ja queria
 Decer fora dos paços, no terreiro,
 Quando sahio o Conde de Bondia
 De sua Magestade Camareiro;
 Dom Diogo de Cordoua, que seruia
 A mesma Magestade d'Alfribeiro
 Ally veyo tambem & tambem vinha
 O Ayo dos Irmaõs da grãõ Raynha.

Estes o receberão, & o leuarão
 A hūas fermolissimas lóreas
 Que pera ti grão Rey se fabricaraõ,
 Onde nas mores calmas te recreas.
 Ally as presas agoas se soltarão
 De Sarytos mázigos, de Napeas
 Que com doce murmúrio s'escordiaõ
 Nas urnas de crystal onde cahiaõ.

Não fez na fresca quadra, mais demora
 q̃ em quãto outro vestido lhe foi dado
 q̃ do Cõde, & d'os mais na propria hora
 A lua Magestade foy leuado:
 Nenhum dos que leuou ficou de fora,
 Entra o mais medroso mais ousado,
 Estaõ portas abertas, não ha goarda,
 Entrão tẽ onde em pẽ, elRey agoarda.

Mas antes que daqui o passo mude
 A quem pedirey eu, quem me darã
 Socorro tal que minha voz ajude
 Que sinto que me vay faltando ja?
 Ah branda Syluia minha, aqui m'acende
 Hum nouo alẽto, hũ nouo som me dà,
 Agora que me vou chegando tanto
 Ao mais difficil ponto do meu canto.

ElRey, como ja disse em pẽ estaua
 Olhando pera quantos entrar via,
 O vestido que tinha a quem olhaua
 De corte não de bosque parecia.
 Pardas eraõ as calças que calçaua,
 O gibão tambem pardo que vestia:
 Capatos tinha brancos, & collẽto
 Tudo de cordonão, mas era preto.

Mais tinha, se da vista bem m'ajudo
 Ao parecerço, a diuisa do Tosaõ,
 Na cabeça hũa gorra de veludo
 Alta, que dizem ser delle inuençaõ.
 Hum farraguello negro & da a a tudo
 Tal graça, que contendem, com razaõ,
 Fortuna, & Natureza: sobre qual
 Coelle se mostrou mais liberal.

Ally estauaõ, cubertos, dous Senhores
 Que sãos, se n' mais ninguẽ, cõfigo tinha,
 Ambos o que notei, mordomos mōres
 Das Magestades, delle & da Raynha.
 Seu delle o Duque d'Alua, q̃ dos mōres
 De mōr a preminencia lhe conuinha,
 E o Marques dos Velles era o della,
 Dos grãdes, do grão Reino de Castella.

Mas pera q̃ não sayba do caminho,
 Tanto que fique o verso menos claro
 Depois d'entrarẽ hũ, & outro sobrinho
 E do meu pillar firme o filho caro,
 Depois q̃ dõ Christouão, de padrinho
 A todos tres seruiu, co Rey preclaro,
 Depois q̃ os recebeo com muyto gosto
 Se julgamos vontade pello rosto.

His entra com seguro continente
 Aquelle onde prudencia està segura
 Diante do grão Rey brando, & potẽte
 Fazendo logo entrando hũa melura;
 Tirouhe agorra el Rey tão cortezmẽte
 Como faz a quẽ muyto hōrar procura
 Foise chegando Mais; quasi em giolhos
 Buscou a real mão, cõ mão, & olhos.

C A R T A X X X I I .

El Rey o leuantou muito do
 E os braços lhe deitou quando isto fez,
 Mandoulhe pôr a gorra na cabeça,
 A sua descobrindo ind'outra vez.
 Em tudo (por qu' em tudo o favoreça)
 Tão ledo se mostrou, & tão cortez,
 Que quãtos a tal tempo ally s'acharaõ
 Vendo tal novidade s'espantaraõ.

O prudente orador logo tirou
 (Porque lhe não fugisse a occasiã)
 Hũa carta sellada, que beijou
 E a sua Magestade a deu na mão:
 Com noua cortesia lha tomou
 Por ser do grande Rey Sebastião
 Cujas cousas são taes, q' são bem dignas
 Que tè os Reys as tenham por diuinas.

Naõ sendo esta carta inda bem dada
 Quando fazendo el Rey hũ breue aceno
 A casa foy num ponto despejada,
 Sem nella ficar grande, nem piqueno:
 Ficou ouulndo sò sua embaixada
 Que durou tanto que já o sol sereno
 Tinha quasi decido o que sobio
 Quando sua Magestade o despedio.

Quãto de mdr estimã seja digno
 O saber ond'estã, quanto melhor
 Que pedras preciosas, qu'ouro fino,
 Que toda a mais riqueza essa que for,
 Por quem auenturamos de continuo
 As vilas, & as almas, qu'he pior,
 Cuidando matar sede, d'ouro, & prata,
 Que nunca se matou, que tantos mata.

Por

Por muitos Reys se vê, q̄ naõ lhe tira
 O teu hum nome tal q̄ eterno dura,
 Os quaes est' alto dom, q̄ o Ceo inspira
 Prezaraõ sempre mais q̄ os da ventura
 Senaõ vede Alexandre que sospira
 Quando d' Achyles vio a sepultura,
 Que dera se por ouro se compyara
 Saber que soube dar fama taõ clara?

Que diremos da carta qu' escreueo
 Seu pay ao graõ filosofo no dia
 Que taõ ditoso Principe nasceo,
 Que conquistou do mudo a Monarchia?
 Naõ diz que mais ao Ceo agradeceo
 O darlho em tal tempo que podia
 Ser por taõ grande mestre doutrinado
 Do que lh' agradezia averlho dado?

Fauores, & merces que Octauiano
 A Sabios sempre fez he cousa clara
 Horacio diga, diga o Mantuano
 Se lhe sentiraõ nunca maõ auara.
 O nosso doni Denis Rey Lusitano
 Que no seu tẽpo a ruda Musa empara,
 Quinda assi ruda a fama lhe renoua
 Tambem desta verdade he clara proua.

Mas o refugio certo, & verdadeiro
 Lume deste saber que tanto val,
 Qual foy senaõ o Rey, q̄ foy tercelro
 Do nome do Bautista, em Portugal?
 A quem celebre o mundo por primeiro
 Em sabio, em piedoso, em liberal:
 Emparo do humano, & do diuino
 De fama cã, no Ceo de gloria digno.

Por onde não se deve d'estrachar
 Se com effllo-nouo, & de fuy
 Quis sua Magestade tanto honrar
 A quem ja tinha o foyra tanto yhorado
 Pois como sabedor soube estimar
 Hum varão de tal Rey tão estimado,
 Que delle foy sempre seus conceitos
 Criado (como dizem) a seus peitos.

Tanto que do Real alto conspeito
 Delibedido se vio, sem dilação
 Co d' vna, & de Bondia foy direito
 A cumprir a segunda obrigação:
 Dando claro final o seu aspeito,
 E o gosto que mostraua, com ração,
 Dy ser, alem de ser bem recebido,
 A seu contentamento respondido.

Chegando assi, cõtete, & acõpenhado
 A casa da Rayua, em meio delles,
 De fora o recebeo, por seu mãdado (len
 O seu mordomo môr Marques dos Vel
 A qual estaua em pè num rico estrado
 Rodada de Damas, ond' apelles
 Olhando de qualquer a fermosura,
 Retratara de Venus a figura.

Quis lhe bejar a mão, não lha quis dar
 Nem menos quis ós mais tal consentir
 Antes o fez erguer, com s' inclinar,
 E com alegre rosto o fez cobrir.
 Quira carta lhe deu, com lhe falar
 Pa'curas, qu'ella só podia ouuir,
 E posto que mais altas que podia
 Ouuir, quem a tal tempo tanto via?

Resplan.

Resplandecia alli qual pura estrella,
 O f. e seu filho tenra planta
 Que de poder formar cousa taõ bella
 Affirma a Natureza que s'espanta.
 Em vez de dar a mão fugio coella
 Com tamanho repouso, & graça tantz
 Que podia caber tal gravidade
 Em mais annos q̃ cinco annos d'idade.

Mac q̃ direy da luz que derramaua
 A Infanta Isabel, que ally s'õmente
 A mão direita da Madrastra estaua,
 Estando a mais moça entãõ doente?
 Afora a fermosura que mostraõna
 No bello gesto seu resplandecente,
 Mostraõ as mais graças q' em si tinha
 Que o Ceo a dera ca pera Raynha.

Vêdo eila o embaixador posto diãte
 Que lhe pedia a mão, com doce modo
 Atras a retirou a bella Infante,
 Mouendo ayrosamente o corpo tode;
 Tornou elle à Raynha ao mesmo instante
 A quẽ fez (por cõprir de todo em todo)
 Despedindose della, hũa misera.
 Esquecerãolhe as Damas por ventura?

A todas, cõ grãõ tẽto, em se voluêdo
 O decoro guardou, como deuia,
 Ellas por não ficar isto deuenido
 Pagarão com brandura, & cortesia.
 Dally sem tempo algũ hyr entretendo
 Que o mesmo tẽpo mais não consentia
 Foy visitar os Principes Irmãos
 Filhos do Emperador Rey dos Romãos

Os quaes por ser razão q̄ delles cōte
 Ambos de verde claro se vellez,
 Sinal de frequentar o valle, & o monte
 Como tarde & manhaã sempre faziaõ.
 Moços de gentil arte, alegre fronte,
 Onde fermosas partes florecião,
 Ornando d'alto ensino a gẽtileza,
 Que engrandecia mais sua grandeza:

A porta da sua camara ambos vieraõ
 Arecebelo, quando entrar o viraõ,
 Tal foy a hora aly que lhe fizeraõ
 Que tẽ elle se cobrir não se cobriraõ:
 Depois q̄ hũ pouco em pẽ s'ẽtretiuerãõ
 Co a mẽlma cerimonia s'ẽspediraõ,
 Mouendo a quẽ tal vio estranho espãto
 Tamanha cortesia em valor tanto.

Depois que tudo isto assi passou,
 O valeroso Alcaçoua Carneiro
 Antes de se tornar na casa entrou
 Onde leuadõ fora de primeiro,
 Ally co Duque d'Alua praticou,
 Sem antr'elles auer algum terceiro.
 Ally fez outro tanto co Marques.
 Co Conde de Bõndia o mẽlmo fez.

E logo, porquẽ ja Febo nos braços
 Da branda Thetis descansar queria,
 Tomando cada vez mōdes espaços
 A sombra que dos montes ja cahia,
 De todos s'ẽspediõ fora dos paços,
 Tẽ onde lhe fizerãõ companhia
 Deixando de seu nome, hum nome qual
 Serã louuor eterno a Portugal.

E quan-

E quando ja no Ceo Diana bella,
 O luminoso rosto descobrira
 Deixando o bosq̃ atras, deixando aq̃lla
 Magestade real, que tanto admira,
 A Segouia chegou, descangon nella;
 Onde tambem descance a minha lyra,
 Porque depois melhor encordoada
 Possa cantar o fim desta jornada.

C A R T A

Ao Licenciado Ioão Pimenta meu
 sobrinho.

S Enhor sobrinho, este silencio vosso
 Se se quebra cõ versos, prouar quero
 Que cõ profas bem sey q̃ ja não posso
 De sol, em sol. de lúã, em lira espero
 E inda q̃ d'anno em anno tãbẽ diga,
 Pouco, do certo ponto destempero.
 Qual ley ou qual razaõ vos desobriga
 Da ley da Natureza? qual enleo?
 Poruẽtura o Ceo quer q̃ se não siga?
 Tanto vos sumergistes no Lethen
 Que de muy fracas ja vossas lãbrãças
 Esporas haõ mister, não duro freo.
 As promessas que tem leues mudanças
 Saõ votos, em naufragio prometidos
 Que depois mal se cõprẽ nas bonãças.
 Que sejam outros homẽs esquecidos
 De mim; pouco me dá, de vos o sinto
 De vos q̃ sois senhor doutros sãtidos.
 Consentirdes descuidos não consinto,
 Porq̃ assi ireys criando tão graõ bojo
 que

C A R T A .

C. 2. No s'abrangerà cõ qualq̃r finto.
 Pois vos hides logiando de tempo
 Nas ourelhas, qu'estão á vossa conta,
 Vigiai, não lhe faça o lobo no!o.
 Vós tereis tal lembrança por afronta;
 Mas eu faço o q̃ faz mestre desgrima,
 Que para dar na maõ á vista aponta.
 Não vos pinto a figura deste Enima,
 Porque figuras já vos são mais claras,
 Que no fresco veraõ agnas do Lyma.
 Vão os que guerraõ d'almenaras,
 Para de longe dar à gente auiso,
 E ponha e cobro as suas confas caras.
 Em vaso crystalino puro, & liso
 Parece mal qualquer peño argueiro
 Que no de barro fica sendo riso.
 Ariosto os seus versos d'hũ oleyro
 Mal cantados ouvindo, & vêdo cruas
 As panelas, qu'ensugava ao soalheiro
 Pisoulhas todas hũa vez, & duas?
 Dizê do: Pois me dânas obras minhas
 Não t'espâtes de mim, se dâno as tuas
 As cruas amargolas tem mezinhas:
 As aues, que seguras viuer querem,
 Não conuersão raposas, nũ foyntas.
 Infim vossos descuidos se modêrem;
 Dây mais de vds a este vusso hospicio
 Onde sabeis que todos bẽ vos querẽ.
 Não deis d'ingratidaõ mais claro indi
 q̃ negar não, se pôde ser caminho (cio
 Que cerra a porta a nouo beneficio,
 Hides, & vindes d'atre Douro, e Vinho,
 Que vos custa mãdar me hũ sã recado?
 Come vossos lacões, gastaos linho?
 Agora que me dou por reuingaõ

Em vos dar com amor esta fraternã,
 Que sem amor não fora tam ousado.
 Vos pergunto em q̃ modo se gouerna
 A vossa opposição, & porqu'espera,
 Se cuidaõ ser finita, ou ser eterna.
 No que se não desata, já podera
 Cortarse com razão, & s'aisj. fora
 Causa de más suspeitas, não nos dera.
 Mas pois tudo tem fim, tudo tem hora
 Da vossa inda não vir, não vos q̃i. vir
 Sofrei, como fizestes ategora.
 Pergunto mais (se em Musas entendeis
 Nesse tempo que dais a vossa Igreja)
 Por qu'auaro me sois do q̃ escreueis?
 Que pois oscio, & lugar là vos sobeja,
 Os versos que formardes, hẽ formados
 Quem quereis vòs q̃ cõ mór gosto os
 Os olmos cõ as parras abraçados (veja
 Os regos, que por baixo vaõ corrédo.
 Os campos d'alias flores matizados;
 O gado, que da relua andã pascendo,
 A fonte de sombria jã musgosa,
 A Rola, q̃ em ramo seco està gemêdo.
 E tudo isto là na selua fraudosa
 Vos moue a poctar; & sobre tudo
 A vossa branda vea copiosa.
 E sofrese comigo serdes mudo?
 Ah não, fallaine já, por qu'algũ dia
 Não me vejais conuolco carrancudo.
 Eternamente de vòs me queixaria
 Se prolongasseis este esquecimento,
 Que por vontade entam sei que seria.
 Mas não se abaixa hũ alto pensamêto
 A dar causa de pena, a quẽ dar deue
 Por sangue, & por amor cõtêtamêto.

Dizeime (igu'illo bẽ lembranos
 Não ficastes de...
 Com quẽ estas palavras vos escreue?
 Mas não foi nemos a picar arterias
 Porque não vos pareça ser defeito
 Sendo tratando, ja de outras materias.
 Dizeime s'esta ó inda em laço estreito
 Se seu rãcor antigo, a sogra, & a nora
 Se fizestes nisso algũ proueito?
 Que tué, quem do meu se logra agora
 Se nã tenha de mim nenhũ cõsenso:
 Se restituyllo m'elhor fora?
 Que vos juro q' pasmo, & estou suspẽso
 De ver que não àuer, que tudo sabe
 Quẽ sabe medir tudo, sendo immẽso.
 Colher o fructo alheo em razaõ cabe,
 Sem disso o proprio dono ser cõtete?
 Passemos adiante, isto s'acabe.
 Dizeime s'achais l. da nossa gente,
 Quẽ se lel rã de vno, não quando
 Interette, ou tal alho vè presente.
 Inda fora mais... preguntando
 Senão fora dar mostras d'oucioso,
 Mas sò cõ duas a cõta hirei cerrãdo.
 Ve novas do Lyria saudoso:
 E mais daquella, q' lhe foy vezinha,
 De cuja vitta vno desejo.
 Se saibã de vós a tençãõ minha:
 Se sempre fermoso siga a via
 Cõ tal brandura, qual para mi tinha,
 Quando por Siluie sospirar m'ouuia.





